



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

VIVA O URSO SEM LENÇO, SEM DOCUMENTO!

Brincando de Ala Ursa no carnaval de João Pessoa

Lívia Alves dos Santos Macedo

João Pessoa- PB

Agosto/2020

Lívia Alves dos Santos Macedo

VIVA O URSO SEM LENÇO, SEM DOCUMENTO!

Brincando de Ala Ursa no carnaval de João Pessoa

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-graduação do Mestrado em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, como exigência parcial para obtenção do título de **MESTRE EM ANTROPOLOGIA.**

Orientadora:

Dra. Luciana Chianca- UFPB

João Pessoa- PB

28-08-2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M141v Macedo, Livia Alves Dos Santos.

Viva o Urso Sem Lenço, Sem documento! : brincando de
Ala Ursa no carnaval de João Pessoa / Livia Alves Dos
Santos Macedo. - João Pessoa, 2020.
150 f. : il.

Orientação: Luciana Chianca.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/PPGA.

1. Carnaval - Festa. 2. Ala Ursa. 3. Cultura popular.
4. Festa popular. I. Chianca, Luciana. II. Título.

UFPB/BC

CDU 398.332.47(043)

Lívia Alves dos Santos Macedo

VIVA O URSO SEM LENÇO, SEM DOCUMENTO!

Brincando de Ala Ursa no carnaval de João Pessoa

Aprovada em 28 de Agosto de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Luciana Chianca – Orientadora (UFPB)

Prof. Dra. Renata de Sá Gonçalves – Membro Titular Externo (UFF)

Prof^a. Dr^a. Patricia Goldfarb - Membro Titular Interno (UFPB)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao grupo Sem Lenço, Sem Documentos e aos outros de Ala Ursa de João Pessoa, Paraíba, brincantes desse folgado e que mantêm essa manifestação tão presente na cidade. Dedico, também, a todos as pessoas que participaram deste trabalho direta e indiretamente, colaborando positivamente nesta etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

São muitas pessoas que tenho que agradecer para a finalização desta pesquisa.

Primeiramente, agradeço a minha família, minha mãe Myrian e meus pais João e Távico por sempre me apoiarem nesta jornada acadêmica e de vida. Aos meus irmãos, Lara, Tomás, Daiana e Gabriel pela grande parceria de vida, que me sustenta no dia a dia.

Agradeço a Profa. Dra. Luciana Chianca, que antes e durante o mestrado, me acolheu pacientemente. Esteve presente na construção desta pesquisa, me apoiando, estimulando e acompanhando todo processo. E a Jéssica, que me apresentou ao grupo Sem Lenço, Sem Documento.

Ao meu companheiro, Dodô, que me amparou e me encorajou nas correrias do dia a dia que surgiram nestes 2 anos e meio de trabalho, compartilhando alegrias e angústias deste processo. Além de me acompanhar, quando foi necessário, nas aventuras de pesquisa de campo.

Agradeço, principalmente, a todos os integrantes do grupo Sem Lenço, Sem Documento. Sem os quais não seria possível a pesquisa. Em especial, a Ramos, Dona Madalena, Seu Samuel, Ronaldo e Ana Lúcia que estiveram a todo tempo à disposição em me auxiliar na pesquisa. Abrindo sua casa para uma desconhecida, e por fim construímos entre nós, um laço fraternal e harmonioso.

Às minhas amigas e amigos, Aiana, Nedi, Isabela, Aurora, Lorena, Paula, Drika, Vinicius, Pajé Isaías e família, Duda, Luís e Irla, e todos os colegas que fiz neste tempo de pesquisa. São pessoas fundamentais na minha chegada e permanência na cidade, me apoiando cada um de sua maneira, transformando esses dois anos e meio em um período alegre, festivo e saudável.

Aos professores e equipe do Programa de Pós Graduação em Antropologia da UFPB, por estarem sempre disponíveis a dúvidas, me ajudando nesta pesquisa e demais temas que estudei durante esta etapa da minha vida.

Minha eterna gratidão a todos vocês! E boa sorte a todos!

”Urso Sem Lenço, cadê você? Eu vim aqui só pra te ver!”
(Grito de guerra do grupo Sem Lenço, Sem Documento.)

RESUMO:

O carnaval é uma celebração nacional que envolve toda sociedade brasileira, espontaneamente ou não. Nele atua outra ordem estrutural na qual surgem diversas manifestações populares; dentre elas, o Ala Ursa. Trata-se de um espetáculo performático encontrado notadamente na Paraíba e Pernambuco (Brasil), que acontece no período de carnaval e pré-carnavalesco. O Ala Ursa (ou La Ursa) traz a figura principal de um ou mais jovens paramentados de vestimenta e máscara representando um Urso. Seus acompanhantes trazem na mão uma vasilha para coletar dons, formam um conjunto musical de percussão (batucada) e seguem caminhando e dançando pelas ruas e espaços públicos, interagindo com quem encontram no caminho. Por meio de uma abordagem qualitativa do tipo etnográfica, com entrevistas livres, relatos orais, registros audiovisuais e observações diretas e participante sobre a preparação e a atuação do Ala Ursa Sem Lenço, Sem Documento para o carnaval de 2019, esta pesquisa busca compreender a relação dos integrantes deste grupo com o bairro do Roger (sede do grupo) e com a cidade de João Pessoa. Além de contribuir para compreender a relação dos grupos de Ala Ursas mantêm com a cidade a partir do Carnaval Tradição de João Pessoa, buscar compreender os símbolos dos Ursos do SLSD e evidenciar a organização e produção do grupo do Carnaval de 2019. Os referenciais teóricos baseiam-se nos estudos de carnaval, ritual e da própria manifestação Ala Ursa, além da cidade enquanto território festivo. Percebemos que o grupo reforçou marcadores de etnia e classe social em sua estética e linguagem, sendo que a vivacidade do folguedo revelada nas apresentações nas praias, avenidas principais, ruas e praças da cidade, fortalecem a resistência cultural popular do Roger, bairro de origem do grupo. Assim, o Ala Ursa Sem Lenço, Sem Documento também reafirmou sua presença no cenário festivo da cidade contribuindo significativamente nos processos socioeducativos, linguagens artísticas, e autoestima dos seus integrantes. Percebeu-se que os Ursos (Adultos e Mirins) do folguedo ocupam um espaço importante no imaginário coletivo local, atuam como um símbolo de renovação de ciclo associado a diversão e ao medo do público; sendo que os Ursos Mirins estão mais ligados ao “dançar o Urso” e afetos positivos das crianças do público, já os Adultos à virilidade e prestígio acompanhados de responsabilidade e bebida alcóolica. O grupo também é um instrumento poderoso político e social do bairro, um espaço de construção e ressignificação das identidades negras individuais e grupais; desafiando todos os anos a estrutura social dominante negando que esta seja a única forma de organização.

Palavras- chave: Ala Ursa, carnaval, festa, cultura popular, festa popular.

RESUME:

Carnival is a national celebration that involves all Brazilian society, spontaneously or not. There is another structural order in which diverse popular manifestations appear; among them, the Ursa Wing. It is a performance show found notably in Paraíba and Pernambuco (Brazil), which takes place during the carnival and pre-carnival period. The Ursa Wing (or La Ursa) bears the main figure of one or more young people dressed in clothing and mask representing a Bear. Their companions carry a bowl to collect gifts, form a percussion musical group (batucada) and continue walking and dancing through the streets and public spaces, interacting with those they meet along the way. Through a qualitative approach of the ethnographic type, with free interviews, oral reports, audiovisual records and direct and participant observations on the preparation and performance of Ala Ursa Sem Lenço, Sem Document for the carnival of 2019, this research seeks to understand the relationship of the members of this group with the neighborhood of Roger (headquarters of the group) and with the city of João Pessoa. In addition to contributing to understanding the relationship of the groups of Ala Ursas maintain with the city from the Carnival Tradition of João Pessoa, seek to understand the symbols of the SLSD Bears and highlight the organization and production of the 2019 Carnival group. The theoretical references are based on the studies of carnival, ritual and the Ala Ursa manifestation itself, in addition to the city as a festive territory. We realized that the group reinforced markers of ethnicity and social class in its aesthetics and language, and the liveliness of the revelry revealed in the presentations on the beaches, main avenues, streets and squares of the city, strengthens the popular cultural resistance of Roger, neighborhood of origin of the city. group. Thus, Ala Ursa Sem Lenço, Sem Documento also reaffirmed its presence in the city's festive scene, contributing significantly to the socio-educational processes, artistic languages, and self-esteem of its members. It was noticed that the bears (adults and children) of the fun occupy an important space in the local collective imagination, they act as a symbol of cycle renewal associated with the public's fun and fear; being that the Little Bears are more connected to “dancing the Bear” and positive affections of the children of the public, while the Adults to virility and prestige accompanied by responsibility and

alcoholic drink. The group is also a powerful political and social instrument in the neighborhood, a space for the construction and re-signification of black individual and group identities; challenging the dominant social structure every year, denying that it is the only form of organization.

Keywords: Ursa Wing, carnival, party, popular culture, popular party.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO.....	1
1. CARNAVAL BRASILEIRO E O ALA URSA.....	12
1.1.O Carnaval Brasileiro.....	12
1.2. O carnaval de João Pessoa.....	23
1.3. O folguedo do Ala Ursa.....	26
2. ALA URSA SEM LENÇO, SEM DOCUMENTO.....	30
2.1. O bairro do Roger.....	30
2.2. História do Sem Lenço, Sem Documento.....	34
2.2.1. O Sem Lenço, Sem Documento e a história da família Da Silva.....	34
2.2.2. Criação do grupo.....	37
2.3. Fazendo um bloco de Urso.....	39
2.3.1. “Diretoria”: família “da Silva”	40
2.3.2. Integrantes do grupo SLSD, instrumentos e outros acessórios.....	46
2.3.3. Cotidiano dos integrantes.....	51
2.3.3. Relação de Ramos com os pais e integrantes do grupo: critério e valores.....	53
2.3.4. Roupas dos tocadores e indumentária dos Ursos.....	55
2.4. Parcerias do Sem Lenço e Sem Documento.....	65
2.4.1. Centro Cultural Piollin: uma parceria institucional.....	65
2.4.2. Ala Ursa Gavião.....	67
3. CICLO FESTIVO: DOS ENSAIOS À APRESENTAÇÕES.....	70
3.1. Os ensaios e o pré Carnaval.....	72
3.1.1. Ensaios abertos pelo Bairro do Roger.....	72
3.1.2. Nos finais de semana saiam em bairros próximos e praia do Poço em Cabedelo.....	75

3.1.3. Apresentações a convite da Prefeitura e de outros grupos de cultura popular.....	79
3.2. O Carnaval.....	82
3.2.1. Sexta- feira de carnaval, 1 de março, 2019.....	82
3.2.2. Sábado de Carnaval, 2 de março, 2019.....	85
3.2.3. Segunda de Carnaval, 4 de março de 2019.....	88
3.2.3.1 Desfile na Av. Duarte da Silveira.....	88
3.2.3.2 Desfile no Alto do Roger.....	92
3.3. Pós Carnaval.....	95
3.3.1. Confraternização final, dia 6 de maio de 2019.....	95
3.4. Dançar, brincar e batucar.....	99
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
4.1. Ala Ursa, <i>outsider</i> ou estabelecido?.....	108
4.2. Símbolos que carrega o Urso SLSD.....	115
4.3. Manutenção e continuidade do Urso SLSD.....	122
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	128
6. ANEXOS.....	132
6.1. Questionários dos integrantes do grupo.....	132

INTRODUÇÃO:

O carnaval atravessa o cotidiano dos brasileiros, de forma ritualística e alegre como dias de festividade em que há possibilidade de inúmeros encontros, além de ser composto por milhares de manifestações culturais distintas, variando de região para região.

Segundo Cavalcanti (2004), essas manifestações são experiências sociais elaboradas e vividas através de símbolos, metáforas e formas expressivas, vistos “na dança, na música, nas canções, na corporalidade, nos afetos e no uso dos sentidos humanos” (p.15). Victor Turner (1974) também as considera como resistências culturais da população, renovadas através das metáforas, possuindo poder de “expansão e ajuste” (TURNER, 1974, p. 21) e trazendo fluidez e transformação contínuas à sociedade, além de nos evidenciar ao mesmo tempo a rigidez e a flacidez estrutural da sociedade.

Assim, nas últimas décadas, o carnaval brasileiro tem sido objeto de reflexão de parte de antropólogos, historiadores e estudiosos em geral dedicados à temática da cultura (SILVA, 2009); já que uma das contribuições do Carnaval é sua infinita possibilidade de atuações e composições que dialogam com questões relevantes para a teoria e a etnografia das pesquisas antropológicas (CAVALCANTI; GONÇALVES, 2009). Algumas destas manifestações populares carnavalescas são apresentadas nas avenidas principais de diversas cidades, muitas vezes evidenciando a população e a cultura periférica e fortalecendo a cultura local.

Algumas delas são mais conhecidas nacionalmente, como o samba (evidenciado, principalmente, na televisão aberta), e outras inseridas na cultura local de algumas regiões, como os grupos de “Ala Ursas”, brincadeira popular encontrada principalmente nos estados da Paraíba e Pernambuco. É um folguedo de resistência popular, contribuindo significativamente para o fortalecimento da cultura popular das cidades, além de ser constituída (em geral) por crianças, adolescentes e jovens que residem em bairros socialmente desfavorecidos de políticas públicas. (ARANHA, 2015).

O folguedo Ala Ursa tem como protagonista algumas pessoas que se fantasiam de Urso(s)¹, podendo ser um ou mais (dependendo da organização e finalidade de cada grupo) que dançam ao ritmo de uma batucada. Geralmente, tocam nas ruas, avenidas e praias de distintos bairros e cidades

¹O folguedo será mais bem explicado no capítulo 2, como história, indumentária completa (roupa e máscara), entre outros itens importantes para se formar um grupo de Ala Ursa.

durante o carnaval. Durante a brincadeira, os Ursos brincam e pedem uma contribuição em dinheiro ao público para o grupo, coletado através de uma pequena cuia², ou qualquer outro objeto que exerça a mesma função. Em João Pessoa, esta manifestação popular vem se popularizando nas últimas décadas (ARANHA, 2014), e atualmente possui dezenas de grupos espalhados pela cidade. Neste sentido, torna-se importante pesquisar sobre esta manifestação: como ela se organiza e atua em seus bairros e territórios?

O “la ursa” ou “ala ursa” como é conhecida em João Pessoa, é um entretenimento da cultura local, formada por grupos de pessoas de diferentes idades que saem às ruas todos os anos, em diferentes bairros da cidade, às vésperas e durante os festejos carnavalescos em pequenos blocos de arrasto.(ARANHA, 2014, p.124)

O Ala Ursa é uma forma de demonstrar também processos subjetivos de seus produtores, pois além de ser uma mescla de simbolismo e a linguagem simbólica, segundo Berger e Luckman (1978) ambos os elementos são “componentes essenciais da realidade da vida cotidiana e da apreensão pelo senso comum desta realidade” (p.61).

Esta pesquisa é um estudo qualitativo do tipo etnográfico do grupo Ala Ursa “Sem Lenço, Sem Documento” (SLSD³), sediado no bairro do Roger, em João Pessoa. Algumas indagações iniciais que me guiaram para o desenvolvimento do estudo construindo caminhos para minhas análises foram: “O que é Ala Ursa? Por que este personagem de Urso? Quem brinca no Ala Ursa “Sem Lenço, Sem Documento? Onde vivem, o que fazem? Quais os marcadores sociais e/ou as categorias acionadas pelo grupo? Que tipo de relação o grupo mantém com o bairro? Qual a relação do grupo com a cidade? Onde eles se apresentam? O que leva essas pessoas, todos os anos, a fazerem e levarem às ruas o folguedo Ala Ursa? Que tipo de relação o folguedo Ala Ursa mantém com o sistema social mais amplo? Quais os interesses sociais que o SLSD sustenta? E em relação à indumentária, como é feita, quem faz, quem são os Ursos, como é “sair de Urso”?

Foram diversas indagações iniciais como se vê. Partindo de várias peças fui formando um mosaico de sons, cores, formas e movimentos que me permitiram adentrar num mundo cheio de

²Vasilha feita com o fruto da cuieira, conhecido como cabaça ou porongo, e escolhido cuidadosamente pela forma de vasilha arredondada que pode ser produzido por outro material também. A cuia pode ser usada para guardar objetos, comer ou beber.

³ Sigla usada ao longo da dissertação para referir ao grupo “Sem Lenço, Sem Documento”.

significados que evidenciou ainda mais a dinâmica cultural que escolhi pesquisar, -lembrando que o pesquisador chega a verdades parciais com abertura para revê-las e corrigi-las. (BECKER, 1977)

O objetivo principal da pesquisa foi buscar compreender a relação dos integrantes do SLSD com o bairro do Roger e com a cidade e os específicos foram: contribuir para compreender a relação dos grupos de Ala Ursa mantêm com a cidade a partir do Carnaval Tradição de João Pessoa; buscar compreender os símbolos dos Ursos do SLSD e evidenciar a organização e produção do grupo para preparação e atuação do Carnaval de 2019.

Através da pesquisa etnográfica, com observação direta e participante, com entrevistas livres, relatos orais, registros audiovisuais, observações diretas e participante (CARVALHO, 2011) e com o auxílio do caderno e diário de campo do Grupo Sem Lenço, Sem Documento (SLSD) acompanhei o grupo SLSD, na preparação e atuação para o Carnaval de 2019, em sua organização e atuação no bairro e na cidade. Durante 8 meses, de outubro/2018 a maio de 2019), acompanhei suas atividades desde o início dos ensaios do grupo até o fim do carnaval e o encerramento deste ciclo com a festa de confraternização (em maio de 2019).

As idas à sede do grupo, seja nos ensaios e/ou apresentações, assim como as interações cotidianas nortearam minha aproximação com eles, me guiando para a pesquisa de campo, que incluiu a observação da dinâmica do grupo na sede e fora dela, conversas informais e entrevistas semi-estruturadas (com apenas algumas perguntas norteadoras), uso de histórias de vida como técnica e matéria de pesquisa além do uso dos vídeos e imagens⁴ como aproximação e negociação de troca com o grupo para a realização da pesquisa.

A sistematização dos dados também consiste em apreciar os detalhes etnográficos observados não só nos vídeos e imagens (CLARISSE PEIXOTO, 1996), como também com o auxílio do caderno e diário de campo, que foram fundamentais para esta pesquisa.

Inclusive as fotos distribuídas ao longo da dissertação são apresentadas em vários sentidos distintos, sendo a maioria descritivas e ilustrativas para a complementação do texto e o leitor poder ter uma breve aproximação sobre o campo; algumas aparecem como retratos, principalmente em

⁴Inspirado na metodologia “própria” de Clarisse Peixoto (1996) que com objetivo em aprofundar a investigação no campo da antropologia visual, integrando à sua metodologia os instrumentos da antropologia visual (recursos audiovisuais), empregou o recurso audiovisual como “instrumentos de pesquisa paralelamente às entrevistas orais, pois a visualização repetida das imagens sugere outros questionamentos, permitindo então a correção, modificação ou inclusão dos personagens” (p.255).

relação a família fundadora do grupo SLSD e outras imagens além de ilustrativas permitem livres reflexões para o leitor.

O grupo SLSD se mostrou, disponível desde o início dos nossos contatos. Nos abriu sua casa não apenas para mim, mas para todos que interessam pelo tema, como pude observar durante esses 08 meses. Assim, a pesquisa foi se concretizando, principalmente, com as vivências diárias com os integrantes do grupo nas longas tardes de muita conversa com os seus dirigentes e integrantes. Eles compuseram o cenário e foram meus colaboradores de pesquisa em relações construídas que privilegiaram também o ato de falar, de ouvir, num jogo de reapropriação da língua por locutores, permitindo instaurar “um contrato com o outro, num emaranhado de relações e espaços” que é presente nas interações do campo, e “está embutida no ato de cozinhar, de costurar, andar, dentre outras”.(CERTEAU, 1998, p.48)

As diversas falas, gestos unidos a minha observação e a bibliografia também compõem o material para a análise, lembrando também que a etnografia foi guiada por emoções e interações “assinalando a natureza simbólica da ação social” (CARVALHO, 2011, p. 304), sendo a pesquisa um processo social permeado de interações sociais reais, não imaginadas ou regido por forças invisíveis. Ela se constrói a partir de narrativas de vida e relatos orais que são instrumentos de pesquisa social desde as décadas de 1920 e 1930, no contexto da escola de Chicago, lembrando a relação teórica e metodológica das abordagens centradas no indivíduo como sujeito da ação social:

O registro de relatos orais- da história de vida, mais especificamente- apresenta- se, nesse contexto, como um canal privilegiado de acesso àquilo que os indivíduos não fixam por meio da escrita (...) Para defesa do uso de histórias de vida como instrumento de pesquisa, registros dessa natureza serviriam para captar o não explícito, quem sabe mesmo o indizível. (CARVALHO, 2011, p.307)

A observação participante foi usada também dentro da metodologia da pesquisa como uma interação entre pesquisador e pesquisado, “onde aquele, mais ou menos imerso no mundo deste, atua não como um observador externo, mas como ator na própria interação.” (CARVALHO, 2011, p.306). Acerca da relação do grupo comigo, não só eu como outros pesquisadores e pesquisadoras se viram em lugares confusos, ou mesmo sem controle de como são vistos pelo grupo- no próximo item discuto melhor sobre essa aproximação e relação., que L. Carvalho relatou também (2011) na sua relação com Betinho, dirigente de um grupo de bumba meu boi no Maranhão,

[...] alguém que chegaria em sua vida para ajudá-lo a levar a público sua história e prosseguir em sua missão, Betinho acolheu com simpatia nesta pesquisa, vendo-me ora como uma enviada dos santos, ora como uma filha que tem, como ele próprio, uma obrigação de natureza místico- religiosa a cumprir. (p.440)

Foi um desafio tentar compreender o mundo construído em torno desta brincadeira , considerando o Ala Ursa Sem Lenço, Sem Documento como uma composição de cores, visualidades, danças, gestos, vocabulários, pensamentos, melodias, interações e relações, processos, conflitos e tensões, sentimentos, emoções e afeições, agregados ainda de “condutas e ações simbólicas que, sempre feito e refeitos no curso de tempo”, permeiam a experiência social, conferindo-lhe graça, intensidade e ritmos próprios (CAVALCANTI, 2004, p.10).

Iniciamos essa dissertação por uma revisão bibliográfica que, incluindo alguns autores e autoras que dialogavam com carnaval, festa, ritos, o carnaval de João Pessoa e a manifestação do Ala Ursa como DaMatta (1971, 1981), Backhtin (1987), Certeau (1998), Mériot (1999), Feixa (1998), Turner (1974), Cavalcanti (1998, 2014), Brulon Soares (2011), Marins (2015), Chianca (2013), Aranha (2014, 2015), Mira (2016), Queiroz Ramos (2008), Gonçalves (2013) e Carvalho (2011).

No segundo capítulo tento aproximar o leitor do universo do grupo Sem Lenço, Sem Documento situando-o no bairro do Roger, onde está a sede do grupo através das referências de alguns autores como: Cabral (2018); Bispo (2015); Chianca, Oliveira e Carvalho (2019). Depois, falarei brevemente sobre o núcleo familiar Da Silva, responsável pela criação do grupo e de como ele se formou e permanece, passando para a compreensão mais detalhada de como o SLSD se organizou, em 2019, com relação às funções e os critérios de entrada no grupo; quem são e como vivem seu cotidiano, além da relação que os dirigentes têm com as famílias dos participantes.

Em seguida, trago as particularidades da pré produção do grupo, em relação ao processo de construção da indumentária e máscaras dos Ursos, roupas dos tocadores, os instrumentos e acessórios usados na brincadeira. Por fim, finalizo o capítulo explicitando as parcerias que o Sem Lenço, Sem Documento construiu ao longo de sua jornada, e para realizar o carnaval de 2019.

No capítulo 3 descrevo e discorro sobre os ensaios e apresentações que ocorreram para a preparação do carnaval de 2019, tentando aproximar o leitor nas vivências que tive com o grupo. No final veremos os elementos que se repetiram em suas apresentações: dançar, brincar e batucar. Alguns autores citados com os quais busquei dialogar neste capítulo foram: Silva (2000), Carvalho (2003), Van Gennep (1978), Berger e Luckmann (2004), Carvalho (2011), DaMatta (1971), Mériot (1999) e Cavalcanti (2014).

Nas considerações finais, discuto a relação do folguedo Ala Ursa com a cidade, trazendo os conceitos de “*outsider* e estabelecido”, trazido por H. Becker (2008) e “desvio”, de Berger e

Luckmann (2004), além de outros autores como Carvalho (2011), Feldman-Bianco (1987), Wacquant (2001), Gonçalves (2013) quando busco dialogar com as narrativas de integrantes do SLSD sobre o vínculo com bairro do Roger, e a própria relação que os grupos do SLSD mantêm com o Carnaval de João Pessoa.

Em seguida, busquei discutir quais os símbolos dos Ursos do SLSD, ou melhor: quais os sentimentos, emoções e situações vividas por aqueles que vestem-se de ursos, partindo de depoimentos dos brincantes, referenciando suas falas com a própria representação do animal “urso” na sociedade e natureza. Além de uma festa que acontece nos Pirineus (Mériot:1999) onde também há presença de personagens Ursos; retomei alguns autores que enriqueceram esta discussão como DaMatta (1971), Turner (1974), Queiroz Ramos (2008), Benjamin (2004), Aranha (2014) e Carvalho (2011). Por fim, finalizei o capítulo apresentando algumas ferramentas que o SLSD vem fortalecendo para sua manutenção e continuidade, buscando corroborar também alguns autores já citados durante a dissertação.

A aproximação com o grupo:

Ela vai filmar a gente no domingo. (SAMUEL DA SILVA, um dos diretores do SLSD)

Cheguei na cidade de João Pessoa no fim de 2017, quando iniciei meu mestrado no Programa de Pós-Graduação de Antropologia, na UFPB, ainda com outro tema para projeto de mestrado. Conhecia pouco sobre a movimentação cultural de João Pessoa, mas sabia que queria realizar minha pesquisa nesta cidade, pois além de ser mais viável, seria uma boa oportunidade de conhecer melhor as manifestações culturais da região.

Como não foi viável dar seguimento ao projeto inicial do mestrado, em conversas com minha orientadora Luciana Chianca sobre meus interesses de pesquisa em arte-educação e cultura popular, ela me indicou o Centro Cultural Piollin⁵, mas esse contato também não deu certo por não conseguir conciliar, na época, a rotina das disciplinas a serem cumpridas com as visitas de campo.

Nesse mesmo período em que buscava temas para o projeto para o mestrado, já em agosto de 2018, Luciana Chianca me falou sobre os Alas Ursas e sua força cultural na cidade, e me mostrou um vídeo de uma La Ursa realizado pelo PAMIN⁶ em parceria com Centro Cultural Piollin

⁵Organização não governamental que desenvolve ações pedagógicas no campo da arte e cultura voltadas para crianças, adolescentes e jovens da Grande João Pessoa. <http://jpcultura.joaopessoa.pb.gov.br/espaco/80/>

⁶ O PAMIN é um programa de pesquisa e extensão desenvolvido na UFPB desde 2012, atuando na educação patrimonial e em projetos destinados ao estudo do patrimônio e da cultura popular. É coordenado pela profa. Luciana

- como resultado de uma Oficina de Educação Patrimonial. Até aquele momento não sabia da existência desta manifestação, mas depois de me informar mais, assistir e ler algumas coisas, fui conhecer a sede de um dos grupos de Ala Ursa, o Urso Sem Lenço, Sem Documento, com uma de suas alunas, com Jéssyca Marins⁷

Passados alguns dias, voltamos à sede do grupo Sem Lenço Sem Documento, localizada no bairro do Roger para entregar o DVD do vídeo que ela desejava entregar ao grupo como restituição da pesquisa precedente do grupo PAMIN. A sede do grupo é a casa da família “Da Silva”, um ambiente com muitas plantas, uma vista bastante bela da cidade, bem aconchegante, cuidada e organizada: tinha fotos da família, troféus e tambores do grupo espalhados pela sala e bem visíveis aos visitantes.

O bairro do Roger fica na zona norte da cidade de João Pessoa, às margens do rio Sanhauá, a cerca de 3 km do centro. Ele tem uma importância histórica na cidade, por ser um dos locais iniciais do desenvolvimento da cidade, inclusive é nele que se localiza o patrimônio natural Parque Arruda Câmara. No entanto, neste bairro também foi instalado o Lixão (desativado em 2003), e construída a Penitenciária Desembargador Flósculo da Nóbrega (em 1940), e ativa até hoje (BISPO, 2015).

O bairro Roger (ou “do Roger”, como é chamado) é uma área com escassez de serviços público básicos, como a falta de tratamento de esgoto em algumas zonas e apresentando o seu desenvolvimento social de -0,12%, sendo que grande parte dos trabalhadores do Roger ocupam cargos de baixa remuneração como faxineira e serviços gerais⁸.

O bairro também tem uma importância notável na cultura popular da cidade e é berço de muitas manifestações e grupos culturais, como terreiros, capoeira, rezadeiras, Escola de Samba, Quadrilhas Juninas, Alas Ursas, entre outros (CABRAL, 2018). Sua relevância na cidade será melhor explanada no capítulo 2 e nas considerações finais, buscando destacar que “os lugares não

Chianca e envolve alunos da graduação e pós graduação da UFPB. Link do vídeo La Ursa Piollin: <https://www.youtube.com/watch?v=WL-m1dkpeMs>

⁷Ex-bolsista do Pamin, Jéssyca Marins mediou minha visita ao C. C. Piollin e depois com o SLSD, ou seja, foi uma mediadora minha apenas nessa situação, sem manter outras colaborações após ao longo da pesquisa.

⁸ww.joaopessoa.pb.gov.br/portal/wp-content/uploads/2012/04/TOPOGRAFIA-SOCIAL-DE-JOAO-PESSOA_2009.pdf. Fonte: (Censo IBGE, 2000 e 2009).

são dados a priori em um mundo exterior ao sujeito, e sim construídos em meio às interações sociais” (GONÇALVES, 2013)

Bom, chegando à casa da família “Da Silva”, Ramos, um dos organizadores do grupo, já esperava por nós. Fomos bem recebidas e apresentadas a seu pai Samuel, a sua mãe Madalena e seu irmão Ronaldo. Em seguida, Ramos nos levou à Oficina, no fundo da casa, para mostrar as máscaras e roupas dos Ursos e o local em que as fazem. Adiantou que o tema do grupo para o Carnaval de 2019 seria O Circo e também uma homenagem ao palhaço Benjamin de Oliveira⁹ e que seria realizada em parceria com Centro Cultural Piollin, já citado.

Durante esta visita, não demorou muito para eu dizer sobre meu interesse em acompanhar o processo do grupo na preparação do carnaval de 2019, sendo que já era fim de setembro de 2018 e eles iniciavam os preparativos do próximo ano em meados do mês seguinte. Ramos aceitou de imediato minha presença no grupo, pedindo que eu fizesse os registros fotográficos das apresentações, que iniciariam já no fim do ano de 2018 e finalizariam com a festa de confraternização em maio de 2019. Expliquei que não era fotografa, mas o grupo não necessitava de um trabalho profissional. Então, comecei indo aos ensaios, que se iniciaram em 10 de outubro de 2018. Finalizamos aquele primeiro encontro com a entrega do DVD do PAMIN que Jéssyca levou e registramos aquele momento com uma foto, sugerida por Ramos, ali, na hora.

⁹Benjamin Chaves (1870-1954), mais conhecido como Benjamin de Oliveira, foi artista, compositor, cantor, ator e palhaço de circo brasileiro. Ele é mais conhecido por ser o primeiro palhaço negro do Brasil, além de ser o idealizador e criador do primeiro circo-teatro mundo onde há união entre as artes teatrais e circenses. (SILVA, 2007)



Figura 1: Jéssica ao meio com o DVD, de um lado eu e do outro Ramos na primeira visita à casa. Foto: Samuel. Montagem: Grupo Sem Lenço, Sem Documento.

Durante a pesquisa a minha relação com o grupo foi ambígua, pois alguns dos integrantes não sabiam o que estava fazendo ali, mesmo se Ramos e eu explicávamos sobre como aconteceu a parceria. A câmera fotográfica favoreceu a construção da minha imagem, em relação ao grupo, como uma profissional relacionada ao jornalismo ou à produção cultural, mal-entendido que persistiu durante todo processo da realização da pesquisa de campo.

Madalena:(...) mas vc é jornalista? Tu não ganha dinheiro, ganha?

Eu: Ganho, mas...(interrompeu a minha fala)

Madalena: Trabalhando com isso aí, né? Vai ser repórter. Mas tu não quer ser repórter, não? Era pra você ser repórter. Fazendo entrevista... A pessoa pra ser repórter, tem que estudar muito. Eu queria que Willian (seu neto) fosse até a faculdade.”(Dona Madalena na sede do grupo, 23/10/18)

Cremilson (integrante do grupo): Essa é nossa produtora cultural (me apresentando), mãe! Ela tirou foto da gente tudinho nas apresentações! (Cremilson, festa de confraternização Final do grupo, após Carnaval, 6/05/19)

No entanto, a negociação do audiovisual do grupo foi importante para mim, pois o material produzido foi um conteúdo que possibilitou uma ligação mais rápida e funcional com os integrantes do grupo. Logo no início, com exceção de alguns integrantes (Ramos e Madalena), o

resto do grupo evitava se comunicar verbalmente comigo, apenas me concediam sorrisos e gestos; além de eu receber permanentemente um tratamento de “visitante”. Reparei isso nos pequenos gestos, como no copo d’água: eu era a única que, nos ensaios, tomava água em copo de vidro, por insistência de Madalena. Os demais tomavam em copos de plástico???? Apesar de eu dizer que não era necessário...

Finalmente, a presença da câmera e minha função “jornalista” registrando as apresentações foi favorável, pois alguns deles gostavam de ser “entrevistados”, mesmo que timidamente. Como eu chegava sempre com antecedência aos ensaios e apresentações, os integrantes que já estavam na sede pediam fotos e assim eu percebia que poderia “puxar uma conversa” deixando a câmera filmando (para não inibi- los muito). Também houve momentos em que usei a câmera para pedir pequenas entrevistas aos integrantes.

Fui percebendo cada relação, e dando tempo ao tempo, para me vincular mais a eles. Aos poucos eles ficaram à vontade com a câmera e com minha presença. Peixoto (1996) relata sobre o uso do áudio visual em sua pesquisa, destacando os efeitos da câmera em sua pesquisa com idosos em Paris:

Desse modo, o antropólogo e sua câmera podem estabelecer um contato estreito e, portanto, uma relação quase confidencial. Este foi um dos fatores fundamentais na interação com os idosos, principalmente os parisienses, que preservam com muito zelo a tranquilidade de seu "pequeno paraíso" e, sobretudo, sua intimidade. Assim, o fato de chegar só com a câmera serviu de chave para a abertura de portas até então apenas entreabertas pelos métodos clássicos da antropologia. (p.257)

Em nossa pesquisa de campo, ambos os “lados” estiveram suscetíveis de sofrerem interferência” (BERGER; LUCKMAN, 1978. p.50), isto é, entramos em contínua negociação e expectativas: também atravessei sentimentos difusos que não sabia distinguir ao certo, oscilando, talvez, entre estranheza e identificação. Ao mesmo tempo que não conhecia nenhum deles antes de iniciar a pesquisa, a questão de ser mulher e paulista (falando com um sotaque bem diferente da cidade) também, inicialmente, pareceu gerar estranheza e certo constrangimento a ambos lados, já que o grupo majoritariamente é feito por meninos, adolescentes e adultos homens paraibanos.

Assim como Favret- Saada em sua pesquisa de campo sobre feitiçaria no Bocage francês, acredito que passei por reflexões semelhantes a autora, por exemplo: como eles me viam? Ou, o que esperavam de mim? Ou mesmo, o que eu estava buscando ali? Já que os objetivos da pesquisa não estavam definidos muito claramente para eles e considerando também que eu nunca havia visto um bloco de Urso a não ser por vídeos... Então era algo totalmente novo para mim e nem eu

sabia ainda o que iria descobrir nesse campo aberto-, apesar de já ter participado de outras manifestações populares e feito outra pesquisa de campo durante o meu TCC de graduação. O que me guiava ali era a curiosidade, a esperança e a confiança de que mais para frente iria compreender melhor o que estava buscando.

[...] eu organizava meu diário de campo para que servisse mais tarde a uma operação de conhecimento: minhas notas eram de uma precisão maníaca para que eu pudesse, mais tarde, relatar os eventos, e então – como eu não estaria mais “enfeitada”, apenas “reenfeitada” – compreendê-los, eventualmente. (FAVRED- SAADA, 2005, p.158)

Por fim, as fotos e vídeos captadas durante o campo¹⁰ foram disponibilizadas para o grupo através do GoogleDrive, e são utilizadas nos perfis do SLSD: Instagram e Facebook. Inclusive vi uma delas na reportagem sobre o Carnaval Tradição de João Pessoa, divulgado no site do g1.globo¹¹, ou seja, o material audiovisual está sendo usado por eles na divulgação do grupo. Depois de finalizar o campo, revelei várias fotos do tempo que eu os acompanhei, entregando uma para cada integrante e muitas outras para a família “Da Silva”.

Além disso, ainda há o projeto de construir um documentário sobre o SLSD, pois recolhi um material rico de narrativas e imagens sobre a história e formação do grupo, do processo da construção das indumentárias dos Ursos e diversas apresentações.

Com o passar destes 08 meses de campo, minha presença foi se tornando habitual e familiar à grande maioria dos integrantes do grupo: muitas formalidades foram esquecidas, deixando espaço para a espontaneidade nas relações. Aos poucos, fomos nos conhecendo, principalmente através dos momentos anteriores aos ensaios e apresentações. Até que, na segunda-feira de carnaval, após o Desfile Final do grupo no seu bairro (o Roger), um dos integrantes revelou que pensava que eu morava ali mesmo, perto da sede do grupo SLSD, evidenciando uma associação entre a minha proximidade afetiva (e subjetiva) com o grupo e aquela ligada minha residência (física) com o grupo e com o bairro

Estar junto a este grupo, proporcionou um aprofundamento sobre o que é esse evento social de grande complexidade chamado como Ala Ursa, trazendo uma riqueza única para aqueles que se interessam pela tentativa de entendimento da cultura popular e sociedade que ocupamos.

¹⁰Todo material audiovisual captado durante o trabalho foi disponibilizado para o grupo por GoogleDrive.

¹¹<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/02/22/carnaval-tradicao-reune-ha-mais-de-cem-anos-a-cultura-e-o-ritmo-das-comunidades-de-joao-pessoa.ghtml>

1. CARNAVAL BRASILEIRO E O ALA URSA:

1.1. O CARNAVAL BRASILEIRO:

O carnaval é uma celebração nacional, que rompe com o cotidiano envolvendo toda a sociedade espontaneamente ou não; é o mundo da conjunção, da licença e do joking, onde vale dizer que seja “o mundo da metáfora” (DAMATTA, 1974, p.49). É um período em que a população interrompe ou altera seus hábitos diários, se liberando dos afazeres cotidianos e se orientando de acordo com a festa, que é festa pública e também urbana, convocando as pessoas a reivindicarem territórios para a folia: “rua, avenida, passarela, pista, quadra, terreiro, praça, salão, palco, terraço, onde quer que se possa acender sua faísca”. (CAVALVANTI, 2013, p.5).

Durante os dias festivos, decretados como feriado nacional, existe uma outra ordem estrutural de funcionamento, uma “desordem” que ajuda a construir e “cristalizar” uma identidade nacional (ARANHA, 2014), além de imitar a vida e seguir a complexa configuração social, em que os sucessos se alternam com os fracassos, a riqueza com a pobreza. (CAVALCANTI, 2009).

Considerando que o Brasil é um país que apresenta discrepantes diferenças econômicas, culturais e sociais que interferem diretamente na vida de todos, o carnaval, assim, atua numa zona de encontro e mediação, fazendo parte de uma lógica burguesa, como lembra DaMatta (1981):

[...] de um lado, existe o conjunto de relações pessoais estruturais, sem as quais ninguém pode existir como ser humano completo; de outro, há um sistema legal, moderno, individualista (ou melhor, fundado no indivíduo), modelado e inspirado na ideologia liberal e burguesa. É esse sistema de leis, feito por quem tem relações poderosas, que submete as massas” (DAMATTA, 1971, p.20)

Apesar de estar contemporaneamente inscrito na lógica liberal, ainda na Idade Média existia uma dualidade de mundo, separando o riso da Igreja e do Estado (BAKHTIN, 1987). Para este autor, a festa, vinculada à ideia de carnaval, é a forma inicial da civilização humana a acolher o princípio do cômico; sendo esta uma atividade ritual que divide atributos básicos com outras atividades e condutas simbólicas.

Não podemos negar ou subestimar essa forma de expressão, já que isso poderia deturpar nossa percepção do “(...) quadro evolutivo histórico da cultura europeia nos séculos seguintes” (p.5). Segundo Bahhtin ainda, o mundo do riso e das “infinitas formas” (p.3) se opõe ao mundo da cultura tradicional, religiosa e feudal da época. Uma dessas múltiplas apresentações são os ritos e espetáculos, ou seja, os festejos carnavalescos livres de qualquer dogmatismo religioso. Ele ainda

destaca a importância de Rabelais para o riso e as manifestações carnavalescas, sendo um “porta voz dessa natureza complexa” (BAKHTIN, 1989, p.11), que nos leva a um estado de sensações, anseios e desejos, de fantasia, lúdico e jocoso.

Essa diversidade de expressões da festa, assim como a heterogeneidade de cada expressão se revela por meio da estética, das indumentária, dos gestos, corpo, fala e por sua abundância característica, que nos permitem compreender e adentrar no seu universo.

Uma brincadeira festiva exige, assim, a liberdade dos movimentos, do corpo e da criatividade, uma atenuação das normas e dos hábitos diários que conduzem o comportamento humano do cotidiano, constituindo uma estrutura social diversa, na festa. (BRULON SOARES, 2011, p. 133).

Na Europa medieval, o carnaval ocupou o seu lugar do ano cristão, sendo celebrado, normalmente, quatro dias antes da quaresma- que por sua, é o período de preparação religiosa para a Páscoa (que é determinado no calendário lunar). Comemorado com festas e abundância de comida, o carnaval já estava posto no calendário cosmológico.

O carnaval medieval se mostrou, ao longo dos tempos, de forma diversificada em suas manifestações, mas por outro lado, se apresentava como uma unidade indivisível, ocupando um lugar bastante importante na vida medieval, através de

[...] festas públicas carnavalescas, os ritos e cultos cômicos especiais, os bufões e tolos, gigantes, anões e monstros, palhaços de diversos estilos e categorias, a literatura paródica, vasta e multiforme etc.” (Bakhtin, 1987, p. 5)

Assim, o riso, unido as fantasias e músicas, é um elemento fundamental que favorece a descontração e o afrouxamento das estruturas sociais já determinadas; trazendo um vasto repertório de formas e manifestações jocosas, opondo-se à cultural oficial, que se apresentava no tom sério, formal e religioso da época feudal. (BAKHTIN, 1987, p.3). Assim, no carnaval o riso pode ser comparado a um catalisador da experiência cotidiana:

O riso aqui tem o papel fundamental de falar da sociedade para ela mesma, ele informa sobre os seus valores e questiona a sua seriedade ao elevá-la a um estado de brincadeira e de questionamento. Assim, o riso é patrimônio do povo, pois envolve a todas as pessoas e coisas e está voltado reflexivamente para elas. (BRULON SOARES, 2011, p. 138).

No Brasil, numa perspectiva antropológica, o carnaval é uma festa da cultura popular que teve dois fatores importantes na sua constituição e permanência: o catolicismo ibérico; e o modernismo, junto com os estudos de folclore e das festas nas ciências sociais (CAVALCANTI, 2013). A autora afirma em relação a influência do catolicismo que:

[...] o tempo agido pelos ibéricos seria o tempo a serviço do homem. Fluindo lentamente e na ausência de sistema predeterminado, essa noção de tempo teria permitido o surgimento de novas modalidades culturais no contato com os povos não europeus, em contraste com o que Freyre chamou de "exclusividade pan-européia sistemática dos demais europeus". O cristianismo católico dos ibéricos - que diante dos demais povos teriam enfatizado, acima de sua condição européia e nacional, sua condição sociologicamente cristã - os teria aproximado dos povos não europeus por meio de um tempo que não era simples adequação ao trabalho contínuo; mas um tempo em que muita alternância entre trabalho e lazer, dança e labor, era propiciado pela própria Igreja. Produziu-se assim uma temporalidade que remeteria a uma série de ritos relacionados à renovação da vida, uma vida qualitativa, concebida de modo diverso de uma série de atividades lógica e quantitativamente valoráveis. (CAVALCANTI, 2013, p.3).

Já em relação ao modernismo, aos estudos de folclore e as festas nas ciências sociais, o impacto foi significativo para a solidificação e consagração de expressões populares como “especialmente características de uma originalidade cultural nacional” (CAVALCANTI, 2013, p. 4). A partir de 1930, quando se iniciou um amplo movimento intelectual (o Movimento Folclórico Brasileiro), que perpetuou até 1960, houve a formação de diferentes instituições culturais nas regiões brasileiras, entre elas museus, centros e secretarias de cultura e de turismo municipais e estaduais. Dos anos 1980 em diante,

[...] o estudo do vasto universo festivo brasileiro, com sua riqueza, variedade e heterogeneidade interna, vem se expandindo de modo notável na antropologia brasileira, em especial, a partir do ano 2000, a expansão e reconfiguração dos discursos de patrimônio abarcaram decididamente o tema reforçando o interesse antropológico pelo assunto. (CAVALCANTI, 2013, p. 4).

Estas perspectivas sociais construídas no século passado, ainda são objetos em ação, abertos e contraditórios, ligados ao passado e continuamente adaptados ao presente, possibilitando um caminho privilegiado para captar a originalidade do processo de formação da cultura brasileira e seu movimento. Assim, o carnaval é uma festa de grande importância, pois abarca várias destas manifestações culturais.

Antropologicamente, o Carnaval é considerado um rito¹² que articula, desarticula e rearticula desafios cotidianos, vivências históricas, tradições, operando de forma múltipla e involuntária na experiência social (CAVALCANTI, 2013). O carnaval, de modo amplo,

[...] funciona no sentido de evocar um mundo subjacente, reconstruído e imaginado sob a vida cotidiana que, ao dar espaço para que aflorem identidades diversas, almeja evocar simbolicamente uma identidade mais ampla.” (BRULON SOARES, 2011, p.130)

¹²Ao debater sobre ritos, Arnold Van Gennep retoma destaca que a vida de uma pessoa em qualquer sociedade é formada por uma sequência de passagens (Van Gennep, 2004 [1960], p. 1), de uma idade a outra, de uma função a outra, ou seja, de identidade a identidade. Logo, aqueles que foram nomeados por este autor de “ritos de passagem”, ao mudarem alguma coisa no indivíduo, realizam a manutenção da sociedade sustentando a vida da estrutura. Em outras palavras, ao mudar a posição de indivíduos na sociedade o rito mantém a ordem social intacta, podendo este ser reconhecido como o seu fim primordial.(BRULON SOARES, 2011, p. 132).

Os ritos permitem extravasar os tabus existentes na sociedade. Estes por sua vez, são “autônomos” (VAN GENNEP, 1978), isto é, no rito carnavalescos, quando se festeja coletivamente, celebram-se os tabus cotidianos, realçando as rupturas da ordem temporal e espacial, e evidenciando a separação dos hábitos e ações da vida cotidiana.

Durante o rito carnavalesco, o profano e o sagrado se encontram no mesmo espaço temporal, relacionando-se com a espontaneidade e liberdade (TURNER, 1974) e negando a hierarquização cotidiana, já que sua organização e existência vai além de recursos público do Estado e de outras instituições privadas. Envolvendo

[...] ricos e pobres; brancos, mulatos, caboclos, negros; distintas origens étnicas; sagrado e profano. Não resolvem conflitos e desigualdades sociais, mas expressam uma face das coletividades que se superpõe a essas diferenças. (CAVALCANTI, 2013, p. 2)

De acordo com Mériot (1999), a festa permite sair da “contingência destrutiva do tempo para aproximar as virtudes das origens” (p.6). Por isso surge a vontade de transgredir, destruir e abolir aquilo que já existe, aquilo que separa e distingue; não só os bens, mas classes sociais, posições, gêneros, identidades e instituições. Ela faz viver uma legítima representação social que emerge e atravessa consciências individuais para se fundir num só, onde todos somos pertencentes de um mesmo corpo.

Durante o carnaval, esferas contrárias convivem no mesmo lugar social de encontros e apresenta uma multiplicidade de sentidos. Desta forma, os ritos carnavalescos presentes no campo social abrem espaço para uma diversidade de valores, categorias e grupos destacando a alegria, a música, a liberdade de expressão e de brincar, fantasiar-se e dançar estes elementos mediadores entre as classes sociais na festa carnavalesca, onde o profano e o sagrado se encontram num mesmo espaço temporal e físico, relacionando-se com esta espontaneidade e liberdade. (TURNER, 1974)

Sendo assim, o carnaval é uma grande celebração que subverte a ordem ordinária dos dias (MOURA, 2009), e é politicamente subversiva porque traz um leque de possibilidade criativas que negam o cotidiano e afrontam a rotina corporal e cultural.

DaMatta (1981) discute também o carnaval brasileiro, evidencia as distribuições sociais passadas e presentes na sociedades, revelando fronteiras sociais e temporais enquanto criam durante a celebração, o ilícito, através de ruptura de hierarquias convencionais. Como cita:

O carnaval brasileiro é considerado uma celebração polissêmica porque provoca uma “desconstrução do social” na medida em que seus personagens “não estão relacionados entre si

por meio de um eixo hierárquico, mas por simpatia e por um entendimento vindo da trégua que suspende as regras sociais do mundo da plausibilidade: o universo do cotidiano” (DAMATTA, 1981, p.63)

No Brasil, o carnaval tem uma grande importância histórica, sua festa tornou-se ritualística, parte da cultura nacional, perenemente se reinventando e refletindo as próprias dualidades brasileiras. Esse caráter nacional ao mesmo tempo polissêmico do carnaval movimenta sensações individuais e traz à tona identidades grupais, além de oferecer uma resposta provisória ao dia a dia, com possibilidades de renascimento e renovação de cada um. Está em um lugar que nem é puramente artístico (como um espetáculo teatral), tampouco faz parte do mundo das burocracias, na fronteira entre vida e arte (BAKHTIN, 1987). Aí que está a magia da festa, pois ele é um modo diferente de viver a própria vida.

De forma ampla, como um ritual, ele rompe com o cotidiano e aponta de forma notável, algumas questões essenciais da ordem social brasileira, e, ainda, sinaliza para o caráter das identidades que são “sistematicamente silenciadas na vida social em curso” (BRULON SOARES, 2011, p. 132). O indivíduo participa de um rito “sem dono”, no qual as pessoas “esquecidas socialmente” são evidenciadas e socialmente valorizadas, tornando-se os dirigentes e integrantes de grupos de samba e das outras manifestações culturais carnavalescas. São momentos direcionados para sustentar as crises na vida, ou circunstâncias de aflição, amparando e aliviando o cotidiano.

Grande parte dos folguedos carnavalescos do Brasil destacam o diálogo entre cotidiano e o extraordinário, através da dramatização. Tecendo este coletivo, que implica no fortalecimento das identidades culturais cria um olhar singular para uma sociedade socialmente tão desigual.

É no ritual, pois sobretudo no ritual coletivo, que a sociedade pode ter (e efetivamente tem) uma visão alternativa de si mesma. Pois é aí que ela sai de si própria e ganha um terreno ambíguo, onde não fica nem como é normalmente, nem como poderia ser, já que o cerimonial é, por definição, um estado passageiro. (DAMATTA, 1981, p. 32)

No entanto as manifestações populares realizadas durante o carnaval não revelam a submissão dos socialmente mais fracos. Fazendo uma analogia com a colonização branca na América, De Certeau (1998) relembra que os indígenas pareciam submeter-se totalmente e “conformar-se com as expectativas do conquistador [...]”, e no entanto “metaforizavam a ordem dominante fazendo funcionar as suas leis e suas representações num outro registro” (p.18), vivendo, assim, sua própria tradição.

Logo, se nota que há semelhança nos mecanismos de resistência dos indígenas e nos grupos culturais populares do carnaval. Tanto Roberto DaMatta, Victor Turner ou De Certeau discutiram sobre realidades culturais muito distintas, mas apresentaram aspectos semelhantes em relação aos rituais e celebrações usadas perante a dominação social. Apesar da grande multiplicidade de saberes e métodos, revelados por eles,

Os mecanismos de resistência são os mesmos, de uma época para outra, de uma ordem para outra, pois continua vigorando a mesma distribuição desigual de forças e os mesmos processos de desvio servem ao fraco como último recurso, como outras tantas escapatórias e astúcias, vindas de “imemoriais inteligências” [...] (CERTEAU, 1998, p.19)

A falácia de um Brasil fundado “na ideologia da tranquilidade, da paz social e racial, do sol, das praias das mulheres e do samba” (DA MATTA, 1971, p. 20) ignora nossa estrutura hierárquica facilitando o ocultamento dos grandes contrastes do Brasil. No entanto, Brulon Soares (2011) traz outro aspecto importante de reflexão sobre este momento “anticotidiano” da vida dos brasileiros. Segundo ele,

[...] em vez de gerar um estado de unidade e homogeneização, o carnaval torna evidentes as próprias diferenciações internas à nossa sociedade, ressaltando-as. Ele precisa romper com a ordem para depois restabelecê-la, e é só através deste processo que o rito consegue causar os efeitos almejados. (BRULON SOARES, 2011, p. 131)

Esta tensão entre as partes, ou seja, estrutura e antiestrutura, liberdade e dominação, oscila a todo momento durante a festa carnavalesca. Turner discute em sua obra essa relação, que irei buscar, brevemente, através dos conceitos “liminaridade” e “communitas”- ambos presentes no carnaval.

Victor Turner (1974), influenciado pelo funcionalismo e pelo estruturalismo, enfatiza “[...] que o estado normal da sociedade não é de solidariedade e integração harmônica das partes, mas de conflito e contradição” (p.6). A liminaridade é compreendida, para ele, como uma condição provisoriamente vivida por indivíduos, um limite “fora” da estrutura social. A idéia de “margem” usado inicialmente para designar uma fase do rito, refere-se às situações e condições fora da vida cotidiana, e é empregada para se referir a uma “transição” entre diferentes estados ou posições, ou seja: é o estágio central de um processo de três fases que tem o nome de “rito de passagem”.

Assim, o carnaval sugere, à sociedade em geral, que as próprias identidades dramatizadas e encenadas são liminares, ou seja; estão entre o que se permite ser socialmente, e o que poderiam vir a ser noutra realidade. Deste modo, oscilam em tornar-se permanente e, ao mesmo tempo, estar ameaçadas de se dissipar.

Como propriedade inerente aos mais diversos gêneros da performance cultural, a liminaridade é a força que engendra o carnaval, e que nele possibilita a criação de mundos sobrepostos e o aparecimento de identidades subversivas. (BRULON SOARES, 2011, p.143)

Turner aprimora o conceito de liminaridade de van Gennep, quando reforça seu caráter ativo e positivo ao termo e destaca que o estado liminar é capaz de gerar significados, mesmo que estes possam ser, futuramente, institucionalizados e consolidados dentro da estrutura. Para Turner, a liminaridade pode também inverter, parcialmente, características da ordem já consolidada. Assim, a liminaridade comporta a situação periférica da vida cotidiana, como acontece em muitos grupos populares carnavalescos.

É assim que algumas identidades liminares cotidianas e que invertem ou subvertem a sua ordem e evidenciam à sociedade aquilo que nela não encontra espaço de existência. Embora não constituam uma ação propriamente libertadora em seus efeitos finais, “o carnaval retira das sombras o que é velado pela estrutura. Por esta característica intersticial, o carnaval é liminar, desafiando a ordem sem traí-la” (BRULON SOARES, 2011, p.143), lembrando que no outro pólo da liminaridade está a estrutura, associada com “obrigação, direto, lei, coação e assim por diante” (TURNER, 1974, p.43).

O modo de antiestrutura formada pelas relações entre sujeitos e grupos sociais que dividem uma mesma situação liminar em períodos específicos (que tornam-se ritualizadas) é a *communitas*, simbolicamente afirmada por rituais periódicos- geralmente calendários ou vinculados aos ciclos agrícolas ou pluviais-, nos quais o “humilde e o poderoso trocam de papéis sociais” (TURNER, 1974, p.47). É possível fazer uma analogia bem nítida, com o carnaval brasileiro com seus inúmeros folguedos, pois mesmo na *communitas* há consenso, alguns bem explicitados.

Se a *communitas* é o estado de separação da estrutura - a antiestrutura- a individualidade e diferenciação declinam em favor de outras relações sociais preferencialmente mais lúdicas e alegres. Porém, é neste estado em que “há a exaltação da própria estrutura – para a qual os indivíduos irão retornar logo adiante – e é neste fato que está a sua potência e a sua maior relevância para o estudo antropológico” (BRULON SOARES, 2011, p. 135).

Ainda segundo Turner, se as pessoas “liminares”, unidas pela *communitas*, são marcadas pelo isolamento, submissão e silêncio perante a estrutura cotidiana, após o ritual, voltam-se todos à posição anterior e ao forçado “esquecimento social”, o que deixa este ritual carnavalesco complexo e plural.

Como ritual anual, o Carnaval brasileiro envolve milhares de integrantes de movimentos da cultura popular, sujeitos que se agrupam festivamente e que cotidianamente encontram-se na posição socioeconomicamente mais desfavorecida de estrutura social dominante- que elas desafiam na festa. Quando saem para as ruas com música, danças e dramatizações, eles suspendem, mesmo que provisoriamente, o silêncio e a invisibilidade que os mantém subordinados o resto do ano, evidenciando sua força, capacidade de expressão e criações simbólicas, ou seja, sua existência enquanto indivíduos partícipes da sociedade (CHIANCA, 2013).

Na estrutura social do ritual, ficam permitidos às pessoas “liminares” (os partícipes do ritual) alguns espaços de poder, gerando um mecanismo que auxilia a permanência de uma antiestrutura, conforme há o agrupamento em *communitas*. O elo entre estrutura e *communitas*,

[...] representa uma dialética inevitável à vida social seja qual for o contexto (...) sendo que os componentes da antiestrutura, communitas e liminaridade, são as condições de produção para metáforas-radicais, arquétipos conceituais, paradigmas, modelos e assim por diante (...) as metáforas compartilham símbolos a partir de uma imaginação criativa que vai além de imagens, muito menos em evocar impressões sensoriais. Além de serem multivocais. (TURNER, 1974, p.44-45)

A referência à antiestrutura e liminaridade no tempo de carnaval não implica na ausência de estrutura ou mesmo a sua plena inversão. Porém acontece uma outra estrutura que se sobrepõe à primeira tornando-a evidente. Essa nova estrutura seria um momento em que múltiplas identidades surgem e são experienciadas pelo indivíduo nesse instante de transição. E, ao contrário de outros ritos de passagem, no carnaval o rito não se completa, não sendo esta também a sua finalidade: o carnaval acaba sendo os dias em que as pessoas são elevadas “a um plano de pseudoliberalidade dos status que o mantém demasiadamente preso à estrutura, e depois o traz de volta ao plano original para que este volte à sua posição “habitual”, convencido de que pertence à ela.” (BRULON SOARES, 2011, p.140)

Desta forma, o sentido da festa, ou da sua manifestação vai além do brilho do espetáculo (DAMATTA, 1981), lembrando que também ela é um ritual. Logo, este autor reforça que o estudo dos rituais, como elementos triviais do mundo social, pode ser carregados e transformados em símbolos que, de certa forma, permitem conceber um momento singular que foge das estruturas sociais tradicionais e destaca alguns aspectos da realidade. A partir deste processo, a sociedade se exprime em novos sentidos além do seu cotidiano.

[...] o mundo do ritual é o mundo do efetivamente arbitrário e o mundo do puramente ideológico. É aqui que se pode vestir homens de mulheres, adultos de crianças, pobres de nobres e homens de animais. E, assim fazendo, revelar como os homens são diferentes entre si e parecido com os animais e/ou, inversamente como os homens são parecidos entre si e diferentes dos animais. As

possibilidades são variáveis e infinitas. Pois, para iludir ou clarificar. Isso varia de cultura para cultura e de situação para situação. O importante, a meu ver, é discutir os mecanismos utilizados para a criação desses momentos onde se oculta ou se revela abertamente, onde se analisa ou se obscurece inteiramente, onde se marcha contra ou a favor daquilo que é o menos discutido no mundo humano ou no mundo natural. (DAMATTA, 1981, p.60)

Vista como um ritual, a festa funciona como “(...) um momento onde as regras, rotinas e procedimentos adequados são modificados, reinando a livre expressão dos sentimentos e das emoções, quando todos também podem manifestar individualmente.” (DAMATTA, 1981,p.121). Turner salienta também que o ritual, em muitas culturas, é regenerativo e a liminaridade contida nos rituais potencializa a criatividade como força cultural oferecendo meios de produzir transformações estruturais dentro deste sistema sociocultural.

Essa amenização provisória das relações hierárquicas durante o carnaval é fundamental para produzir novas formas de comunicação não aceitas em situações comuns do dia a dia permitindo também trabalhar com a linguagem dos símbolos e formas (BAKHTIN, 1987), incorporando-o ao cotidiano e convidando a todos para uma renovação social com mais liberdade e comicidade nas relações, e originando

[...] uma linguagem própria de grande riqueza, capaz de expressar as formas e símbolos do carnaval e de transmitir a percepção carnavalesca do mundo, peculiar, porém complexa, do povo [...] manifestada através de formas de expressão dinâmicas e mutáveis, flutuantes e ativas. Por isso todas as formas e símbolos da linguagem carnavalesca estão impregnados do lirismo da alternância e da renovação, da consciência da alegre relatividade das verdades e autoridade no poder. (BAKHTIN, 1987, p.9)

Ao longo dos séculos, o carnaval foi se transformando em seus diversos contextos embora nele seja frequente o surgimento deste novo tipo de comunicação, possibilitando inclusive que as pessoas de diferentes camadas sociais comuniquem entre si as suas formas de se viver e ver o mundo, evidenciando também o sistema desigual com a autorização da participação de diversos personagens, gestos, fantasias e musicalidade. Os desfiles carnavalescos, sendo marcados por máscaras e indumentárias de formas e cores distintas destacam como “as regras formais da vida ortodoxa são esquecidas” (DaMatta, 1971, p.26), e as pessoas que ali desfilam vivenciam aquele instante experimentando uma sensação que o cotidiano não é capaz de produzir. No entanto, isso não significa que a estrutura social tenha sido extinta, mas abriu sobre ela novas possibilidades, que após serem vivenciadas logo serão extintas ou absorvidas e transformadas.

Gonçalves (2006) lembra que nas primeiras décadas do século XX no Rio de Janeiro, antes do surgimento das escolas de samba, o carnaval integrava distintos movimentos heterogêneos, como os clubes, grêmios, grupos, cordões e ranchos, que diferem-se em relação a segmentos

sociais e espaços. Sendo que ainda no fim do século XIX, esses movimentos não tinham uma prática formalizada, e um desses grupos eram os sujos e mascarados que

[...] ocupavam as ruas e as casas da cidade indistintamente, enquanto as três “grandes sociedades” (Fenianos, Tenentes e Democráticos), formada por grupos abastados marcavam um distanciamento fortemente hierárquico entre segmentos sociais. Os “sujos” eram aqueles foliões que não estavam filiados a grupo algum, se apresentavam nas ruas autonomamente, sem espaço, dia ou grupo predeterminado. Eram, dentro de uma classificação carnavalesca mais ampla, aqueles que não se adequavam ao sistema dos grupos. (GONÇALVES, 2006, p. 72)

Assim, mesmo o carnaval tendo o potencial de aderir à maior parte das camadas sociais não interrompe ou anula as grandes diferenças e problemas sociais do país, como o preconceito racial, de gênero e de classe. Como celebração inscrita nas possibilidades da estrutura (que se molda para justificar-se em si mesma), ela não se sustentaria se a *communitas* fosse instaurada de modo permanente. Nos rituais carnavalescos os escondidos e invisibilizados na vida cotidiana apresentam figuras e tipos

[...] extrapolados e exagerados para enfatizar tudo aquilo que possuem de “impróprio” para a ordem social estabelecida. Os homens travestidos tomam as ruas, impedem a passagem dos carros, vandalizam o espaço público, e acabam por justificar o não reconhecimento do homossexual e da mulher “de rua” da vida pública brasileira.” (BRULON SOARES, 2011, p.135)

Ou mesmo como relata Gonçalves (2006) ainda sobre o carnaval do Rio de Janeiro, que “os foliões que saíssem “mascarados” ou fantasiados pelas ruas, sem estar necessariamente acompanhados, “sujavam” um sistema moral de classificação e ordenação carnavalesca em que os grupos sociais e as associações tinham lugar privilegiado” (2006, p.73). Em outras palavras, o que a autora buscou evidenciar, de forma ampla, que tais grupos organizados são articulados com níveis sociais distintos, “formando redes sociais amplas e se estabelecem seus lugares na organização social urbana partilhando da construção e reconhecimento de identidades de bairro” (p.76)

Ou seja, este ritual carnavalesco vem há décadas realçando pontos da estrutura social, principalmente porque a matéria- prima é a mesma consumida da vida cotidiana, brincando, assim, com diversas partes e camadas sociais envolvidas desmontando, reflexivamente e artisticamente, para que logo seja colocados no mesmo lugar. Então quando acaba o carnaval temos a volta para o cotidiano, a volta para a casa e à realidade cotidiana, guardando a memória de diversas dramatizações e tornando o rito cíclico ainda mais sedutor e renovador.

Assim, entre a estrutura e sua completa extinção o carnaval traz um momento em que é viável brincar com esta ordem, de forma que os indivíduos se tornem empoderados de suas próprias

posições sociais, construindo opostos sociais que não estão desligados um do outro- pelo contrário: elas se complementam e são criadas a partir da relação entre eles.

Logo, o carnaval não é tão democrático e romântico quanto parece, contrapondo- se a uma ideia romântica e corrente de que todos os brasileiros se unem em total harmonia e comunhão, e os folgedos populares revelam tais desigualdades, quando dão foco aos invisibilizados socialmente, entre elas as crianças, os velhos, os marginais em geral, as mulheres (em circunstâncias específicas), e os homossexuais. Estas pessoas liminares, que estão à margem social, mesmo invisibilizadas não deixam de estar ligados à estrutura, mas agora em uma condição festiva onde criam o seu próprio status no grupo marginalizado e, paralelamente, inventam as suas identidades na estrutura de modo a serem aceitos por ela.

O enorme valor que se pode conceder ao carnaval de uma ótica sociológica, em que a festividade favorece a renovação do ciclo anual e a crítica social, é a abertura de pequenas brechas dentro da estrutura, que tornam evidente a possibilidade de mudança ao revelar estas identidades múltiplas. Além de ser uma festa, como já vimos, heterogênea e diversa, *“movimentada pelas ambigüidades desse princípio inclusivo e tenso em que todos, por mais diferentes e distantes que sejam, partilham de uma mesma festa, requisitando e marcando seus “lugares””* (GONÇALVES, 2006, p.78)

Pereira de Queiroz (1992) mostra, também, que ao longo dos anos, o carnaval também trouxe à cena as diferenças sociais cotidianas reveladas através pelo que ele chama de “grandes e pequenos carnavais”, como explica,

O nome de grande carnaval dado aos folgedos dos dias gordos nos fins do séc. XIX tinha sua razão de ser: por volta de 1870, pequenos grupos de negros e mulatos, habitando bairros pobres e periféricos do Rio de Janeiro se reuniam para cantar e dançar nas vielas e nos quintais durante o Carnaval; as canções, o ritmo sincopado da música mostrava a origem afro-brasileira; surgia o pequeno carnaval. A abolição da escravatura fez proliferar tais grupos. (PEREIRA QUEIROZ, 1992, p. 55).

Resumidamente, ele revela como ao longo da nossa história carnavalesca foram sendo construídas regras e formas de separar as pessoas das diferentes camadas econômicas, deixando “pobres com pobres” e “ricos com ricos”. Por exemplo em Salvador, o espaço do camarote, ou o show dos grandes artistas da festa, perto do trio elétrico (dentro das cordas, espaço privilegiado para ter acesso ao show) têm custo elevado, diferentemente de outros eventos também presentes na festa que são de preço menos proibitivo ou gratuito aos setores populares, os menos favorecidos economicamente

Nas grandes cidades onde existe o carnaval de rua, é frequente que as manifestações populares sejam segregadas socialmente por mecanismos sutis e sofisticados, como em palcos distantes e de difícil acesso para a visualização do grande público quando a festa é gratuita e aberta, como acontece também na cidade de João Pessoa, que veremos a seguir. Ao mesmo tempo, estes carnavais são hoje formações identitárias coletivas, catalizadoras de inúmeras influências vindas da cultura de massa e com grande riqueza visual, em que se misturam gestos, movimentos de danças, memórias e expectativas daqueles que brincam e o apreciam (CAVALCANTI, 2009).

Este pequeno carnaval, que se constitui num substrato de raízes profundas e coletivas espalhadas por todo território brasileiro, permite também sua continuidade através de mudanças ao longo dos anos, sendo algo vivo e de constante transformação, evidenciando as desigualdades cotidianas através de “novas roupagens, vestidas de alegria em plena avenida, onde se vive um momento de glória passageiro”. (MARINS, 2015, p.19).

1.2 O CARNAVAL DE JOÃO PESSOA:

O carnaval de hoje ainda carrega estruturas do realismo do renascentismo, que como lembra Bakhtin (1987) se caracteriza por meio “da cultura cômica popular e a outra, tipicamente burguesa, expressa um modo de existência preestabelecido e fragmentário” (p.21). DaMatta (1981) ainda confirma que este paradoxo unido a múltiplas hierarquias tornam o carnaval ainda “mais dinâmico e compensatório” (p.129).

Na cidade de João Pessoa, tal antagonismo é nitidamente notado por meio da própria organização da Prefeitura Municipal que oferece dois tipos de carnavais, o Folia de Rua e o Carnaval Tradição, nome dos dois formatos oficialmente reconhecidas e promovidas pelos poderes públicos municipais.

O poder público direciona maior investimento para realizar o carnaval Folia de Rua, que acontece nas prévias da festa conhecida como Pré carnaval, são grandes blocos de carnaval animados por artistas famosos, como o bloco “Virgens de Tambaú”, “Muriçocas do Miramar”, entre outros. Ademais os blocos festejam nas áreas mais “nobres” da cidade: a orla de Tambaú e imediações, o centro histórico, logo é perceptível que a principal característica do Folia de Rua é atrair um público pertencente às camadas sociais mais altas da cidade, afirmando-se “[...] como o Carnaval das elites [...], a parte “nobre” do “Grande Carnaval” (MARINS, 2015, p.23).

Chegamos ao cúmulo de dividir nosso Carnaval em dois Blocos: Carnaval Tradição dos pobres, e o Carnaval da classe média, dos ricos, que têm as benéfices da mídia, dos políticos, dos recursos. Como se a cidade fosse duas.. (WILLS LEAL, 2011, no Documentário “Tem Carnaval aí?!”, FUNJOPE, 2011)¹³.

No Carnaval Tradição a festa acontece durante os três dias oficiais festivos do calendário do carnaval (de sábado a segunda- feira), na Avenida Duarte da Silveira, localizada no bairro da Torre. É bairro mais popular, sendo que quem faz e quem assiste este carnaval também são pessoas de camadas sociais populares. A festa ali proposta é um Desfile Oficial com Campeonato das Agremiações¹⁴ dos grupos carnavalescos da cidade divididos em: Tribos de Índio, Ala Ursas, Escolas de Samba e Clubes de Orquestra de Frevo;

Chianca e Marins (2018) definem o folguedo de Tribo de Indígenas por sua continuidade histórica com outra manifestação cultural, conhecida como “caboclinhos” e registrada por Mário de Andrade, no bairro do Roger em João Pessoa, nos anos 1920 e 1930, embora sejam manifestações distintas que não devem ser confundidas na atualidade. Na cidade de João Pessoa as Tribos de índio são grupos populares formados, predominantemente, em bairros periféricos como a Tribo Indígena Tupy Guarany (do bairro de Mandacaru), Tribo Indígena Tabajaras (do bairro Cruz das Armas) e Tribo Indígena Tupinambás (do bairro Mandacaru). Marins (2015) define que,

As Tribos de Índio consistem, grosso modo, em uma expressão artística relacionada ao carnaval, onde os indivíduos dançam e dramatizam o “ritual da matança”, que é o momento onde os integrantes (fantasiados representando duas tribos indígenas rivais) simulam uma batalha entre si, onde todos morrem, restando apenas o Cacique/Pajé e o Feiticeiro. Após recitada a Loa pelo Cacique/Pajé, todos ressuscitam. Todos dançam e encenam o “ritual da matança” com os seguintes personagens: cacique, pajé, feiticeiro, caçador, espiões (que carregam os grandes capacetes da tribo), portaestandarte, conjunto de tocadores de percussão, cordões (filas de ambos os lados de índios dançando o “tore”), invasores, contramestre e curumins (grupos de crianças que participam do desfile) (MARINS, 2015, p.14)

As Escolas de Samba que desfilam no Carnaval Tradição tocam e dançam no ritmo do samba e são formadas por integrantes que também, majoritariamente, residem nos bairros periféricos da cidade, como o bairro de Mandacaru e Roger. Dentre algumas Escolas conhecidas estão “Unidos do Roger” (bairro do Roger), “Império do Samba”(bairro do Roger) e “Malandros do Morro”, do bairro da Torre..

¹³Documentário “Tem Carnaval aí?!”, FUNJOPE, 2011.

¹⁴ Em 2019, 42 agremiações se inscreveram nestas categorias com um tempo determinado de desfile de acordo com cada categoria: Ala Ursas com 20 minutos cada, os Clubes de Frevo com 25 minutos, as Tribos Indígenas com 30 minutos e as Escolas de Samba, 40 minutos.

Os Clubes de Orquestra de Frevo são grupos populares carnavalescos de João Pessoa que dançam e tocam ao ritmo do frevo¹⁵, e também são constituídas, em sua grande maioria por pessoas que vivem em bairros populares. Alguns deles são “Clube de Frevo Piratas de Jaguaribe” (do bairro de Jaguaribe) e “Clube de Frevo Bandeirantes” (do bairro da Torre).

Os Alas Ursas (que serão melhor explicados no próximo item), consistem sinteticamente, numa manifestação bastante popular no Carnaval Tradição de João Pessoa, que consiste no desfile de algumas pessoas fantasiadas de ursos, que dançam e brincam acompanhando o ritmo de uma batucada (isto é, composto por instrumentos de percussão). Também formado, predominantemente nos bairros populares da cidade, como bairro do Roger e Rangel (entre outros); alguns grupos conhecidos são: Urso Sem Lenço Sem Documento (bairro do Roger) , Urso Gavião (bairro do Roger) e Urso Amigo da Batucada, entre outros¹⁶.

Durante o desfile do Carnaval Tradição de João Pessoa, todas as quatro manifestações são divididas em duas categorias, “A”, as mais pontuadas, e “B”, as menos pontuadas. Os três primeiros colocados em cada agremiação recebem um prêmio em dinheiro¹⁷, sendo que para concorrer cada grupo ou agremiação deve respeitar um regulamento e outros critérios pré estabelecidos conjuntamente entre organizadores e participantes. Depois de estarem oficialmente inscritos do Carnaval Tradição, as agremiações recebem uma verba¹⁸ para suas despesas de preparação e apresentações: indumentária, contratação de profissionais, transporte, lanches e ensaios, posteriormente à festa o dirigente de cada grupo “presta contas” das despesas à prefeitura, em relação ao uso do dinheiro.

Além do Carnaval Tradição Oficial com desfile e concurso, muitas festas e eventos carnavalescos ocorrem de forma autônoma e independente nos bairros da cidade, organizadas e financiadas por seus próprios moradores, alguns deles vistos nos bairros da Esplanada e do Roger.

É importante salientar que o Carnaval Tradição é uma “tentativa de centralizar o carnaval dos pobres em um lugar único da cidade” (MARINS, 2015, p.23), uma vez que todos os grupos

¹⁵ O frevo é um ritmo musical e uma dança brasileira com origem no estado de Pernambuco. Sua música baseia-se na fusão de gêneros como marcha, maxixe, dobrado e polca, e sua dança foi influenciada pela capoeira, possuindo mais de 120 passos catalogados.(PORTAL IPHAN)

¹⁶ Os Alas Ursas que desfilaram foram: Urso Alegria do Panda, Urso Amigo Batucada, Urso Panda, Urso Anos Dourados, Urso Gavião, Urso Sem Lenço Sem Documento, Urso Celebridade, Urso Canibal, Urso Santa Cruz, Urso Solitário e Urso Reboiço. <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2019/03/02/carnaval-tradicao-2019-de-joao-pessoa-comeca-neste-sabado-veja-programacao.ghtml>

¹⁷R\$ 5 mil para o primeiro lugar; R\$ 3 mil para o segundo colocado, e R\$ 2 mil para o terceiro em 2019.

¹⁸Este ano, o dinheiro para Alas Ursas chegou em janeiro de 2019.

são provenientes dos bairros e setores pobres ou vulneráveis da cidade, ou seja; seus integrantes são trabalhadores urbanos, em geral mal remunerados e com atividades que exigem pouca qualificação. Esse carnaval possui, no entanto, uma grande importância para tais grupos, uma vez que nele os principais protagonistas das agremiações e grupos consolidam, mais um ano, sua maestria naquele folguedo. Eles também revelam por esta oportunidade o seus conhecimentos, talento e criatividade para pesquisadores e pesquisadoras, curiosos e curiosas e para os amantes da cultura popular que podem ali conviver e conhecer melhor um pouco das manifestações locais.

Assim brincantes, mestres, mestras e seus aprendizes, revelam sua “visível e indiscutível superioridade carnavalesca [...]; e justamente por ser paradoxal e fundada em eixos hierárquicos múltiplos, é altamente dinâmica e compensadora” (DAMATTA, 1978, p.128-129).

O enredo é um componente expressivo artístico básico do desfile do Carnaval Tradição, e pode fazer a ligação com os jurados para evidenciar as ideias presentes de alguns grupos. Geralmente ele é proposto por seus dirigentes dos grupos, ou criadores artísticos, e seus temas envolvem pesquisas provocando um grande fluxo de ideias que estão no imaginário e/ou na realidade da cultura brasileira e/ou dos integrantes do grupo; questões cotidianas, política nacional, etnicidade ou cidadania. Muitas vezes, os grupos reutilizam os elementos e figurinos para se apresentarem no ano seguinte ou até que fique pronta a fantasia do ano vigente.

O desfile dos grupos é enérgico, trazendo aspectos comunitários e tradicionais de parte da população da cidade para uma avenida importante de João Pessoa, contribuindo para a concretização de um dos seus principais rituais festivos. O entendimento, mesmo que brevemente, sobre os tipos de carnaval da cidade, é um indicador da organização, contexto e a própria dinâmica de João Pessoa, como afirma Luciana Chianca (2013):

[...] longe de abolir, inverter ou apagar as hierarquias sociais, o período festivo revela como essas distâncias são recuperadas e reorganizadas num conjunto pertinente que ritualiza e recria as distinções sociais cotidianas. (p.66)

1.3 O FOLGUEDO ALA URSA:

O folguedo do Ala Ursa é um espetáculo performático encontrado nos Estados nordestinos de Paraíba e Pernambuco, ocorrendo no período pré-carnavalesco e durante o carnaval (ARANHA, 2014; MIRA, 2016; QUEIROZ RAMOS, 2008). Sendo, em geral, crianças, adolescentes e jovens que compõem um Ala Ursa, majoritariamente do sexo masculino, variando segundo o grupo.

Nesta brincadeira o Urso é a figura principal, podendo ser uma ou mais pessoas que se vestem,

[...] de urso “indomável” e brincalhão, mas que também pode vir representado pela imagem do macaco ou até mesmo personagem de filme de terror exibidos em seriados norte-americanos. Acompanhados por uma batucada, e embalados por um ritmo pulsante, desfilam pelas ruas, calçadas de casas, cruzamentos, semáforos, praças, avenidas, feira livre, e em todo o espaço disponível, público ou privado, ao som de instrumentos sonoros percussivos profissionais ou artesanais. (ARANHA, 2015, p.124)

O Urso dança e desfila em distintos lugares pedindo a contrapartida do público em colaborar com dinheiro, coletado através da cuia¹⁹, que atinge, no máximo, cerca de 20 cm de diâmetro. Ela também pode ser substituída por outro objeto, como um pote de margarina ou qualquer outra vasilha, que tenha a mesma função de arrecadar dinheiro; sendo que os Ursos são responsáveis em levar a cuia, pedindo diretamente a contribuição financeira do público, ao som da canção ritmada que diz "ala ursa quer dinheiro, quem não der é pirangueiro".

A máscara e a roupa fazem parte da composição da vestimenta do Urso²⁰, que variam de acordo com o objetivo e o investimento financeiro de cada Ala Ursa. As máscaras dos grupos com mais dinheiro, geralmente, são produzidas com papel machê, biscuit ou durepoxi para os dentes, olhos e boca, com o molde de gesso. Outros grupos costumam também usar sacolas plásticas ou comprar máscaras prontas de silicone, usualmente de macaco ou urso. As roupas são feitas com diferentes materiais, com “roupas velhas, sacos de estopa ou nylon, cortados em tiras e presas por costuras umas às outras, ou a uma calça e a uma camisa usada e cheia de buracos” (ARANHA, 2015, p.43).

Katarina Real (1967) supõe que a brincadeira do Ala ursa foi trazida da Europa por imigrantes italianos para o Brasil, no período colonial, entre eles alguns ciganos que também dominavam as artes circenses. Os brincantes²¹ saíam nas ruas apresentando seus ursos e macacos impressionando o povo nordestino e popularizando a imagem do urso, conhecida pelos brasileiros somente através das referências orais.

Essas apresentações, que se faziam de cidade em cidade [...] como o espetáculo dos ciganos italianos, onde um dos atores, utilizando uma máscara e uma vestimenta, representa o personagem

¹⁹Vasilha feita com o fruto da cuieira, conhecido como cabaça ou porongo, escolhido cuidadosamente pela forma. Vasilha arredondada que pode ser produzido por outro material também, em que são colocados grãos, água, etc. A cuia pode ser usada para guardar coisas e para comer e beber.

²⁰As produções da indumentária e a máscara do grupo pesquisado nesta dissertação serão explicadas com detalhes no próximo capítulo.

²¹ Termo associado com as pessoas envolvidas nas diversas manifestações populares do Brasil.

‘urso’, enquanto um outro representa o ‘italiano’ que oferece o espetáculo do urso amestrado dançando e fazendo medidas. (BENJAMIN, 2004, p.123)

Ainda sobre sua origem do ala ursa,

[...] há registros em 1948 da ocorrência de um folguedo de carnaval, conhecido como laursa ou urso como “uma influência europeia num carnaval afro indígena”, levantando uma hipótese de sua origem entre “artífices italianos que na época colonial haviam trabalhado nos engenhos de açúcar de Pernambuco.[...]” (CUNHA, 1948 apud BENJAMIN, 2004, p. 124)

Sem demora, o Ala Ursa passou por um processo de hibridização como outros folguedos da cultura local nordestina: bumba meu boi, reisado, caboclinhos entre outros, até chegar no formato atual (QUEIROZ RAMOS, 2008).

Na cidade de João Pessoa, há narrativas históricas de Wills Leal (2000) que associam o folguedo à política e ao desenvolvimento socioeconômico do estado, no início do século XX. Nessa época, houve grande investimento para a infraestrutura e para novos meios de entretenimento, como circos e companhias de teatro, apresentando atrações como a “Ala Ursa” vinda da África. Como ressalta o autor,

[...] começou a surgir um tipo novo de gaiato. Era o “urso”, normalmente acompanhado de um conjunto de pau-de-corda, com roupas de estopa e muita gritaria. O bicho aos berros, anunciava: Viemos da África/ Para o Brasil/ trouxemos um Urso/ Para Divertir ”; e a zorra era geral. De casa em casa, com uma cuia (de queijo do Reino), pedindo apoio para o “urso”, ou um traguinho para os carnavalescos. (LEAL, 2000, p.35).

Nota-se sua popularidade na cidade quando conversamos os pessoenses, de várias faixas etárias, idosos e crianças, que além de conhecerem, grande parte já brincou quando menor. Todos os anos, incorporam-se mais pessoas e mais grupos para a brincadeira local, legitimando sua presença na cidade. Inclusive, alguns grupos ganharam um novo estatuto em João Pessoa onde participam há mais de uma década como agremiação carnavalesca no Carnaval Tradição.

Quando um grupo de Ala Ursa desfila no Carnaval Tradição, é importante considerar que isso modifica a dinâmica e organização do grupo, pois mobiliza outros objetivos e financiamentos; provocando a diferença entre grupos “informais” e outros mais formalizados, mesmo se ambos estão presentes, de formas diversas, em seus territórios, ocupando as ruas e calçadas da cidade.

Os diferentes grupos de Ala Ursa relacionam-se diretamente com o território e o pertencimento da cidade de João Pessoa, já que o folguedo existe e resiste bairros, em sua maioria, periféricos, como Rangel, Roger, Dos Novaes, Mangabeira, dentre outros (ARANHA, 2014); evidenciando a força cultural da manifestação. Não podemos reduzi-lo a “simples” disputa entre grupos no Desfile do Carnaval Tradição, ou mesmo uma brincadeira “de crianças” nas ruas e

calçadas. Cabe compreender melhor o sentido desta expressão carnavalesca em João Pessoa através do grupo Sem Lenço Sem Documento, com sede localizado no bairro do Roger.

2. ALA URSA SEM LENÇO, SEM DOCUMENTO.

Esse capítulo busca organizar algumas narrativas disponíveis sobre o bairro, sobre a história, organização, participantes, cotidiano e parcerias do grupo do Sem Lenço, Sem Documento (SLSD).

2.1 O BAIRRO DO ROGER:

O bairro Roger fica a cerca de 3 km do centro, na zona urbana norte da cidade às margens do rio Sanhaú. Apesar da proximidade do centro da cidade ele apresenta um ritmo peculiar, onde é comum ver cavalos e mulas, além de muitas motos e pessoas nas ruas. Tem uma vista fantástica e panorâmica a sede do grupo SLSD, que só é possível apreciar de lá. Este local, com terra fértil e rica em calcário, foi palco para o desenvolvimento inicial da cidade, trazendo ambiguidades concretas (CABRAL, 2018): carrega um caráter bucólico mesmo urbanizado e ao mesmo tempo evidencia transgressões, como a questão do tráfico no território.

Tem uma população de aproximadamente 9.421 habitantes, distribuídos em 2.726 domicílios, apresentando alta vulnerabilidade social, atingindo 5.711 pessoas²². Os moradores do bairro são, majoritariamente, negros e pobres, desassistidos de direitos sociais. Ao andar pelo Roger é notável a precariedade estrutural das ruas, a falta de saneamento básico, poucas escolas e posto de saúde. Como reforça Samuel, morador há 40 anos, “O bairro é cheio de buraco, ladeira (...) nessa rua José de Andrade, era cheio de grama”, evidenciando o “esquecimento proposital” dos órgãos públicos perante o espaço.

Infelizmente, o bairro constitui um índice de autonomia por renda de 0,28% e com uma qualidade de vida de -0,18%, apresentando o seu desenvolvimento social de -0,12%²³; os trabalhadores do Roger, que conversei durante a pesquisa, ocupam cargos de baixa escolaridade, como faxineira e serviços gerais.

²²www.joaopessoa.pb.gov.br/portal/wp-content/uploads/2012/04/TOPOGRAFIA-SOCIAL-DE-JOAO-PESSOA_2009.pdf. Fonte: (Censo IBGE, 2000 e 2009).

²³www.joaopessoa.pb.gov.br/portal/wp-content/uploads/2012/04/TOPOGRAFIA-SOCIAL-DE-JOAO-PESSOA_2009.pdf. Fonte: (Censo IBGE, 2000 e 2009).

Território de histórias, memórias e referência territoriais importantes para a cidade de João Pessoa, como o Parque Arruda Câmara (referência de patrimônio natural de João Pessoa), conhecido como Bica; o Lixão (instalado em 1958 e desativado em 2003- uma das formas de sobrevivência de muitas famílias naquela época) e a Penitenciária Desembargador Flósculo da Nóbrega, mais conhecida como Presídio do Róger (construído na década de 1940);

[...] um dos principais presídios masculinos de segurança máxima do Estado que é a Penitenciária Desembargador Flósculo da Nóbrega, conhecido como “Presídio do Roger”, marcado por ter rebeliões e disputas internas. (CABRAL, 2018, p.35)

Sem contar com a Pedreira, construída na década de 1940, que também sustentou várias famílias que de lá extraíram suas rendas, mediante o trabalho em condições precárias (BISPO, 2015); e o Centro Cultural Piollin, fundado em 1977 com o nome de Escola Piollin, atualmente é uma das instituições mais ativas no “fomento de da arte e da cultura de todo o Roger e adjacências” (CHIANCA; OLIVEIRA; CARVALHO, 2019, p.25).

Este território, no século XIX, era constituído por propriedades rurais agrícolas e engenhos de cana, dentre elas se destaca o “Sítio Maria Burinhosa” (CHIANCA; OLIVEIRA; CARVALHO, 2019). Que por sua vez foi vendido em 1847 a um inglês Richard Rodgers, daí então a área ficou conhecido pelo nome “terras do Roger” e posteriormente pelo bairro do Roger; em 1881, depois de ficar viúva, a Sra. Rogers vendeu o sítio um aristocrata carioca, o sr. Francisco de Paula Maytinhk (CHIANCA; OLIVEIRA; CARVALHO, 2019). Este novo proprietário, por não conseguir construir uma fábrica de louça no local, como pretendia na época, doou as terras para Arquidiocese Paraibana em 1896 (BISPO, 2015). Em seguida, em 1909, alguns historiadores acreditam que as terras foram divididas entre o atual bairro Tambiá e o do Roger (CHIANCA; OLIVEIRA; CARVALHO, 2019).

Além desse sítio, outras propriedades, localizadas na parte de baixo também foram importantes para a história do bairro: Sítio Paul (que se encontra hoje o Centro Cultural Piollin – sede do engenho; e o Parque Arruda Câmara) e o Sítio Zumbi.

No início do século XX a cidade de João Pessoa ainda tinha uma estrutura colonial e bastante rural; no entanto devido as grandes transformações industriais e urbanas, os centros foram sendo ocupados pela população mais ricas, enquanto a classe trabalhadora e operária se retiraram do bairro Tambiá (mais central) e se instalaram nas terras ao lado, isto é, no Roger. Assim, em 1940, a Arquidiocese da Igreja Católica Paraibana vendo que o território já havia sido ocupado por muitas famílias, passou a “ceder o uso dos seus terrenos à população local com finalidade de

construção de suas residências em contrapartida do pagamento de uma taxa anual” (CHIANCA; OLIVEIRA; CARVALHO, 2019, p. 24).

A princípio, foi cobrado primeiramente da área do alto Roger e em seguida do baixo Roger. Desde então, tais zonas passaram a se diferenciar em relação a classe social, apesar de ambas serem consideradas áreas periféricas pobres da cidade.

Esta separação, provavelmente, influenciou a construção do Lixão e do Presídio (situados na parte de baixo do bairro), que por sua vez, agravaram a situação de diferenças sociais e estigmatizações entre os moradores do próprio bairro. Sendo dividido e conhecido entre o baixo e alto Roger: enquanto o baixo Roger foi na época do Lixão um local onde viviam famílias pobres, com pouco ou quase nenhum recurso; a parte mais alta, isto é, o alto Roger, recebia famílias que tinham maior condição financeira, que poderiam construir casas maiores. Mas isso, ainda, não significa que cada “lado” concentra maior ou menor renda (CABRAL, 2018), contudo reflete diretamente na identidade e estima dos moradores. Como reflete na fala do morador do “baixo Roger”, quando perguntei onde morava, ele respondeu “no bairro atrás do presídio” (conhecido por Bibito, 15 anos).

Conforme João Pessoa crescia ao longo do último século, o Roger foi se desenvolvendo de forma “independente”, ou seja, sem os devidos investimentos do Estado. Deste modo, surgiram também algumas outras comunidades²⁴ no próprio território, entre elas “Comunidade Asa Branca” e a “Comunidade do S”²⁵

A comunidade do “S”, composta por catadores, é um dos espaços do bairro que foi ocupado por uma população carente, formado o que comumente se chama de favela. Segundo a Fundação Instituto de Planejamento da Paraíba (FIPLAN), no final da década de 1970, existiam apenas 16 favelas na cidade de João Pessoa, sendo a Comunidade do “S” uma das mais pobres do município. Não nasceu com o Lixão, mas veio a se constituir dezessete anos após, ou seja, em 1973, conforme os relata Silveira (1988, p. 9). (BISPO, L.M.C, 2015, p. 30)

Apesar do bairro apresentar uma situação precária socialmente, ele tem notável foco na mídia em época de carnaval e das festas juninas. Foi na região do Roger que teve o início do processo de urbanização da cidade, que “nasceu no rio e caminhou para o mar” (BISPO, 2015, p.25), ainda nas primeiras décadas do século XX, contribuindo significativamente, para a criação e a permanência de um número considerável de atividades artísticas e culturais, como Alas Ursas,

²⁴ Ambas são mais desassistidas do que o resto do bairro (em relação moradia, água, esgoto etc.)

²⁵ Comunidade que tem este nome devido à forma de “S” do sistema de tratamento de esgoto construído no início do séc. XX, pelo sanitarista Saturnino de Brito que tem a forma de S (CABRAL, 2018, p. 35)

Tribo de Índios, Escolas de samba e outras expressões artísticas. Relembra um dos moradores do Roger,

[...] aqui no Roger onde comecei a dançar com Ala Ursa Pé de Lã, é onde eu e o Biratan começo... foi assim que a gente começou... Aqui é bom que tem também saiu o samba das Catedráticos do Ritmo... se firmou também. É muito engraçada nossa história do bairro. (SAMUEL DA SILVA, morador do bairro há 40 anos.)

O bairro teve seu destaque artístico já na década de 30, com alguns pesquisadores da área, entre eles Mário de Andrade que em 1938 “enviou uma Missão folclórica ao Norte e Nordeste do Brasil, partindo de São Paulo para registrar em fotografia, som e filme algumas das expressões culturais das localidades visitadas” (CHIANCA; OLIVEIRA; CARVALHO, 2019, p. 28). Ao chegar em João Pessoa, esta Missão registrou os Caboclinhos Índios Tupi Guarani²⁶ do bairro do Roger (CHIANCA; OLIVEIRA; CARVALHO, 2019).

Desde então, diversos grupos culturais permanecerem, enquanto foram criados e seguem vivos ainda hoje, e outros acabaram. A partir de um levantamento feito por Cabral (2018), nota-se a riqueza cultural do Roger com a presença significativa de diversos grupos ativos, em 2017; além do Ala Ursa Atrevido que nasceu em 2018.

[...] Quadrilha Junina Lageiro Seco, Quadrilha Junina Fazenda Paraíba, Escola de Samba Império do Samba, Escola de Samba Unidos do Roger, Escola de Samba Catedráticos do Ritmo, as instituições Casa Pequeno Davi, Centro Cultural Piollin, Parque Zoobotânico Arruda Câmara, Manifestações religiosas Terreiro Ilê AséAgíAsíko (Terreiro de Batista), Terreiro Ilê Kumozambi de Iansã (Terreiro de Mãe Rosa), Templo de Iemanjá Sabá. (Terreiro Pai Toinho), Terreiro Ilê OrunOnira (Terreiro de Buiú), Centro Espírita Maria Madalena, Paróquia de Santa Terezinha no baixo Roger, Capela de Santa Rita de Cássia ambas com festas tradicionais, Ala Ursa Urso Gavião, Ala Ursa Sem lenço Sem Documento, Rezadeiras Dona Severina do DinDin, Dona Maria, Grupo de Capoeira Angola Palmares e outras manifestações culturais como As Argolinhas (atual Bar da Argolinha) e também no período da Páscoa acontece à encenação da Paixão de Cristo, realizada pelos jovens do próprio bairro.(CABRAL, 2018, p.38)

Apesar do grande potencial cultural do bairro e de sua localização possibilitar aos moradores criarem e manterem relações cotidianas com outros bairros próximos, como Tambiá, Centro, Mandacaru e Padre Zé, unidos por questões familiares e pelo fluxo artístico e cultural existente nesses locais, e assim não estarem tão isolados do centro da cidade; ele é alvo de criminalidade e tráfico (BISPO, 2015), sendo carregado de uma imagem estigmatizada na mídia que, inclusive, se repete entre os próprios moradores.

²⁶ Atualmente não existe mais este grupo no bairro do Roger.

Esse lado mais estigmatizado do bairro influencia, diretamente na dinâmica de vida dos moradores e dos grupos culturais resistentes e (re)existentes, como veremos nos próximos capítulos.

2.2 HISTÓRIA DO SEM LENÇO, SEM DOCUMENTO.

2.2.1 O Sem Lenço, Sem Documento e a história da família Da Silva

A família “da Silva” se constitui em: Dona Madalena e Seu Samuel que estão casados há mais de 40 anos e tiveram quatro filhos (em ordem do mais velho ao mais novo): Biratan (conhecido como Bira, falecido), Jaciara (faleceu ainda criança), Ronaldo, Romoaldo (conhecido como Ramos). O casal, atualmente, mora com Ramos e sua esposa Ana Lúcia com suas duas filhas (Maria de 3 anos e Marianny de 8 anos); além do neto Willianthan (conhecido como Willian, filho de Bira). Todos residem na mesma casa no baixo Roger, que é a sede do grupo também²⁷.

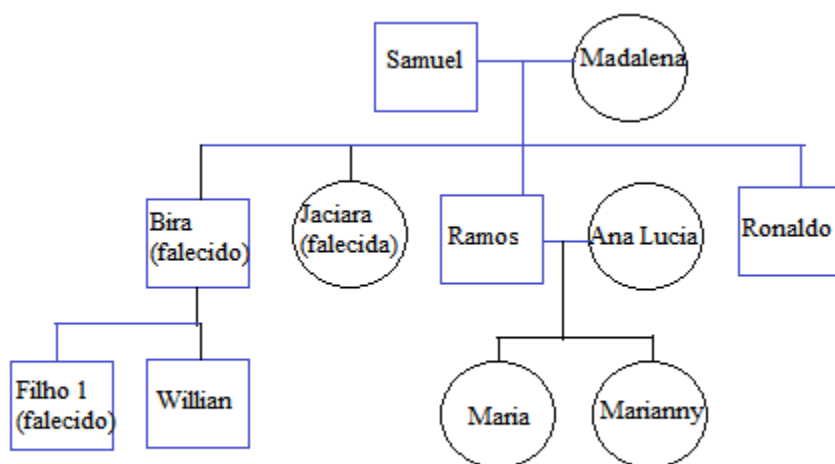


Figura 2: Árvore genealógica da família “da Silva”.

É difícil separar a influência cultural do bairro do Roger e a família “da Silva” na criação do grupo SLSD. Principalmente da família de Dona Madalena que viveu, praticamente, a vida toda

²⁷ No primeiro ano de casados, Madalena e Samuel viveram no São Miguel, mas depois do nascimento de Biratan (conhecido como Bira), se mudaram para o Roger para aproximar Madalena de seus pais. No Roger, eles criaram os filhos e estão estabilizados há mais de 35 anos.

no Roger, ela que é a matriarca do grupo e da família “da Silva”, e filha do fundador da Escola de Samba Catedráticos do Ritmo na década de 70, Sr. João (falecido), hoje a escola ainda é bem conhecida no Carnaval de João Pessoa.

Neta Marianny: O pai da minha avó é quem?

Samuel: É esse aqui...seu bisa. Esse aqui é o pai de Dona Madalena, tá vendo? Saía com Catedráticos. Tá vendo a casa de palha também? Esse foi a primeira formação do Catedráticos do Ritmo, o resto é tudo amigo dele. Tudinho. Tá vendo como começou mais pouco do que eu... um pouco de gente pequena (se referindo às crianças), mas o resto era tudo velho. Tá vendo? (...) uma batucadinha muito mais fraca que a minha (se referindo ao grupo SLSD). Era uma escola de samba, era maior que aquela dali, e aquela outra. Se eu não me engano foi pentacampeão lá... (Conversa na casa deles/sede do grupo no dia 23 de outubro de 2018)

Ao contrário da esposa, de Seu Samuel que morava antes no bairro São Miguel e se mudou depois do casamento para lá. Ele iniciou sua caminhada no bairro, logo teve contato com várias manifestações culturais, entre elas o samba e o ala ursa. Assim, ele foi se envolvendo com a cultura popular, observando a forma como os grupos se organizaram e depois veio a montar seu próprio grupo²⁸. Mostrando as fotos antigas, Seu Samuel recorda:

Comecei com 21 anos aqui no Roger, quando cheguei com minha esposa. Eu morava no São Miguel, aí lá ninguém gostava de Urso, só de escola de samba, batucada... Ai de lá pra cá eu vim, me firmei, vai fazer 40 anos que moro aqui. [...] Aqui ó (mostra uma fotografia), esse foi o começo da batucada dos Catedráticos do Ritmo, começou naquele bequinho ali. Essa história é maior que meu urso, e muito mais velho que meu urso... Faz tempo, faz tempo, 70 por aí. (SAMUEL DA SILVA)

²⁸ Ele e Bira participaram de outro urso, cujo nome não foi mencionado, talvez o Ala Ursa Gavião ou o Ala Ursa Paquerador, pois são mais antigos que o SLSD.



Figura 3: Escola de Samba Catedráticos do Ritmo/ Sem data. Foto tirado da foto: Livia Macedo. (Entrevista com Samuel no dia 5/02/2019);



Figura 4: “Beco” atrás da cada da família “da Silva”, onde começaram os primeiros ensaios do grupo SLSD. 23/10/2019. Foto: Livia Macedo.

A todo momento durante a conversa ele comparava a escola de samba Catedráticos do Ritmo com SLSD; tanto na forma e organização como nos instrumentos e toques batuque. A movimentação cultural, o pai de Dona Madalena e alguns amigos próximos tiveram grande influência para a criação e organização do grupo SLSD.

Lembrando também que a família é católica e devota da Nossa Senhora da Penha e todos os anos vão à Procissão que acontece em novembro na cidade de João Pessoa na praia da Penha. Eles têm um altar da Santa logo abaixo dos troféus do grupo, e nesta prateleira ambos estão bem cuidados. Na família a religião marca alguns valores norteadores dos responsáveis pelo grupo SLSD, o que será visto ainda neste capítulo. Além disso, a religião direciona também práticas cotidianas, principalmente de Ramos e Madalena, que são os mais devotos e não fazem uso de bebidas alcoólicas, assim, tentavam controlar a distribuição de álcool para os integrantes antes e durante as apresentações.

2.2.2 Criação do grupo

O Urso Sem Lenço, Sem Documento foi fundado em 1997 através de uma brincadeira de amigos com apenas 12 componentes, saímos pelas ruas batendo em latas e tambores recicláveis, trazendo alegria aos foliões, usando sacos de estopa e uma vasilha de queijo do reino na mão. Saímos nas ruas animando e pedindo ajuda para crescermos cada vez mais. Quando terminava o Carnaval Tradição o grupo se organizava para comprar instrumentos profissionais, e desde 1997 até hoje a nossa agremiação Sem Lenço Sem documento vem mostrando o seu trabalho e evoluímos bastante, atualmente Ala Ursa Sem Lenço Sem Documento no geral tem 50 componentes". (Portfólio do grupo, entregue por Ramos, 10 de outubro de 2018)

No primeiro dia de ensaio para o carnaval de 2019 (10 de outubro de 2018), Ramos me entregou este portfólio do grupo²⁹, que contava sua história de forma resumida num documento organizado e direcionado para o mercado artístico da região. No entanto esta história “oficial” foi completada por novos elementos ao longo da pesquisa.

O grupo nasceu em 1997 com iniciativa de Samuel (hoje com 70 anos) e seu filho mais velho Biratan³⁰ e Ronaldo, o filho do meio. Segundo Dona Madalena, eles eram os mais envolvidos na brincadeira por já terem feito parte de outro grupo do Ala Ursa Pé de Lama, ainda na década de 90. Seu Samuel conta que deu esse nome ao grupo pois se inspirou na música “Alegria, Alegria”, de Caetano Veloso; ele gostava muito do trecho inicial da canção, onde Caetano cantava:

²⁹ Impresso em uma folha A4.

³⁰ Biratan faleceu há menos de 5 anos por um problema de estômago no Hospital 13 de Maio situado em João Pessoa. É uma morte recente, sobre qual não se comenta, de modo que não conheço a data nem a causa exata de seu falecimento.

“Caminhando contra o vento/ **Sem lenço e sem documento** /No sol de quase dezembro/ Eu vou (...)”.

Eles iniciaram as brincadeiras do Urso SLSD na própria rua onde moram, sendo que a sede do grupo, foi e ainda é, a casa da família (onde moram Samuel e a esposa Madalena; Ronaldo; Ramos e esposa Ana Lucia, com suas duas filhas; e Willian).

[...] nós começemos com uns tambores, assim (mostra um balde de manteiga,) tudo emendado. Com aqueles instrumentos mesmo. Começemos assim. Eu e o irmão dele, Ronaldo, que faz essas máscaras e faz os brinquedo. E Bira. (olha e aponta com os dedos para o céu). (Seu Samuel, dia 23 de outubro de 2018)

Além de Samuel, todo resto da família e amigos são pessoas essenciais para o funcionamento e continuidade do grupo, exercendo diferentes funções ³¹. Acrescentando outras histórias sobre o nascimento do grupo, por exemplo: Ramos conta que a brincadeira do Urso SLSD começou com outras crianças e primos, todos moradores do bairro e com o passar dos anos ela foi tomando consistência até se tornar conhecida no contexto da cultura popular da cidade, recebendo diversos convites, anualmente, para entrevistas em jornais locais (como a TV Cabo Branco³²), ou mesmo convidado pela Prefeitura Municipal para apresentar em diferentes locais de João Pessoa, (como a orla de Tambaú, o bairro Esplanada) e em municípios próximos (como Cabedelo e Conde). A presença do grupo também é forte e lembrada no desfile de Carnaval Tradição há mais de 10 anos, inclusive ficando entre os três primeiros colocados em vários anos.

Outros moradores do bairro, na faixa etária dos 20 aos 30 anos também lembram do nascimento do grupo, como Ana Lúcia (esposa de Ramos e moradora do Roger há mais de 20 anos) que relata: “faz tempo demais que tem esse Urso, o Urso é antigo, aqui começo em 97, eu tinha 7 anos, aliás 6 anos (...)”. O grupo SLSD cresceu até se firmar e ser conhecido como um dos Alas Ursas mais antigos do bairro, junto com o Urso Gavião e o Urso Paquerador (que hoje já não existe mais).

Atualmente, quem conduz o grupo musicalmente é Ramos substituindo seu irmão desde seu falecimento. Em um dia de ensaio, por exemplo, soube por Dona Madalena que Biratan na beira da morte pediu ao seu irmão mais novo, Ramos, que mantivesse o grupo. Ela ainda relata que os dois irmãos se davam muito bem, pois Ramos tinha grande admiração por Biratan, modificando consideravelmente sua vida cotidiana, depois da morte dele, principalmente parando

³¹ Serão explicados no próximo item.

³² Afiliada da Rede Globo

de beber. Bira é lembrado de forma carinhosa e saudosa pelos familiares e alguns dos integrantes mais antigos do grupo.

Além disso, Madalena contou que apesar de Ramos participar do urso SLSD desde o início, ele aparentava não gostar e nem se envolvia muito no grupo. Hoje ele se mostra bem empolgado na condução da brincadeira durante as festividades do carnaval, como ele mesmo fala: “(...) minha vida é carnaval, é cultura. É bom demais”. Mas ela mesma, em alguns ensaios, se mostra cansada em manter ativo o grupo, dizendo: “por mim mesmo o urso já teria acabado faz tempo”.

Essa dualidade exposta por Dona Madalena entre manter e acabar o grupo é algo que não se vê apenas no SLSD, também Carvalho (2011) comenta no Bumba meu Boi do Maranhão e Maia Cruz (2011) no Maracatus no Ceará. São dificuldades comuns em dar continuidade aos grupos: questões financeiras, de organização, de disposição física e entre outras. Ao mesmo tempo, Dona Madalena sente grande orgulho de fazer parte da cultura do Roger, relatando que este setor sempre fez parte da sua história desde criança.

A dinâmica do grupo envolve todos da família nuclear, como vimos em 2019, inclusive envolvendo a participação dos mais jovens, como Willian (18 anos e filho de Bira) e as duas filhas de Ramos (Ana e Sara) com sua atual esposa, Ana Lúcia. Em processo de aprendizagem, Willian está sendo preparado, ao que parece para comandar o grupo, conduzindo os ensaios.

Apesar das dificuldades em manter ativo o Urso SLSD, a responsabilidade pela herança do Bira mobiliza toda família e os demais integrantes do grupo, que se organizam anualmente para perpetuar essa história, se empenhando, inclusive para conseguir as primeiras colocações do Carnaval Tradição.

2.3 FAZENDO UM BLOCO DE URSO

A produção de uma festa é tarefa complexa e custosa. Há papéis e atribuições definidos e fundamentais, na organização e no plano artístico. Esses papéis correspondem a posições sociais e requerem talentos, vocações e habilidades específicas. Durante a preparação, o círculo das pessoas envolvidas gradativamente se amplia, ganhando contornos próprios e variados. (CAVALCANTI, 1998, p.4)

Esta citação reforça a importância das festas para autonomia da construção dos seus artesanatos característicos, com agentes e produtores visíveis e invisíveis, que se empenham com persistência, disciplina, organização e muito brilho.

2.3.1 “Diretoria”: família “da Silva”.

“Diretoria” é a forma que a família da Silva de auto nomeiam, pois são os membros que estão a frente da musicalidade, burocracias, produção, costura e alimentação do SLSD, cada um exercendo diferentes funções.

Tal nomeação reforçou a ideia que o ponto de partida das manifestações culturais, normalmente, é um núcleo restrito de pessoas ligado a parentesco, amizade ou vizinhança (CAVALCANTI, 1998), como veremos entre os “diretores” do urso SLSD,

Samuel Luís da Silva:

Samuel é um dos fundadores, aposentado, com idade entre 65 a 70 anos. Ele dá entrevistas para todos que desejam conhecer mais sobre o urso SLSD, contando histórias, mostrando os prêmios e fotos antigas, além de estar presente em todas as apresentações em 2019. Ele é quem escolhe as pessoas que serão os Ursos do SLSD e possui também a autoridade de expulsar qualquer integrante “indesejado”.

Samuel é ativo e brincalhão durante os ensaios e apresentações, dançando bastante, além de possuir uma relação próxima com os integrantes, do sexo masculino, acima dos 13 anos.



Figura 5: Seu Samuel segurando a máscara do Urso SLSD (ainda em processo de produção) na oficina da sede do grupo (e casa dele). 5/02/2019. Foto: Lívia Macedo..

Madalena:

Madalena, mais conhecida como Dona Madalena (60 e poucos anos) trabalha há 10 anos em uma casa no Alto Roger fazendo faxina, por 2 dias por semana. No grupo SLSD é ela é a costureira oficial em fazer toda as roupas dos Ursos; o resto dos figurinos é feita por sua irmã Sônia, que será visto em breve. Madalena também cuida da alimentação do grupo, desde a água durante os ensaios, em fazer os lanches nas saídas do grupo e fazer a feijoada das festas de confraternização do SLSD. Assim, como relatou Wagner, integrante do grupo:

Dona Madalena é costureira do Sem Lenço e faz um monte de outras coisas. (Wagner, 5/02/2019)

Ela também vai em todas as apresentações, com tanta autoridade quanto Samuel e Ramos, podendo expulsar integrantes que desrespeitem algumas “regras coletivas”³³. Ela também é bastante solicitada para dar entrevistas sobre o SLSD, além de ser bem considerada e conhecida

³³ Será explicado ainda neste capítulo.

entre os demais grupos populares na cidade. Essa relação lhe garante, inclusive, encomendas e vendas de roupas de Ursos para outros grupos de Alas Ursas de João Pessoa e município próximos (por exemplo, em 201 fez as roupas dos Ursos para um grupo de Cabedelo); segundo ela, é algo comum os grupos mais novos encomendarem roupas ou comprarem as antigas do SLSD, mas devido ao volume de trabalho ela aceita apenas em alguns casos.



Figura 6: Dona Madalena costurando a roupa do Urso (ainda em processo de produção) na oficina da sede do grupo (e casa dele). 22/02/2019. Foto: Livia Macedo..

Ramos:

Atualmente ele é responsável pelo ensaio, e ser o “apitador”, como é conhecido pelo grupo. Ele também faz as compras do grupo (alimentação, tecidos, etc), e é o responsável em fazer a comunicação midiática, isto é, colocar as fotos e vídeos do grupo nas redes sociais (facebook e instagram)³⁴. Também é solicitado, junto com Samuel e Madalena, para dar entrevistas sobre o Urso SLSD, sendo conhecido entre os integrantes por “ser desenrolado nas câmeras” (WAGNER, integrante do SLSD)

³⁴ O perfil de Ramos no facebook é o mesmo que do Ala Ursa SLSD.

Ramos é o representante legal do grupo, é ele quem vai nas reuniões da Confederação do Ala Ursas do Carnaval Tradição, no qual são discutidos os temas e outras diversas formalidades. Ele escolhe o tema do carnaval, pensa o figurino e os adereços usados a cada ano, cuidando de toda a parte cênica.

Além de estar na liderança do SLSD, hoje ele está iniciando sua carreira como tatuador e músico; quando o conheci em setembro de 2018, ele vendia cds nas ruas e tatuava. Em dezembro do mesmo ano começou a trabalhar com serviços gerais em um Hotel no bairro de Tambaú. Conseguiu o emprego após uma entrevista concedida para a TV Cabo Branco, onde ele disse que estava desempregado, ali mesmo foi indicado para este cargo.



Figura 7: Ramos apitando o grupo SLSD em apresentação na praia do Poço, em Cabedelo. 20/01/2019. Foto: Livia Macedo.

Ronaldo:

Ronaldo que faz as máscara de urso as brincadeiras, artesão de criança tbm. Ali oh, ali é um carroçaria de caminhão. (SAMUEL, 23 de outubro de 2018.)

Ronaldo é o artesão do grupo, sendo interessado pelas artes desde criança. Ele faz as máscaras do urso e os demais objetos necessários para o grupo. Cotidianamente, ele também trabalha como artesão, desde que aos 18 anos fez um curso de artesão no “Empreender Paraíba”

há alguns anos. Ele também constrói brinquedos (como minicasa de bonecas de madeira com os móveis), móveis grandes e pequenos, mini caminhão de time de futebol, trio elétrico de brinquedo, entre outras. A maioria dos objetos produzidos são feitos sob encomenda de times esportivos, de empresas e de particulares.



Figura 8: Ronaldo ao meio de Joanderson (a esquerda) e o seu primo no dia da Confraternização Final no bairro do Roger. 06/05/2019. Foto: Livia Macedo.

Willian

Filho único de Bira, ele tem 18 anos, ajuda Ramos a organizar a bateria, conhecendo todos os toques, também toca caixa³⁵ no grupo. Apesar de ser bem quieto, o jovem é um exemplo musical para os iniciantes, já que conhece as entradas, pausas e o ritmo do urso; assim ninguém inicia os ensaios sem ele. Além da parte musical, Willian ajuda no que for necessário e no que tiver ao seu alcance, principalmente quando é relativo a produção, costura e alimentação.

³⁵ Caixa é um instrumento musical, tipo de tambor, composto por um corpo cilíndrico de pequena seção, com duas peles fixadas e tensionadas por meio de aros metálicos, uma esteira de metal, constituída por pequenas molas de arame colocada em contato com a pele inferior, que vibra através da ressonância produzida sempre que a pele superior é percutida, produzindo um som repicado, característico das marchas militares e em manifestações populares brasileiras, como no samba, Alas Ursas, etc.

É notável que possui uma presença importante no grupo além de ser modelo de comportamento, como reforça sua avó Madalena “não dá trabalho nenhum e nem se envolve com nada, os meninos sabe que ele é assim”.

Em 2019, Willian estudava o 2ºano do colegial. No entanto, abandonou os estudos formais no início de 2020, justificando que a escola era “mais bagunça e barulho do que aprendizado”.



Figura 9: Willian tocando caixa na apresentação do SLSD na praia do Poço, em Cabedelo 20/01/2019. Foto: Livia Macedo.

Ana Lucia

Esposa de Ramos, ela tem duas filhas com ele. Ana Lucia ajuda a organizar a casa, conciliando suas funções de espaço coletivo e particular, sede do grupo e residência familiar. Ela também colabora na produção e na alimentação; também é uma pessoa de autoridade reconhecida pelos meninos e meninas do grupo e quando é necessário impõe os limites precisos ao comportamento dos integrantes. Até o fim do carnaval, Ana Lúcia era dona de casa e não estava trabalhando em nenhum outro espaço externo.



Figura 10: Ana Lucia acompanhando o grupo SLSD na apresentação na praia do Poço, em Cabedelo. 20/01/2019. Foto: Livia Macedo.

2.3.2 Integrantes do grupo SLSD, instrumentos e outros acessórios:

O grupo de Ala Ursa é um elo de gerações, que abarca relações familiares e comunitárias, sendo o grupo constituído por crianças, adolescentes, jovens, adultos e maiores de 60 anos. Em 2019, o grupo tinha cerca de 40 pessoas, entre tocadores, a “diretoria”, os Ursos e apoiadores, entre idade de 5 anos aos 70 anos. Todos os participantes são moradores negros do bairro do Roger, e 7 integrantes relataram residir no “Baixo Roger”, 2 na comunidade Asa Branca e 1 na Comunidade do S. Os demais não especificaram o local do bairro que moravam.

Os tocadores e tocadoras são apenas crianças, adolescentes e jovens, apenas essas faixas etárias podem fazer parte desta ocupação, por ser uma manifestação voltado para eles. Entre eles são: 6 meninos (idade entre 7 aos 13 anos); 15 adolescentes e jovens do sexo masculino (idade entre 14 anos a 31 anos), 2 meninas (dos 5 anos aos 12 anos) e 3 adolescentes do sexo feminino (entre 14 a 18 anos); lembrando sua presença é variável em número e importância segundo a

apresentação (pois depende da disponibilidade deles). Sua distribuição segundo os instrumentos é a seguinte:

- 15 tocadores de tamborim (tocado mais pelas crianças; instrumento usado no samba e outras manifestações populares).



Figura 11: Integrante do SLSD tocando tamborim. Apresentação no bairro Esplanada. 5/02/19. Foto: Douglas Trindade

- 8 tocadores de surdo, conhecido também como treme-terra (tocado geralmente por meninos e adultos homens; instrumento grande e mais pesado, com a finalidade de marcar o tempo da batucada; usado na cultura popular, samba, pagode baiano).



Figura 12: Wagner tocando surdo. Apresentação no bairro Esplanada. 5/02/19. Foto: Douglas Trindade

- 6 tocadores de caixa (tocado pelos participantes que também mais experiência musical, já que sua finalidade é fazer os “dobrados” da batucada; instrumento usado também em outros ritmos da cultura popular, como no samba, frevo, nas marchinhas de carnaval, nas cirandas, entre outros)



Figura 13: Jovem tocando caixa. Apresentação no bairro Esplanada. 5/02/19. Foto: Douglas Trindade

Apesar de todos os instrumentos serem fundamentais no toque do folguedo, conforme aumenta o grau de complexidade musical, (são considerados nessa ordem dos menos para os mais complexos; tamborim, surdo e caixa), a responsabilidade e o grau de confiança do integrante com “a diretoria” também ampliam. Esse conhecimento pode ser reafirmado mediante os objetos e ações simbólicos ou físicos; traduzindo também como símbolos de organização ou mesmo legitimando a tradição do grupo (BERGER E LUCKMANN, 2004).

Majoritariamente, os tocadores são meninos, adolescentes e jovens homens, na faixa etária dos 7 aos 31 anos. As meninas, ao todo, como disse, somam 5 pessoas. Quando questionei o porquê da pouca presença feminina como tocadoras, algumas mães relatam o medo que têm das filhas se envolverem com substâncias lícitas e ilícitas, como álcool e maconha, ou mesmo de engravidarem. Uma das integrantes confirma “Porque aqui tem homem e as mãe não deixa por causa mais dos homens, mesmo” (Uendi, 15 anos). Ou como Ramos fala “(...) as meninas são bem-vinda, mas há grupos que têm mais mulheres e elas acabam ficando lá”

Eu mesma não deixava, o pessoal dizia 'Não deixa tuas menina ir em qualquer Urso, é muito homem e ela muito novinha. Não presta não, qual futuro que tem participa? E aí fica se drogando no meio do mundo. E Ramos não, conversa com eles, leva eles pra passeio, ne? E é muito bom, eles estudam pra depois ir apresenta. (CINTIA, mãe de Uendi).

Também há os integrantes que se vestem de Ursos adultos e mirins (assim como os tocadores, os Ursos nem sempre estão reunidos em todas as apresentações – com exceção do Desfile no Carnaval Tradição e no Alto do Roger- no entanto sempre há presença de pelo menos um deles em qualquer apresentação). Além disso, também as pessoas que se vestem de Ursos são também apenas crianças, adolescentes e jovens. No total, para o carnaval de 2019, foram eles:

- 2 Ursos adultos e 3 Ursos mirins. (integrantes que se vestem de Urso Mirim: Joan Anderson, Mikael, Cristian; integrantes que se vestem de Ursos adulto: Edson e Wesley).



Figura 14: Um Urso adulto (verde) e dois mirins (amarelo e branco), Seu Samuel agachado e Luciano(conhecido como Cremilson) carregando a bandeira do grupo. Apresentação no bairro do Esplanada, 5/02/19. Foto: Livia Macedo

Além dos Ursos e tocadores, existem algumas pessoas que somam ao grupo para sair nas apresentações, dançando, carregando a bandeira, levando os mantimentos, dentre outras atividades. Entre eles estão Cremilson, que leva a bandeira, um casal (ambos aparentam ter cerca de 50 anos) que acompanham as apresentações exercendo várias funções, como levar , água e alimentação, objetos necessários para apresentação, além de animação e a dança. E as mães dos integrantes que sempre (quando podem) também vão nas apresentações acompanhar os filhos e filhas e animar a brincadeira.



Figura 13: Integrante apoiador carregando uma das fantasias do Urso. Apresentação em Praia do Poço, Cabedelo. 20/01/19. Foto: Livia Macedo

Não só os instrumentos musicais, como as funções e papéis designados dos apoiadores, igualmente, indicam graus de confiança e de conduta. Por exemplo, levar a bandeira do grupo ou ser um Urso Adulto são funções mais complexas do que levar água e os alimentos do lanche ou mesmo fotografar. Se a bandeira do SLSD é carregada por todos os lugares que vão, o estandarte apenas no dia do desfile final. Para ambas, os responsáveis em levá-las, normalmente são pessoas de confiança com uma história com o grupo. Cabe lembrar que apresentação do Carnaval Tradição a forma de se levar a bandeira também recebe uma pontuação.

Mesmo que todas estas atividades sejam de igual importância para a manutenção do SLSD, a distribuição social do conhecimento do grupo se manifesta conforme o tempo e a dedicação de cada um, sendo que a realização do espetáculo,

[...] depende do repetido desempenho dos papéis prescrito por parte dos atores vivos. Os atores corporificam papéis e efetivam o drama ao representá-lo em um determinado palco³⁶. (BERGER E LUCKMANN, 2004, p. 136)

Podemos relacionar essas distinções às manifestações do Boi de Zabumba e de Guimarães, descritas por Carvalho (2011), e onde esta dinâmica de hierarquias também acontece,

³⁶ Consideramos como “palcos” do SLSD distintos espaços de exibição, que podem ser as praias, o bairro do Roger ou outros lugares da cidade de João Pessoa ou cidades próximas. Que serão descritos detalhadamente no próximo capítulo.

diferenciando papéis entre os diversos componentes do grupo. No entanto, independente das posições na brincadeira, todos respeitam e obedecem a algumas pessoas do grupo, que para o SLSD, são, principalmente, Ramos, Dona Madalena e Seu Samuel, sendo que este último, apesar de estar uma posição de autoridade, no cotidiano, construiu uma relação de “zombaria e brincadeira” com os participantes, em geral.

2.3.3. Cotidiano dos integrantes:

Como já dito, o bairro do Roger respira cultura popular; esta união, por sua vez, cria condições para a criação e a consolidação da identidade grupal do bairro como também para o aumento do auto estima e do incentivo artístico aos moradores do Roger. Há muitos grupos carnavalesco e não carnavalesco que também fazem parte da rotina de alguns dos integrantes do SLSD, trazendo notável orgulho e satisfação a Ramos e Dona Madalena, como ele mesmo afirma “os meninos saem daqui e vão para capoeira, aqui no Roger é pura cultura popular”.

Um desses jovens é Wesley que está no SLSD há 12 anos, desde os 6 anos de idade, mas apenas no carnaval de 2019 foi um dos Ursos (antes era apenas tocador). Ele participa da capoeira Angola Palmares e também da Escola de Samba Unidos do Roger e está terminando o ensino médio. Outro é Wagner (tocador de surdo no SLSD), de 19 anos, não estuda e nem trabalha, pois terminou o Ensino Médio em 2017 e está procurando emprego, desde então. No entanto é um aluno antigo e presente do Centro Cultural Piolin e participa da escola de Samba Unidos do Roger. Ambos têm uma função importante na condução da bateria do urso, pois mesmo Wesley (que se veste de urso nas apresentações) segue auxiliando Ramos na parte musical durante os ensaios do grupo. Caio e Caique também são integrantes do SLSD e do Centro Cultural Piolin, foram porta de entrada para Ramos fazer a parceria com a ONG³⁷.

Quando eu entrei no Piollin, era o que? Eu tinha o que uns 8 anos, faz 12 anos de piolin que faço, Foi de 11 pra 12. Faz tempo demais.... já fui fazer Circo de Soleil, em São paulo. Rapaz, faço acrobacia, malabares. Tudo que tive de direito eu faço! (WAGNER)

Com exceção destes meninos citados, os outros integrantes não participam de outras atividades culturais do bairro. Uma das crianças participava de outra atividade em outro bairro,

³⁷ Será descrito no próximo item.

mas após mudar para o bairro do Roger no ano de 2018, o SLSD foi o grupo em que ela teve mais interesse em envolver-se.

[...] ói, meu menino participava da banda marcial num outro bairro, Juazeirinho, ai vim embora pra cá aí ele participou desta banda aqui de urso, a unica coisa q ele gosta, banda marcial (banda mirim no Juazeirinho de 7 de setembro), e urso. Ai vim pra cá na época do ensaio, ai ele pediu muito pra participar aqui, ai eu coloquei (...) Eu também gosto muito, se eu não trabalhasse, ia em todas as apresentações.(JÉSSICA, mãe de um integrante do SLSD)

Bruno se fortaleceu no grupo durante os ensaios carnaval de 2018 e em 2019 buscou cursos de dança urbana no Centro Estadual de Arte de João Pessoa (CEARTE) . Em conversa informal com a Sra. Jéssica, mãe de Bruno, ela disse que apesar do filho gostar desde pequeno de dançar, entrar no SLSD fortaleceu a sua auto estima em relação ao seu potencial artístico e assim ele resolveu se aprofundar na dança iniciando as aulas no Centro Estadual de Arte (CEARTE), no centro de João Pessoa.

Em relação aos estudos, de todos os jovens integrantes do grupo, apenas três abandonaram a escola, entre eles: Cremilson (25 anos) que não finalizou o ensino médio porque teve filho e precisou trabalhar para dar a ele a assistência necessária; Negão (19 anos) deixou a escola no início do ensino médio em 2017 pois acha que escola “não serve de nada”, mas ele afirmou que pretende “dar um tempo da escola” e depois finalizar o ensino médio; e Willian, neto de Dona Madalena, que como disse anteriormente, para ele não fazia sentido mais estar no espaço escolar, já que relata que lá existe mais “zombaria e barulho” do que estudos. Os que estão em idade escolar estudam na EEEF Ana Higina ou na EMEIF Mons João Coutinho, ambos localizadas no Roger.

Apenas alguns integrantes trabalham, entre eles Edson, que veste-se de Urso. Ele faz serviços gerais em uma empresa no Bairro Intermarens em Cabedelo e conta, “ (...) eu faço tudo: sou jardineiro, servente, pedreiro, eu faço tudo”. Único integrante que não está na “Diretoria”, mas apresenta idade na faixa dos 30 anos, sendo que ele participa do Urso desde da sua criação, em 1997. Era amigo do Bira, conhece bem a organização do urso e está sempre na sede, ajudando a desfilar a roupa dos Ursos e pronto para desempenhar qualquer outra função que seja necessária. Assim como Joanderson, 25 anos, caseiro e que também está no SLSD desde da “época de Bira”, segundo ele conta.

Apesar de ter mais crianças, o grupo abre exceção para participantes antigos, como Edson e Joanderson, pois além de contribuírem muito na produção, eles são muito próximos da família desde de crianças; para eles, Dona Madalena é como uma tia.

O estilo e a estética dos integrantes também são marcados por roupas e acessórios que se assemelham a maioria dos moradores do bairro (crianças, adolescentes e jovens), penteados e tipos de calçados, tanto da parte dos meninos quanto das meninas. Esse estilo pode ser definido como,

[...] como la manifestación simbólica de las culturas juveniles, expresada en un conjunto más o menos coherente de elementos materiales e inmateriales, que los jóvenes consideran representativos de su identidad como grupo. La mayoría de grupos juveniles comparten determinados estilos, aunque éstos no siempre sean espectaculares ni permanentes. (FEIXA, 1998, p.97)

Os meninos, tanto crianças como os adolescentes, calçam o mesmo estilo de chinelo, com tiras grossas; a maioria usa boné de aba reta e corrente de prata com corte de cabelo é curto. Já as meninas, estão sempre com shorts bem curtos, uma blusinha, chinelos de tira fina, cabelos presos. Quanto soltos, estão alisados ou com trancinhas afro. Todos estes elementos, objetos e símbolos, se misturam e se vinculam a uma determinada identidade do grupo (FEIXA, 1998; CARVALHO, 2018). E os Alas Ursas tornaram-se uma identidade forte desse bairro (ARANHA, 2014), forjando uma bricolagem que é também uma forma de criatividade simbólica (FEIXA, 1998), assim como a linguagem do cotidiano, pois entre eles há muitas gírias que não são compreensíveis por todos: algumas crianças, eu, Dona Madalena e Samuel, até mesmo Ramos não acompanham sempre esses códigos linguísticos.

2.3.3 Relação de Ramos com os pais e integrantes do grupo: critérios e valores do grupo.

Não tem idade, tem apenas a permissão dos pais, podendo dançar e andar... pode vir pro Sem Lenço que será bem-vindo. (RAMOS)

O Ala Ursa SLSD está voltado para as crianças, isto é, sua dinâmica é conduzida de acordo com as necessidades cotidianas infantis, respeitando-as. Seus horários de ensaios e apresentações são combinados e autorizados pelas mães e responsáveis pela criança. Madalena, Samuel e Ramos consideram a atividade muito importante para que elas se envolvam com “coisas boas do bairro” (segundo Madalena). A presença de crianças traz uma imagem positiva entre os demais e as mães e pais do bairro, o que permite uma maior participação.

O grupo SLSD possui também regras para a admissão e ao longo do tempo foi construindo alguns valores relacionados com as circunstâncias e a conjuntura do território do Roger, como a proibição de entrar no grupo pessoas que estão envolvidas no tráfico ou atividades ilegais³⁸. Madalena confirma que, “(...) quando Ramos vai pôr os meninos aqui, Ramos pergunta: tu se ligue

³⁸ Será aprofundado este critério no último capítulo da dissertação.

pra não ser errado não, viu? Porque aqui sai criança, ai não pode não! Teve gente que já foi morta no meio da brincadeira do urso”.

DaMatta (1997) nos recorda que o carnaval é aquele momento que revela uma coletividade diferenciada, permeada por valores do grupo, implicitamente ou explicitamente ditos.

[...] o ritual, como o carnaval, é um dos elementos mais importantes não só para transmitir e reproduzir valores, mas como instrumento de parto e acabamento desses valores, do que é a prova a tramanda associação - ainda não devidamente estudada- entre ritual e poder.”(DAMATTA, 1971, p.26)

Como pessoa de “exemplo” e “autoridade” para os integrantes, Ramos ensina valores e auxilia na sua formação musical, se assemelhando com a função do “treinador do time” ou “um mestre de capoeira” (CARVALHO, 2018). Wagner me disse durante um ensaio ainda em novembro de 2018 que “Ramos é o cara”, confirmando a admiração e o respeito que os integrantes têm por ele.

[...] a autoridade seria fundamental para a educação das crianças, pois cria-ria uma referência padrão a ser imitada [...] Entendido nem como medo, nem como amor e tampouco como a combinação dos dois, o respeito seria uma impressão exemplar. Apenas imitamos quem respeitamos, da mesma forma como todos aqueles a quem demonstramos respeito são por nós imi-tados ou são aqueles a quem tendemos mais a imitar. (BARBOSA PEREIRA, 2016, p.124).

O conceito de aprendizagem pelo cotidiano do Ala Ursa SLSD incorpora-se às práticas sociais, isto é, são uma construção social, um empreendimento coletivo e relacional, no qual pessoas constroem suas ideias partir dos quais compreendem e lidam com as situações e episódios da vida (VALENÇA, 2018)

Assim é que os integrantes aprendem no cotidiano, disseminando valores, saberes e fazeres entre os adultos, adolescentes, jovens e crianças; aprendendo a tocar e a respeitar os limites dos espaços coletivos e do grupo. Estes atores sociais, tornam-se agentes sociais de seu bairro e se lançam em diversos cenários da cidade; frequentando, nas apresentações, outros espaços da cidade, como as praias de Cabedelo, de Conde e Jacumã, como também a Avenida Beira Mar. Logo, é interessante também de notar que “algumas práticas populares, como o carnaval, usa dos mecanismos da disciplina para o organização sócio-política.” (CERTEAU, 1998, p.41)

Assim, Ramos está diretamente ligado ao processo de transmissão cultural, educacional e de afirmação étnica-social para os integrantes do grupo, fortalecendo, também, o sentimento coletivo de pertencimento ao bairro e à cidade em que vivem. Como Barbosa Pereira (2016) cita,

[...] sem a transmissão social não há nem socialização, nem educação (...) refletir sobre as relações no cotidia-no remete, por um lado, a abordar todo o aparato institucional que mobiliza a transmissão e/ou reprodução de conhecimentos e de re-lações sociais, mas, por outro, também

implica destacar as ações que os estudantes empreendem como forma de assimilação e/ou de resistência. (p.106).

Nessas vivências, aos poucos eles vão construindo sentidos ditos e não ditos, disseminados pelos mais velhos; cadeias de relações que possibilitam a construção identitária dos integrantes do grupo. Sendo que “a plasticidade e a multiplicidade de meios de expressão tornam-nas particularmente adequadas à expressão da história, dos valores, conflitos e da dinâmica social dos grupos e das regiões que as promovem.” (CAVALCANTI, 1998, p.2)

Um exemplo marcado de transmissão de valores, que se tornou uma condição para a participação do grupo é o fato de que além dos participantes não poderem ter envolvimento com o tráfico, não pode usar qualquer substância ilícita dentro ou fora da sede do SLSD; e muito menos durante suas apresentações, independentemente do local que estiverem. A transgressão desta condição seria motivo de expulsão mediante as regras que realçam o respeito ao espaço que frequentam esses jovens e adolescentes.

2.3.4. Roupas dos tocadores e indumentária dos Ursos:

A indumentária é um dos elementos que fortalece este momento ritual, do extra- cotidiano, que como atividade lúdica de crianças e de adultos, produz uma experiência estética repleta de significações, que transportam o público também para o universo carnavalesco, podendo os Ursos provocar ao público alegria, dança, medos e risadas. Ou seja, com seus próprios significados³⁹ (BERGER E LUCKMANN, 2004, p. 43).

Essa diferença entre o cotidiano e os momentos extraordinários dos tocadores fica evidenciada quanto à utilização das roupas, que nos dias de apresentação comuns são diferentes daquelas usadas no Desfile do Carnaval Tradição. Para dias comuns, a exigência é usar uma camiseta estilo abadá com o nome do grupo⁴⁰, e sendo que na parte das calças/short eles alternam entre uma bermuda rosa e um jeans (o que é mais comum). Muitos deles usam boné ou alguma outra proteção para o sol. Na apresentação oficial, eles usam o figurino que varia de acordo com a temática do ano, como mostram as fotos abaixo.

³⁹ Será mais aprofundado no próximo capítulo.

⁴⁰ São feitas manualmente.



Figura 16: Ramos a frente guiando o grupo. Apresentação no Conde, 03/03/2019. Foto: Livia Macedo



Figura 17: Meninos esperando o ônibus para Apresentação em Tambaú. 20/02/19. Foto: Livia Macedo



Figura 18: Menino segurando o instrumento conhecido como caixa, na frente da sede do grupo; No dia da apresentação do Carnaval Tradição. 05/03/19. Foto: Livia Macedo

Os Ursos sempre desfilam com a fantasia completa, isto é, a roupa com máscara. No entanto, apenas inauguram a fantasia feita no ano vigente, e só na apresentação oficial, para preservá-la de eventuais estragos e desgastes. Segundo DaMatta (1971), a fantasia revela muito mais que esconde; sendo ela uma fantasia, retrata um desejo escondido, *“faz uma síntese entre o fantasiado e os papéis que representam e os que gostaria de desempenhar.”* (p.47). A fantasia mostra uma necessidade *“profunda de metamorfose de comunicação com o resto do mundo, social, natural ou sobrenatural.”* (MÉRIOT, 1999, p.14)

As máscaras dos Ursos são construídas artesanalmente, com papel machê cuja pasta é feita com cola branca e amido de milho cozidas, adicionando papéis recicláveis, de jornais ou revistas moídas ou em pequenas tiras, até ficar numa textura espessa, sendo manuseá-la para fazer os formatos desejados. A massa pronta é colocada sobre uma estrutura feita de espuma e arame que dá a base do pescoço e da cabeça.

Aí fazemos o nosso trabalho, que sabemos, agilidade com as mãos. Aí formamos a orelha, os olhos, o nariz. Até formar a cabeça do Urso. (RAMOS, Ent: 23/10/2018)

Depois do formato pronto, é feito o acabamento com tecido de pelúcia e elástico colorido para o rosto do urso, lanterna para os olhos, os dentes em formato de PVC. Mas, em 2019, eles inovaram usando a massa de biscoito, como Ramos comentou: “(...) o famoso dente realista, que tá inspirando os alas ursas. E o sem lenço, sem documento não deixa também de fazer.”. (RAMOS, Ent: 23/10/2018).

Os pelos do pescoço e da cabeça, assim como a roupa dos Ursos são produzidos a partir de sacos de estopa desfiados, conhecidos também como sacos de ráfia (também usados na confecção e reforma de sofás e outros estofamentos).



Figura 19: Ronaldo confeccionando uma máscara de Urso Adulto na sede do grupo, 22/02/19. Foto: Lívia Macedo



Figura 20: Máscara do Urso aguardando a finalização na sede do grupo, 22/02/19. Foto: Livia Macedo



Figura 21: Cabeça do Urso SLSD finalizada.. Apresentação em Tambaú. 20/02/19. Foto: Livia Macedo



Figura 224: Meninos desfiando o saco de estopa da roupa dos Ursos. Na sede do grupo, 22/02/19. Foto: Livia Macedo

A roupa é dividida em duas peças: uma calça e uma blusa de manga comprida, com botões na frente, sendo construídas em duas etapas. Primeiramente é costurado a “pele de baixo” da roupa (cujo material é de algodão e o tamanho varia de acordo com quem for vestir, sendo diferente para crianças e adultos) e em seguida são costurados os pêlos dos Ursos (cujo material é de saco de estopa). Depois de finalizado esse processo, os meninos do grupo desfiam os sacos de estopa deixando mais solto os pêlos dos Ursos (como na figura 12).

Por fim, os pêlos dos Ursos (ou seja, os sacos de estopa da roupa e o tecido de pelúcia costurados na cabeça) são pintados com spray de tinta. O grupo também revende as roupas para outros grupos de Ursos da cultura popular, tanto que foram utilizadas em carnavais antigos do grupo, como novas encomendas.

Meu fio, a roupa dá muito trabalho (...), eu faço por mil reais uma roupa. Faço porque tem que comprar o tecido... Ai quando o menino diz: “Dona Madalena! faça uma roupa pra mim! quanto a senhora faz?” “Faço por mil reais.”. Chega o menino ficou calado... porque dá muito trabalho, eu tenho que pagar uma pessoa pra ajudar, né? Eu vou costurando e aquela pessoa vai desfiamdo a roupa... Ai não dá pra fazer barato não! Eu tenho que comprar isso aqui. olha! Só isso aqui é duas pessoas pra fazer uma roupa. Isso aqui é um tecido de rafa! Ai ele ficou calado, Dá não, pra fazer menos, não. (Dona Madalena, Ent: 20/02/2019)



Figura 23: Dona Madalena costurando o saco de estopa em cima da peça de baixo de algodão. Na sede do grupo, 22/02/19. Foto: Lívia Macedo.



Figura 24: Meninos pintando os pêlos do Urso Mirim com spray de tinta. Na sede do grupo no dia da Apresentação do Desfile do Carnaval Tradição. 05/03/19. Foto: Lívia Macedo.



Figura 25: Ramos e Dona Madalena ajudando a vestir o Urso Mirim na apresentação em Tambaú. 20/02/19. Foto: Lívia Macedo.



Figura 26: Urso Mirim brincando na Apresentação no bairro Esplanada. Fantasia do Urso pronta, ainda no modelo do carnaval de 2018. 05/02/19. Foto: Lívia Macedo.

As pessoas para se vestirem de Urso têm que manifestar seu interesse e dedicação, primeiramente. Mas quem decide é Seu Samuel, como ele mesmo relata: *“se não tiver brigando com os colegas, eu digo que pode ser. Digo também “Você vai ser o do lado, você vai ser o outro o do lado e você o do meio. Tem que tudo ficar atrás do estandarte”* (Samuel, Ent: 20/02/2019)

Em relação aos figurinos de 2019, todos os integrantes do SLSD, com exceção dos Ursos, estavam vestidos de palhaços (sapatos, calças e blusas) confeccionados por Dona Sônia (mãe de Cremilson, irmã de Dona Madalena, tia de Ramos). Ela, em seu cotidiano, trabalha também como costureira e eventualmente como faxineira em casas particulares; assim o trabalho de costura prestado por ela para o grupo é pago com o dinheiro recebido do Carnaval Tradição da Prefeitura de João Pessoa. Ela faz as fantasias dos tocadores do grupo há mais de 10 anos, com muita dedicação, apesar de bastante trabalhoso. Segundo ela,

Costurei dia e noite, dia e noite, quase que eu não durmo para ficar pronto no tempo certo. Acordava de 3, 4 horas da manhã... ia dormir de 11 horas da noite.. Não tinha condição, .fiz mais de 50 peças de cada . Aí Ramos dava as coordenadas”. (Dona Lucia, Ent: 05/05/2019)



Figura 27: Dona Lucia contando sobre a produção dos figurinos no dia da Confraternização Final no bairro do Roger. 06/05/2019. Foto: Livia Macedo.



Figura 28: Jovem, do grupo SLSD, com o figurino completo para apresentação no Desfile do Carnaval Tradição de João Pessoa, sobre bicicleta monociclo, ainda no bairro do Roger. 05/03/2019. Foto: Livia Macedo.

Cada ano também, o grupo coloca acessórios que estão de acordo com a temática e conforme a criatividade, segundo Ramos. Como exemplo, na apresentação no Carnaval Tradição de 2019, foi montada uma tenda para abrigar os Ursos e saírem de acordo com o toque treinado. Além disso, alguns instrumentos circenses, como uma perna de pau e o conhecido nariz de palhaço.



Figura 29: SLSD se apresentando no Desfile do Alto Roger, com fantasia completa do tema de Palhaço. Ao meio, com perna de pau, está Berg do Centro Cultural Piollin. 5/03/2019.. Foto: Livia Macedo.

2.4. PARCERIAS DO SLSD:

As parcerias abaixo apresentadas traduzem parte da história e vínculos do grupo SLSD construídos ao longo dos anos nas vivências com os moradores do bairro. Sendo fortalecidas para a preparação para o Desfile Oficial, que se torna um momento realmente extraordinário da vida de todos que saem na Avenida.

2.4.1. Centro Cultural Piollin: uma parceria institucional do grupo.

O Centro Cultural Piollin é uma Organização Social sem fins lucrativos, fundada em 1977 e localizada no bairro Roger. Atua na área sócio-educativa com arte educação e é nacionalmente conhecida por desenvolver grandes artistas profissionais circenses.

Para o bairro é uma instituição que ocupa um espaço educacional e social importante⁴¹. Afinal, ele é responsável em proporcionar diversas oficinas no contra-turno escolar, sendo uma ferramenta potente na educação de várias linguagens artísticas a longo prazo dos alunos; também, por ser reconhecida nacionalmente os moradores possuem orgulho e satisfação de poder frequentá-

⁴¹ A importância do Piollin para o bairro e seus moradores não será debatido nesta dissertação, é um tema complexo que deve ser debatido a parte.

la. Segundo eles, o Piollin está disponível para outros eventos e atividades culturais para a população do Roger, como a capoeira Angola Palmares que faz treino 2 sábados ao mês lá finalizando com um piquenique coletivo.

A parceria do SLSD com o Centro Cultural para o carnaval de 2019 se consolidou, principalmente, por meio de Berg, palhaço e professor de circo do Piollin, e morador do bairro. Ele é conhecido entre todos da região e alguns dos meninos do urso SLSD foram ou são seus alunos.

Ainda tem Berg que vai fazer a apresentação. Ramos já pagou a ele...ele é professor né?! Tem ele e os meninos lá. Tem os alunos dele, os alunos de Berg, que saíram aqui também no ano passado e acharam bonito. (MADALENA, 23 de outubro de 2018).



Figura 30: Berg pintando Marianny, na sede do grupo, a filha mais velha de Ramos para a apresentação do Carnaval Tradição. . 5/03/2019. Foto: Livia Macedo

Assim, o enredo escolhido pelo Ramos foi o palhaço. É uma homenagem a Benjamin de Oliveira (1870- 1954), conhecido também por ser o primeiro palhaço negro do circo brasileiro⁴². Além de compositor, cantor, ator, foi o idealizador e criador do primeiro circo-teatro⁴³.

⁴² A escolha tema será debatido nos próximos capítulos.

⁴³ O **circo-teatro** foi um gênero de teatro muito comum e de muito sucesso no Brasil durante todo o século XIX até com certeza a década de 1960. Os espetáculos de circo- teatro possuem uma grande diversidade artística (música ao vivo de diferentes ritmos, distintos gêneros teatrais, acrobacias, capoeira, números circenses), os artistas apresentaram-se, no século XIX e boa parte do XX, em muitas cidades brasileiras, o que ocasionou maior divulgação e visibilidade das principais expressões artísticas nacionais e estrangeiras. (ERMINIA SILVA, 2003)

Como cita Dona Madalena, os primos, Caio e Caique (respectivamente, de 14 e 15 anos), são integrantes do SLSD há dois anos e alunos do Centro Cultural Piollin desde criança. A presença deles, em ambos grupos, também contribuiu para fortalecer a parceria, trazendo uma magia suplementar às apresentações, não apenas no Desfile Oficial: eles usaram pernas de pau e outros instrumentos circenses no urso, enriquecendo suas apresentações.

2.4.2. Ala Ursa Gavião.

Difícil não ver os Alas Ursas juntos [...] A parceria desde que eu e Ramos tocava, já faz uns 10 anos mesmo. Faz 10 anos. (MISTERDAN, 25 anos, dirigente do Urso Gavião)

O Ala Ursa Gavião e SLSD, em 2019, se mostraram bem unidos desde o início do meu trabalho de campo, sendo que Misterdan, responsável pelo Urso Gavião, acompanhou vários ensaios do SLSD. Assim, Ramos queria que eu fosse também na sede do Urso Gavião fazer filmagens e tirar foto do grupo dele, no entanto, isso não aconteceu, pois não seria possível acompanhar os dois Alas Ursas nesta pesquisa.

O Urso Gavião é um dos Ursos mais antigos do bairro, foi um grupo que influenciou a criação do SLSD, ainda final da década de 90. Pois Samuel era amigo do antigo dono do grupo do Ala Ursa Gavião, o Brazinha (falecido); ele observava, pedia sugestões ao amigo em relação a organização do SLSD.

A morte de Brazinha foi sentida por todos moradores do Roger que gostavam bastante do Urso Gavião, e após o falecimento do responsável, a família dele não conseguiu se organizar para manter ativo o grupo. Assim foi que o amor e carinho que o Urso Gavião construiu ao longo de 33 anos no bairro repercutiu em Misterdan hoje seu coordenador, pois, segundo ele, “não queria ver a história do urso gavião morrer, né?”. Assim com apenas 22 anos comprou em dinheiro⁴⁴ o Urso. Ou seja, foram 33 anos de história e de memória dos moradores do bairro que motivaram Misterdam a dar continuidade; sendo que ele e muitos dos admiradores pela brincadeira do Urso tiveram seu primeiro contato com a manifestação através do Urso Gavião. Até hoje, todos lembram com ternura “os tempos de Brazinha no Gavião”.

Dona Madalena conta que:

Misterdan comprou, não sei quanto ele pagou e já é o terceiro ano. Agora o urso é dele. Esse Urso era velho, antigo. Era bom quando era o Urso Gavião, quando era o outro dono Brazinha. Porque o dono mesmo era Brazinha, mas era bom demais esse Urso, todo mundo gostava. Aí né ele morreu,

⁴⁴ Não sei o valor pago a família de Brazinha, não foi revelado por ninguém durante o trabalho de campo e não senti abertura em perguntar.

todo mundo morreu. Ai ele só tinha um irmão que trabalhava e brincava com esse Urso, e o outro irmão, até ajudava ele, mas ai pegou e deixou de mão demais ele. Ai pronto ele vendeu pro Misterdan, aí ele mandou Ramos aconselha Misterdan. Pra ficar os dois assim, caminhar junto, né? Ai Misterdan não queria não no começo... ele gostava de sair aqui no Urso Sem Lenço. Teve um ano que não tinha quase menino no Gavião, aí eu mandei uns pra lá. Urso é pra tá unido, não é pra tá brigando não.

A questão de compra e venda de um grupo foi algo que não foi aprofundado com os colaboradores ao longo da pesquisa, mas é algo que não é comum entre as manifestações dos Alas Ursas da cidade. Assim, não se conhece as motivações da família de Brazinha para fechar a negociação, em dinheiro, com Misterdan.

A princípio Misterdan disse que foi difícil coordenar pois era integrante do SLSD desde seus 7 anos, sendo amigo íntimo da família “da Silva”, relatando que gostava bastante de participar. Assim, pensou em repassar a direção do Ala Ursa Gavião, no entanto, atualmente, depois de 3 anos, ele segue firme na direção do grupo com o auxílio e estímulo de Ramos e outros integrantes do SLSD para aperfeiçoar os toques, as roupas e a dinâmica em geral.

Hoje, Misterdan relata gostar bastante de coordenar o Urso Gavião: “(...) o que eu mais gosto é focar no meu Urso, fazer as coisas pro meu Urso durante o carnaval, arrumar meu bloco (...) nesse período né. Eu sou doido no Urso.”.

Esse ano Misterdan disse que esteve muito sozinho na produção do Ala Ursa Gavião, costurou toda a roupa do Urso na mão (com enredo na temática do “Mundo Animal”), passando muitas noites em claro, o que o deixou sobrecarregado de trabalho. No dia que conversamos sobre a parceria com SLSD (duas semanas antes do carnaval), ele me disse estar bem cansado e ansioso, mas que “está tudo caminhando bem, falta só 12 dias pro carnaval”.

Segundo Ramos e Misterdan, o dinheiro para os grupos do Carnaval Tradição, proporcionado pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, é um valor⁴⁵ recebido pequeno e insuficiente para custear⁴⁶ a preparação do Desfile Oficial e o convite de outras apresentações fora do bairro do Roger, o que dificulta muito as suas rotinas carnavalescas.

⁴⁵ O valor não foi dito pelos dirigentes.

⁴⁶ Fantasias, acessórios, comida, transporte, etc.

3. CICLO FESTIVOS: DOS ENSAIOS À APRESENTAÇÕES

Este capítulo está voltado, principalmente, para a descrição do trabalho de campo em relação aos ensaios, apresentações, indumentárias, a dança, a música e outros elementos que permeiam este folgado.

Trago aos leitores, a pesquisa de campo, no qual a câmera fotográfica e de vídeo foi um instrumento que esteve presente do início ao fim, moldando o diálogo entre mim e os participantes do SLSD. Por isso muitas das fotos também serão expostas neste capítulo, sendo possível pequenas e breves a partir da sua presença.

Em seu artigo sobre a pesquisa de campo, Silva (2000) a desmistifica, defendendo que ela não é nada mais que relações entre indivíduos, entre duas ou mais pessoas, formando uma rede de significados. Na nossa pesquisa acrescentamos que houve a comunicação entre pessoas de diferentes territórios de significados. o que pôde ou não trazer pequenos ou grandes choques de estranhamento ou mesmo de identificação cultural.

De fato, trata-se de um trabalho construído por muitas mãos, e por outros fatores que influenciaram minha relação com os participantes do campo, como o tempo/ momentos de interação , o gênero, a idade, mesmo se o campo é vivo, se transforma a todo tempo e não é possível encaixá-lo conclusões finais rígidas. Como lembra Carvalho (2003):

Não estou me referindo apenas ao difícil desafio de transpor para o papel uma série de experiências continuamente reinterpretadas no fluxo constante do vivido, nem somente às questões éticas envolvidas na escrita, que foram abordadas por inúmeros antropólogos, como Clifford , 1998 e Oliveira, 2000. (p. 270)

Isto é, a descrição destes aspectos propiciou também diversas emoções e sensações, acentuando “os cheiros, os sons, as cores, as formas, os contornos e as nuances não apenas do bairro, mas também de seus moradores e de suas formas de viver” (MAIA CRUZ, 2011). Na perspectiva desta autora, o trabalho de campo vai além dos dados quantitativos, apesar de serem importantes. É fundamental estar aberto a ver questões simbólicas e as relações tecidas entre os participantes da manifestação, e estar atento, também, às pequenas mudanças de gestos conforme as relações interpessoais do campo vão se solidificando (VAN GENNEP, 1978).

Essas vivências fizeram parte do meu percurso etnográfico da pesquisa,

[...] cheio de surpresas, não só pela quantidade e qualidade das descobertas de fatos, explicações e interpretações que nele o antropólogo pode fazer, mas também pela flexibilidade da etnografia enquanto experiência humana não controlável por esse que, a rigor, domina os conceitos e as técnicas para exercer essa forma de conhecimento do

mundo social nos outros. Na prática, o confronto com esses outros revela-se frequentemente, como uma fonte potencial de desorganização daqueles conceitos e de invalidação daquelas técnicas. Pois assim percebo, em parte, e experiência etnográfica realizada com Betinho” (CARVALHO, 2003, p. 449)

Corroboro com esta citação inicial de Luciana G. de Carvalho (2003) sobre também meu caminho etnográfico com o grupo SLSD. Os principais colaboradores da pesquisa são os dirigentes Ramos, Dona Madalena e Seu Samuel, que são as pessoas responsáveis em responder todas as questões sobre o SLSD, sendo difícil acessar os outros participantes de forma espontânea. Creio que as diferenças de gênero e idade, e o tempo que os conheço, interferiram na construção destas relações mais fluidas, trazendo certo distanciamento entre mim e os participantes.

Os integrantes mais velhos, com certa timidez, ainda se esforçaram para conversar comigo, pois pareciam possuir uma curiosidade sobre mim. E mesmo os mais próximos dos dirigentes, como Ana Lúcia (esposa de Ramos) quando conversamos e eu fazia algumas perguntas sobre o grupo, ela me dizia que era melhor eu conversar com Ramos, Seu Samuel ou Dona Madalena, por ser aqueles que estão desde do início do grupo e possuem responsabilidades distintas que cabem a cada um falar sobre, como a costura de Dona Madalena; a história do nascimento do grupo com Seu Samuel. Isso já diz muito sobre a organização do grupo, sobre a autoridade que estas pessoas são para o restante do grupo.

A vivência etnográfica possui muitas funções e olhares de ambos os lados, entre eles, “políticas, econômicas, afetivas, estéticas, expressivas e religiosas” (CAVALCANTI, 2014, p.12), ou seja, cada pessoa mostra e fala o que lhe parece importante e conveniente para aquele momento.

No entanto, a vivência etnográfica não se constrói apenas pelas palavras, se faz também na leitura dos corpos e expressões, gestos, olhares e sentimentos que vieram à tona em mim em alguns momentos da pesquisa, o que também ajuda a uma melhor compreensão do grupo, com mais elementos agregados, que fogem do olhar quantitativo.

Os ensaios e apresentações aqui relatadas, são momentos do extra cotidiano, que trazem provisoriamente uma outra leitura sobre o mundo: “dizem coisas, fazem coisas, revelam coisas e escondem coisas sobre o social” (DAMATTA, 1997, p. 71). Nos momentos em que o SLSD dizem, fazem, revelam e escondem, podemos destacar algumas situações do seu pré-carnaval do carnaval e depois dele.

Dito isto, passamos a apresentar alguns resultados da nossa observação, classificados em “temas” arbitrários, ou seja: foram organizados e selecionados conforme

nosso próprio recorte da realidade, considerando que diante da diversidade e complexidade das informações e estímulos próprios ao campo, uma divisão em tópicos pode ser de grande utilidade na exposição e tratamento posterior das informações.

3.1. OS ENSAIOS E O PRÉ- CARNAVAL:

3.1.1. Ensaios abertos pelo Bairro do Roger:

Outubro de 2018, iniciaram-se os ensaios para o Carnaval 2019, alguns em frente à sede enquanto outros aconteciam caminhando entre calçadas e ruas pelo baixo Roger. Mas diferente das apresentações oficiais, os Ursos não saiam pedindo dinheiro e nem apareciam com frequência para os moradores durante os ensaios regulares que eles faziam às quartas e quintas feiras, das 19 às 21h. Os participantes que vestiram-se de Ursos, muitas vezes, não usaram a fantasia, mas acompanhavam os tocadores através dos passos de dança enquanto outros exercem mais funções, como no caso do Wesley, que além de sair de Urso nas apresentações oficiais, também ajudou ensinando aos novatos os toques dos “tremes-terra”. Os demais tocadores, por sua vez, também usam suas roupas do cotidiano para desfilarem no bairro, durante estes ensaios.

Em seus deslocamentos durante os ensaios, quando o SLSD saía às ruas, todos iam às calçadas para olhar. Outros acompanhavam o grupo, em especial os adolescentes homens, fosse de bicicletas ou motos, com estilo de vestir-se muito semelhante ao dos espectadores do bairro, os participantes do urso em geral usavam: bonés com aba reta, corrente de prata, shorts e camisetas, calçando um chinelo de tiras grossas enquanto as meninas, mulheres e idosos, em geral, apreciavam a brincadeira na porta de suas casas, descontraidamente, mas sem acompanhar o grupo. Este momento também era importante para paquerar e encontrar os amigos. Como lembra Carvalho em sua pesquisa,

Cada ensaio (...) constitui, para eles, uma oportunidade privilegiada de confraternização e lazer, de encontrar parentes, amigos e vizinhos, tocar música, dançar, cantar, rir, comer, beber e namorar (...)” (CARVALHO, 2003, p. 261)

Tais ensaios são importantes para a preparação para o desfile final do Carnaval Tradição, quando os grupos do Ala Ursas apresentam-se um atrás do outro, caminhando na Avenida. Nesses ensaios- desfile, todos ensaiam a caminhada em fila, enquanto tocam seus instrumentos, o que os diferem das apresentações mais formais, pois como desfilam em seu território eles não costumam pedir dinheiro aos moradores, como é típico das

manifestações do Ala Ursa. Além disso, na maior parte das vezes os Ursos não saem nesses ensaios, apenas os tocadores.

Destacamos, aqui o deslocamento social do mundo contraditório no carnaval como ocorre no bairro do Roger, pois esses ensaios que ali acontecem revelam os professores e doutores da dança, do ritmo e das roupas; é onde se “dança o urso”, se toca samba, se constroem fantasias e figurinos exuberantes. Eles revelam grande poder através da alto potencial em criar, organizar e mobilizar socialmente, e principalmente em todos os anos reinventar o próprio espaço social (DAMATTA, 1981).

Assim, a criatividade é altamente valorizada no grupo SLSD, onde Ramos sempre reforça às crianças e jovens que “isso ninguém tira deles”, podendo ser usado em outros âmbitos da vida, o que acentua o princípio da festa do carnaval, que para Bakhtin (1987), é indestrutível e fecunda os diversos domínios da vida e da cultura.

No final da preparação para o carnaval, alguns ensaios de alguns ensaios ocorreram em comunhão com o Ala Ursa Gavião nas ruas do baixo Roger⁴⁷, quando Ramos enfatizou a todos presentes a força cultural do Roger, estimulando a união entre os Alas Ursas que, apesar disputarem uma colocação boa no Carnaval Tradição, “são todos irmãos”. Esta colaboração e harmonia eu mesma pude testemunhar desde o início dos ensaios, pois os dirigentes de outras Alas Ursas da cidade vão também prestigiar os grupos do Roger. Mas, segundo Dona Madalena é preciso estar atento, pois um ou outro pode tentar copiar “o toque deles” o que prejudica o grupo quando no Desfile da Av. Duarte da Silveira.

⁴⁷ Ramos e Misterdan (dirigente do Ala Ursa Gavião) combinaram entre eles alguns dias para ensaiarem com os dois grupos juntos.



Figura 31: Meninos tocando tamborim no ensaio do SLSD caminhando pelo baixo Roger. Jan/2019. Foto: Livia Macedo



Figura 32: Ensaio do SLSD caminhando pelo baixo Roger. Jan/2019. Foto: Livia Macedo

A minha presença nos ensaios foi de grande relevância para esta pesquisa e aproximação com o grupo, além de serem essenciais para “desritualizar” o desfile final, pois como DaMatta (1981) reforça a necessidade de darmos atenção, enquanto observadores do ritual, aos momentos anteriores do carnaval, quando existem práticas e relações sociais que transcendem os dias de carnaval.

3.1.2. Nos finais de semana saiam em bairros próximos e praia do Poço em Cabedelo:

Ainda no período do pré carnaval, aos finais de semana, o grupo SLSD desfilavam em distintos bairros, com a finalidade de “manguearem um dinheiro”; sendo obrigatória, nessas ocasiões, a presença de alguns do(s) Urso(s). Esse dinheiro é usado para lanches nas saídas fora da sede e na própria sede, ao final dos ensaios.

Embora variasses conforme os convites e as oportunidades em geral essas saídas ocorriam em áreas da cidade próximas ao Roger, como a Lagoa do Centro, e aos sábados, a praça Rio Branco, onde é promovido um show de chorinho regularmente, durante o dia. No percurso o grupo ia passando pelos bairros adjacentes, como Porto do Capim.

Em muitas destas apresentações de finais de semana próximas à sede, Ramos me convidava apenas no local final, como a Lagoa, ou a Praça Rio Branco, com a proposta que eu fizesse o registro audiovisual. Mais de uma vez perguntei o motivo pelo qual não me chamava para a caminhada, e nunca tive resposta, embora tenha percebido que os integrantes que iam para as apresentações majoritariamente eram aqueles de mais de 16 anos e do sexo masculino.

O grupo também, depois de receberem o dinheiro da Prefeitura referente ao Carnaval Tradição, alugou três vezes um ônibus para ir a Cabedelo aos sábados, para desfilarem da praia do Poço até Praia Formosa, ou seja, realizando com o grupo uma caminhada de aproximadamente de 5 km que vai do meio da manhã até fim de tarde. É um dia bem alegre, de muita brincadeira, em que todos se divertem muito, em geral alguns familiares acompanham as crianças e adolescentes do grupo. Nessas saídas, além da diversão, o grupo tem o objetivo de manguear um dinheiro, considerando que Cabedelo é um lugar em que se espera encontrar moradores e frequentadores de condição social de classe média a alta.

Durante esse passeio/ apresentação a relação com o público varia muito: algumas crianças choram aparentando grande medo enquanto outras brincam com eles. Interessante foi ver que os Ursos Mirins e as crianças abordadas criam um vínculo de brincadeira bastante distraído e desinteressado, no qual ambos se perdem no tempo ali, evidenciando que não só é o dinheiro que rege essas relações.

Já para os Ursos Adultos, além da brincadeira e da troca financeira com o público, a ida à praia mobiliza a paquera e a bebida entre eles. Segundo Wagner, a roupa é muito

quente e não tem como fazer apresentações sem tomar cerveja ou algum outro tipo de bebida alcoólica destilada⁴⁸.



Figura 33: Grupo SLSD se apresentação na Praia do Poço em Cabedelo. 20/01/19. Foto: Lívia Macedo



Figura 34: Ramos a frente com apito e tamborim conduzindo o grupo SLSD na apresentação na Praia do Poço em Cabedelo. 20/01/19. Foto: Lívia Macedo

⁴⁸Esta questão será mais abordada e discutida nas Considerações Finais.



Figura 35: Urso Mirim brincando durante apresentação na Praia do Poço, Cabedelo. 20/01/19. Foto: Livia Macedo.



Figura 36: Tocadores de caixa (a frente) e de surto do SLSD se apresentação na Praia do Poço, Cabedelo. 20/01/19. Foto: Livia Macedo.



Figura 37: Crianças (espectadoras) brincando com o Urso Mirim durante apresentação na Praia do Poço, Cabedelo. 20/01/19. Foto: Livia Macedo



Figura 38: Menina (espectadora) apertando a mão do Urso Adulto durante a apresentação na Praia do Poço, Cabedelo. 20/01/19. Foto: Livia Macedo.

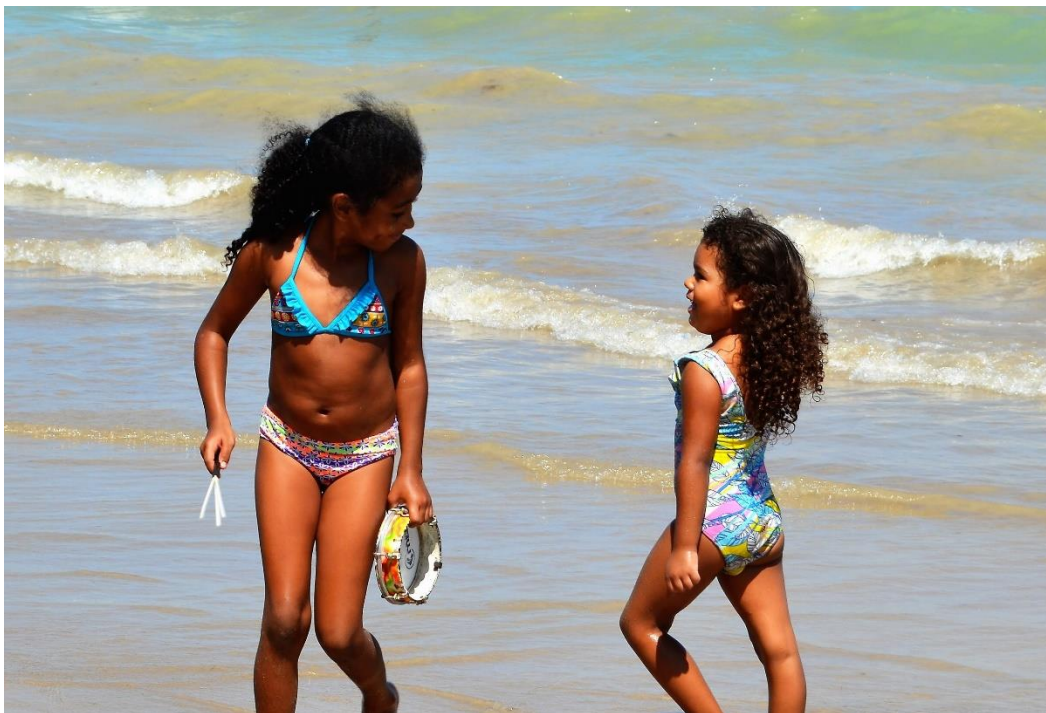


Figura 39: Tocadoras de tamborim do SLSD fazem uma pausa para um banho de mar e para brincarem entre elas durante apresentação do grupo na Praia do Poço, Cabedelo. 20/01/19. Foto: Livia Macedo.

3.1.3. Apresentações a convite da Prefeitura e de outros grupos de cultura popular:

O SLSD também se apresenta quando é convidado por órgãos Públicos ou privados, e por outros grupos da cultura popular da região. Assim aconteceu no Bairro do Esplanada no dia 01 de fevereiro de 2019, quando foram convidados junto a outros grupos carnavalescos da cidade, como a Tribo de Índios Mandacaru e na orla de Tambaú no dia 20 de fevereiro de 2019, nos dois casos a convite da Prefeitura de João Pessoa. Nestes eventos, Ramos contrata um ônibus para o transporte dos integrantes.

Na apresentação no Esplanada não fui com o ônibus, mas me encontrei com eles diretamente no local da apresentação: uma rua fechada para o desfile do SLSD e outros grupos. Nesta ocasião, Ramos me pediu para fotografar o grupo e depois enviar as fotos, diferentemente da apresentação em Tambaú, em que fui bastante requisitada para a questão audiovisual e quando ele mandou muitas mensagens confirmando a importância dessas imagens para o grupo, considerando a importância do desfile na Orla de Tambaú.



Figura 40: Dois Ursos Mirins e dois Ursos adultos do SLSD dançando no meio dos tocadores do grupo durante apresentação no bairro Tambaú, João Pessoa. 20/02/2019. Foto: Livia Macedo

No dia desta apresentação, cheguei bem mais cedo na sede para pegar alguns dados sobre a vida cotidiana, escola, trabalho, outras atividades e da história que tinham com o grupo SLSD, além de registrar algumas informações básicas sobre seus integrantes, como nomes e idade⁴⁹. De lá fui com eles no ônibus contratado por Ramos e pago com o dinheiro do Carnaval Tradição, para Tambaú.

Tambaú é uma zona rica e bem visível, um bairro de elevado IDH (Índice de desenvolvimento humano) , muito importante para o turismo da cidade, sendo considerado seu bairro mais importante nesse aspecto, concentrando o m² mais caro da cidade de João Pessoa, Lá estão situados alguns equipamentos turísticos importantes, como hotéis principais, restaurantes conhecidos e a Feira de Artesanato, além de ser um local em que o setor imobiliário investe na construção de prédios, contribuindo com condomínios e aluguéis caros. Negão (apelido) confirma o orgulho em desfilar em Tambaú, dizendo: *“Depois a senhora vem fazer uma filmagem da gente, quando estiver vestido de Urso. É... vamos pra Tambaú aparecer na televisão”* (Ent: 23/10/2018)

⁴⁹ Segue em anexo o formulário de perguntas.



Figura 41: Cremilson balançando a bandeira do SLSD, com orgulho, em frente ao Tambaú Hotel durante a apresentação do grupo na orla de Tambaú. João Pessoa, 20/02/2019. Foto: Livia Macedo



Figura 42: Wesley fazendo pose com roupa do Urso, sem máscara, após apresentação na orla de Tambaú. Em cima dos pontos turísticos da cidade de João Pessoa, 20/02/2019. Foto: Livia Macedo

A figura 41 traz um elemento bastante simbólico, ou seja, o rito como a manifestação da Ala Ursa é um mecanismo essencial para tomar consciência do mundo a sua volta. Isto é, produzir sentidos sociais das relações sociais, os lugares dos grupos e as situações vividas., como evidencia a foto 41, onde Cremilson fez questão de me chamar para tirar esta fotografia. O hotel simboliza o poder aquisitivo, material e social, símbolo

da burguesia diante dos Alas Ursas, mas a bandeira em frente ao hotel evidencia que há diferentes pessoas que circulam neste território, representando o bairro do Roger. A apresentação desta manifestação neste local transgrediu as ações do cotidiano dos participantes do grupo, como vemos na foto 28, em que Wesley deita de forma descontraída em cima dos símbolos turístico da cidade; marcando sua presença neste local. Ou seja, evidenciando o deslocamento social, territorial, hierárquica que acontece no período carnavalesco, como lembra DaMatta (1978):

A inversão carnavalesca brasileira situa-se como um princípio que suspende temporariamente a classificação precisa das coisas, pessoas, gestos, categorias e grupos no espaço social, dando margem para que tudo e todos podem ser deslocados. É precisamente por poder colocar tudo fora de lugar que o Carnaval é frequentemente associado a “uma grande ilusão” ou “loucura”. A transformação do Carnaval brasileiro é, pois, aquela da hierarquia cotidiana na igualdade mágica de um momento passageiro. (DAMATTA, 1978, p.132)

3.2. CARNAVAL:

Durante o carnaval, as únicas apresentações confirmadas do grupo são os desfiles na Av. Duarte da Silveira no Carnaval Tradição e no próprio Roger. Ambas acontecem, normalmente, no mesmo dia, enquanto as demais apresentações variam de acordo com os convites feitos ou da própria organização do grupo.

3.2.1. Sexta- feira de carnaval, 1 de março de 2019:

O SLSD se apresentou no bloco “Criança Feliz”⁵⁰, iniciaram no bairro da Torre e terminaram no bairro Miramar. Os participantes estavam bastante animados. Foi alugado um ônibus por Ramos para chegar até o local, e eu fui com eles desde o Roger. Chegando na Torre, haviam muitas crianças a espera dos Ursos, que, por sinal, estavam atrasados; os Alas Ursas e as crianças possuem um vínculo forte, como também vemos no trabalho Aranha (2014), em que o grupo “Macaco Louco” do bairro do Rangel é composto apenas por crianças e adolescentes dos 9 até seus 15 anos.

É bonito ver como as crianças vibram com a brincadeira, dançando, correndo ou mesmo chorando, sem contar a relação entre os Ursos crianças com as demais crianças, pois assim que acabou a apresentação, eles tiraram suas máscaras e compartilharam com os meninos e meninas que foram prestigiá-los. A apresentação foi considerada um sucesso, com a grande animação que já os acompanhava desde a cantoria no ônibus.

⁵⁰ Bloco carnavalesco infantil de João Pessoa que faz parte da Programação do Carnaval Tradição de 2019 organizado pelo Prefeitura Municipal da cidade.

Sou ... eu sou Sem Lenço, eu sou ... eu sou Sem Lenço, ôôôôô... Com muito orgulho eu sou Sem Lenço!

Eu via o olhar radiante deles na apresentação e após apresentação: oficialmente havia começado o carnaval. E neste ano de 2019, eles contavam com a minha presença para fazer o registro áudio visual. Neste dia, os casais pediam fotos, as crianças ainda estavam tímidas e os mais extrovertidos se entretinham nas danças e nas risadas que a festividade traz à tona.



Figura 43: Foto final do grupo SLSD após a apresentação no Bloco Criança Feliz, no bairro da Torre. João Pessoa, 02/03/19. Foto: Livia Macedo.



Figura 44: Grupo SLSD se apresentando no Bloco Criança Feliz, no bairro da Torre. JoãoPessoa, 02/03/19. Foto: Livia Macedo.

Neste dia, também percebi a presença de um participante no grupo que eu ainda não havia visto nem nos ensaios e nem nas demais apresentações que estive anterior a esta. Depois reapareceu na apresentação no município do Conde do dia seguinte, no sábado de carnaval (4 de março de 2019). Sua presença chama a atenção para o problema do consumo de álcool pelos integrantes do Urso, pois sua chegada causou a Dona Madalena e Ramos um certo constrangimento (ele trouxe vodka.).

Para os responsáveis do grupo, como D. Madalena, Ramos e S. Samuel, essas visitas são uma situação de muito stress, porque esses rapazes que “gostam muito de tomar” podem influenciar os demais jovens e crianças no uso do álcool. Sua atitude era de provocação e ele pedia sempre mais fotografias, mas isso se resolveu quando coloquei um limite nas fotos, visto que também precisava atender às demais demandas. Foi constrangedor para mim, enquanto pesquisadora, mas me pareceu a atitude mais razoável diante da situação

Ao mesmo tempo destes acontecimentos, outros participantes do grupo dançavam funk, conversavam ou observavam o grupo de samba que tocou após a apresentação. Eles também interagiram com os outros músicos, tocando juntos algumas músicas, lembrando que alguns dos participantes do grupo também são de Escola de Sambas.

Bastante cansada, fui embora antes do ônibus para trazê-los de volta ao Roger, e já passava da 1 hora da manhã.



Figura 45: Integrante do Urso esperando para ir embora depois da apresentação do SLSD no Bloco “Criança Feliz”, no bairro da Torre. João Pessoa, 02/03/19. Foto: Lívia Macedo.

3.2.2. Sábado de Carnaval, 2 de março, 2019:

O SLSD foi convidado pela Prefeitura para participar do Carnaval do Conde durante à tarde do sábado. Fui um pouco mais cedo do horário combinado para ver a dinâmica da casa/sede do grupo. Havia muita agitação desde momento que cheguei; Seu Samuel e uma parte dos meninos já estava bebendo vodka. A música ambiente estava em volume alto e tocava brega e o clima de carnaval já havia chegado. Mas para alguns, nem a bebida nem música alta fazem parte do carnaval, Ronaldo e Dona Madalena, por exemplo, reclamam frequentemente do volume do som, e não pararam de trabalhar, seja fazendo o lanche dos meninos, cuidando das roupas dos participantes ou da indumentária dos Ursos. Enfim, é um trabalho sem fim. Ronaldo e Dona Madalena trabalhavam juntos na oficina, dentro da sede; ele sempre bem quieto e concentrado nas suas atividades, enquanto ela é mais comunicativa, com forte presença maternal entre todos e bastante respeitada pelos mais novos.

Seu Samuel, ao contrário, gosta das músicas. E é ele mesmo quem punha. Se entretinha com os meninos, brincava, “tirava onda”, bebia. E chamava muito a minha atenção para contar as suas histórias, aparentando estar bastante orgulhoso com minha presença ali.

Não demorou muito para chegar aquele homem que eu não conhecia, da apresentação do dia anterior, empinando a moto e pedindo novamente para eu tirar fotos dele, além de trazer mais Vodka. Ficou bem notável mais uma vez o incômodo de alguns membros da família, inclusive porque eles me pediram para eu ter paciência.

Senti que o pessoal do grupo estava ficando cada vez mais à vontade comigo, principalmente as crianças. As meninas adolescentes ainda ficavam tímidas e não gostavam de posar para foto. Na sede, revezei entre o pessoal do grupo na parte externa da casa e em acompanhar o trabalho de Ronaldo e de Dona Madalena.

Fomos de ônibus até Conde, que muitos dos meninos ainda não conheciam e estavam empolgados com a viagem. Antes de irmos passamos pelo bairro Mandacaru para levar também os idosos do “Urso Anos Dourados” pois também iam se apresentar. Ali no ônibus se juntaram essas duas gerações da Ala Ursa: os mais antigos e os mais novos, uma grande festa se iniciou ali mesmo. A turma do fundo se auto denominou “grupo Boca de Cana”, já que começou a beber ainda no ônibus; enquanto as crianças se encantavam com a viagem, e os mais idosos colocavam o papo em dia. Foi muita cantoria no percurso João Pessoa- Conde.



Figura 46: Senhora do Urso "Anos Dourados" no ônibus junto com o SLSD em direção à apresentação no município do Conde. 03/03/19. Foto: Livia Macedo.



Figura 47: Meninos "Boca de Cana" do SLSD no ônibus indo para apresentação no Conde. 03/03/19. Foto: Livia Macedo.

Chegando à cidade do Conde naquele calor, num espaço mais rural, saímos em caminhada pelas ruas. Foi o primeiro dia em que os meninos do Piollin saíram com o SLSD, encimados numa perna de pau, já que a temática do grupo era "o palhaço". Todos

saíam nas calçadas para ver o grupo passando e as crianças da cidade se envolveram na brincadeira.



Figura 48: Grupo SLSD se apresentando na cidade do Conde, 03/03/19. Foto: Lívia Macedo.



Figura 49: Meninos do Centro Cultural Piollin que fazem parte do grupo SLSD se apresentando na cidade do Conde em cima de instrumentos circenses, perna de pau e canguru, 03/03/19. Foto: Lívia Macedo.

Cerca de 15 minutos depois, comecei a observar que uma das adolescentes do grupo começou a andar de forma bamba, com o apoio de sua amiga. Me aproximei para ver o que estava havendo, e percebi que ela estava passando mal devido ao uso excessivo de bebida alcoólica. Era uma menina bem magra, que talvez não fizesse o uso sistemático de bebida destilada. Enfim, não passou muito tempo para que outras pessoas percebessem, de modo que um dos funcionários da Prefeitura do Conde que estava acompanhando o grupo nos auxiliou a levássemos ao Posto de Saúde para tomar algo que a fizesse melhorar e assim pudesse voltar a João Pessoa.

Eu a acompanhei no Posto de Saúde, já que o resto do SLSD ainda estava tocando. Alguns dos seus amigos do grupo ficaram com ela até o final do atendimento. Ela ficou bem, mas isto gerou uma situação bastante conflituosa no grupo, em especial com Dona Madalena e Ramos que ficaram bastante chateados pela situação, além de um tanto preocupados com o uso excessivo de álcool por alguns integrantes do grupo. Assim tomaram algumas providências para evitar novos problemas deste tipo nos próximos dias de carnaval e um deles foi pedir o afastamento do rapaz que havia trazido a bebida, e como punição ao grupo todo, também cancelaram a saída do dia seguinte, no domingo, quando estava previsto que iriam a praia do Poço, em Cabedelo. Além disso, começaram a pedir com mais rigidez que os mais velhos e maiores de idade ajudassem a controlar a restrição da bebida para os mais novos, para assim não prejudicar o grupo.

3.2.3. Segunda de Carnaval, 4 de março de 2019:

- 3.2.3.1. Desfile na Av. Duarte da Silveira.

Tu tem que alivia os braços. Ali na Beira Rio a emoção é grande na frente das câmeras. (RAMOS, primeiros ensaios de outubro de 2018).

O grande dia havia chegado, segunda-feira de carnaval. As agremiações dos Alas Ursas saíam no desfile do Carnaval Tradição da Prefeitura Municipal de João Pessoa, junto com outros grupos de Ursos. Cheguei cedo na sede, por volta das 14h, onde Berg e sua esposa estavam pintando os meninos de palhaço. Estavam todos bastante ansiosos, inclusive eu, que aproveitei para fazer fotos, entrevistas informais, e ao mesmo tempo, tinha que manter a câmera com bateria para aguentar até o final do dia. Foi uma tarde tranquila, com som baixo, muito trabalho e nada de bebida. Depois do episódio de sábado, notei que Seu Samuel permaneceu no quarto durante esta tarde, e quando saiu, parecia calmo e cansado.



Figura 50: Berg pintando um dos integrantes do SLSD para apresentação do Desfile do Carnaval Tradição 2019 de João Pessoa. 4/03/2019. Foto: Livia Macedo.

O nervosismo foi aumentando conforme Ramos demorava a chegar, apesar do sobrinho dele ter me dito que o chefe havia dito que o liberaria na hora do almoço para ele “poder curtir a brincadeira dele”. No entanto, ele só foi dispensado do trabalho às 18 hs, chegando em casa depois das 19 hs. E o SLSD saia na avenida às 21:10, sendo que o grupo todo deveria se deslocar até a Beira Rio (av Duarte da Silveira) a pé! Foi muito angustiante para todos, essa espera!

Depois que chegou, Ramos percebeu que faltava a “cabana dos Ursos” (em formato de um minicirco), que por um erro de comunicação acabou não sendo feito anteriormente. A ansiedade passou para um “desespero” de terminar a montagem a tempo. Neste momento, abandonei a câmera, para auxiliar neste processo, preocupada também para eles chegarem no tempo para o grande Desfile.

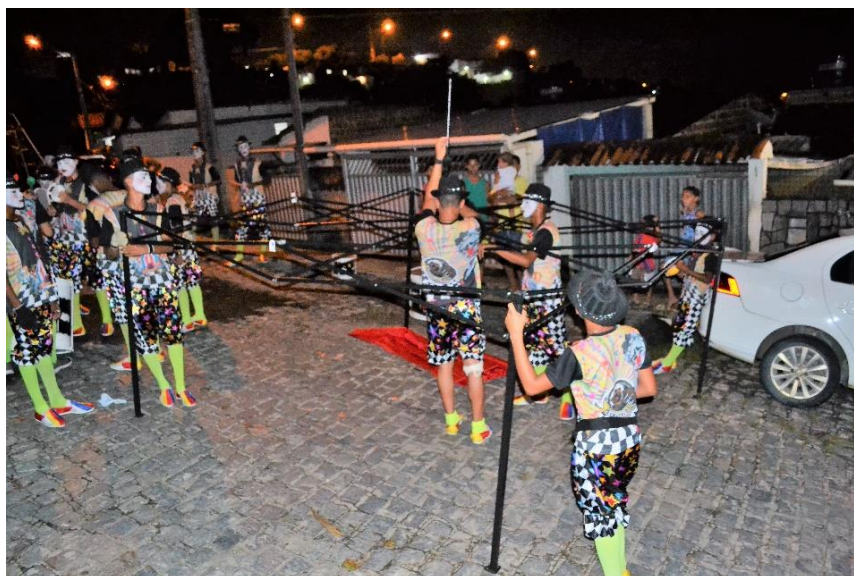


Figura 51: Meninos do SLSD, em frente a sede, montando a cabana, às pressas, antes de irem para a Av. Duarte da Silveira para se apresentarem no Carnaval Tradição de 2019. 05/03/2019. Foto: Livia Macedo.



Figura 52: Dona Madalena, dando os últimos ajustes na cabana dos Ursos, antes de ir para a Av. Duarte da Silveira para se apresentar no Carnaval Tradição de 2019. 05/03/2019. Foto: Livia Macedo.

Assim, depois de finalizada, o grupo se separou para chegar até a Avenida. Todos desceram a pé, cada grupo fazendo o caminho que lhe parecia mais conveniente. Uns meninos mais velhos foram primeiro, levando a cabana dos Ursos; depois uma outra parte foi levando as crianças; e por último fomos eu com: Ramos e a Ana Lucia, Dona Madalena, Seu Samuel e as netas.

A princípio saímos todos juntos às 20h30, mas nos separamos no caminho, pois a neta mais nova andava mais lentamente. No caminho, surgiram algumas insatisfações de Dona Madalena para Ana Lucia, evidenciando as diferenças entre elas. Apesar disso e da

preocupação com o tempo, Seu Samuel e Dona Madalena estavam bem confiantes e bem unidos.

Enfim, estávamos há poucos metros quando Ramos nos alcançou: fui com ele correndo na frente para organizar e juntar o grupo, pois faltavam apenas 10 minutos para o SLSD entrar na Avenida. Ele estava bastante arrependido de não ter alugado um ônibus, dizendo que nas próximas vezes isso não iria mais acontecer, mesmo sendo um valor bastante caro. Notei que ele estava bem ansioso e confuso com toda esta situação, pedindo para eu ficar dentro da cabana dos Ursos⁵¹ organizando os Ursos para a hora certa de sair⁵². No entanto, mesmo dizendo que eu não sabia o toque da bateria que fazia o chamado para os Ursos saírem, acabei topando, pois sabia que isso ia tranquilizá-lo, além de ter a segurança que um dos Ursos adultos, Wesley, tinha um conhecimento grande dos toques e iria estar à frente desta função. Assim eu aceitei esse desafio com mais tranquilidade e segurança.

Enfim, quando chegamos, os tocadores e os Ursos estavam bem dispersos. Ramos conseguiu organizá-los rapidamente. E depois de alguns minutos o SLSD foi chamado na Avenida. Passei quase toda apresentação dentro da tenda, que foi uma verdadeira confusão. Não só na hora de saída dos Ursos, mas também para manejar a Cabana caminhando. Como esperado, Wesley ficou atento ao toque certo; mas, mesmo assim, ele e os demais Ursos ficaram confusos e demoraram um pouco, o que prejudicou a pontuação do grupo com os jurados.

Enfim, após a saída deles, consegui sair também da barraca, bem discretamente, e levar a barraca por fora da avenida. Consegui ver parte da apresentação e fazer apenas um pequeno vídeo, de onde tirei essa foto abaixo. O pouco que vi, foi bem bonita, com muitas cores, perna de pau, as roupas bem feitas.

⁵¹Pois também foi esquecido de combinar com as pessoas quem iria carregá-la durante o desfile.

⁵²Já que isso também contava nota para os jurados.



Figura 53: Grupo SLSD na Av. Duarte da Silveira, desfilando no Carnaval Tradição de 2019. 05/03/2019.
Foto: Livia Macedo.

A apresentação na avenida durou cerca de 15 a 20 minutos, foi tudo muito rápido. No final, apesar da emoção de sair na Avenida, não falamos sobre como foi, estávamos todos bem cansados, com fome e sede. E ainda nos faltava a apresentação do Alto Roger, um desfile autogestionado pela comunidade onde/quando desfilam todos os grupos de cultura popular do carnaval sediados no bairro do Roger, como o Urso SLSD, o Urso Gavião, as Escolas de Samba, e os grupos de frevo.

Reparei que na volta, subindo a pé até o Alto Roger, Dona Madalena e outras senhoras que moram no Roger conversavam sobre o Desfile Tradição, e falavam com bastante orgulho do Urso SLSD e do Urso Gavião, dos figurinos de ambos, dos batuqueiros e da indumentária do Urso, bem construídos e bem bonitos: “(...) o Roger tá fazendo bonito na avenida, mostrando que tem cultura”. Ela evidenciava, através dessa frase como este bairro era importante para seus moradores e como suas agremiações carnavalescas impactavam na formação política, social e cultural da cidade de João Pessoa.

- 3.2.3.2. Desfile no Alto do Roger

Como sabemos, no Alto Roger acontece um desfile organizado pelos próprios moradores do bairro, em que diversas manifestações populares carnavalescas do Roger são convidadas a desfilar. As regras em relação ao tempo não são rígidas como a do Carnaval Tradição, então existe mais tempo para a brincadeira.

No Alto Roger fui dispensada da função de levar a Tenda dos Ursos: assim tive a oportunidade de fazer alguns registros audiovisuais. Apesar de não ser meu ofício, comecei a pegar gosto pela fotografia, além de ser mais viável para observar tudo ao meu redor.



Figura 543: Urso adulto e menino do SLSD andando em um monociclo durante apresentação no Desfile do Alto Roger, 05/03/19. Foto: Lívia Macedo



Figura 554: Ursos adultos dançando ao meio do grupo SLSD durante apresentação no Desfile do Alto Roger, 05/03/19. Foto: Lívia Macedo

Neste desfile, tanto os Ursos como os batuqueiros pareciam se sentir mais à vontade, afinal, estavam no próprio território, perto de amigos e familiares, para brincarem, tocarem, rirem e se divertirem no carnaval. Inclusive eu que nem moro lá, ainda com fome e sede, estava contagiada pela alegria dos moradores.

As calçadas estavam repletas de sorrisos de contemplação para a cultura do bairro, vindo de pessoas de todas as idades. O SLSD fechou o desfile, saindo após o grupo do Ala Ursa Gavião. No final, Ramos agradeceu a todos do grupo pela dedicação de mais um ano, por reconhecer a união e parceria do SLSD, apesar de todas as dificuldades no caminho. Este discurso foi ampliado e fortalecido por um dos organizadores do Evento.

Quero agradecer pelo belíssimo trabalho, pela força que tivemos lá em casa. Cada um ajudando o outro. Isso que importa de verdade. O SLSD realmente é uma família, espero que cada ano se fortaleça cada vez mais e lá na Duarte da Silveira, eu senti uma presença forte da alegria entre vocês. E cada ano que se passa tá brilhando cada vez mais. Obrigada a todos vocês componentes, estão de maravilha! (RAMOS, 5/03/2019)

O Desfile no Alto Roger foi marcado pela autenticidade dos moradores em organizar, de forma autogestionada, e pelas “mãos de muitos”, o seu próprio Carnaval. Sem ter a necessidade do apoio da esfera pública, isto é, a cultura popular vivendo e resistindo no bairro do Roger. Apesar das dificuldades que a maioria dos grupos passam na pré-produção, eles se mostram bastante orgulhosos pela união do bairro, valorizando os antigos e os mais novos (como o SLSD e o Urso Gavião, e o Ala Ursa Atrevido, que nasceu em 2019).

Sorrisos cansados e olhos de satisfação abarcavam os participantes dos grupos, dos moradores e dos visitantes que ali prestigiaram este momento. A sensação foi de missão cumprida. De lá, seguimos caminhando até a casa de Ramos para deixar as roupas na sede.

Reparei que depois da intensidade dos dias de carnaval, os participantes do SLSD estavam mais comunicativos e à vontade comigo, sentindo-se bem próximos. Alguns menores já me chamavam de “tia”, demonstrando cuidado, como por exemplo, levando água para eu beber. O mais interessante, foi notar que essa proximidade, fez eles acharem que eu morava no Roger ou bem próximo dali, inclusive estavam preocupados com minha volta neste dia, já que era quase 01h da manhã quando tudo terminou. Lembro da diferença dos primeiros ensaios que alguns deles me perguntaram se eu morava em Cabedelo, talvez pela identificação deles dos marcadores de diferenças étnicas e sociais que e apresente, e pelo fator deles frequentarem as praias no carnaval e perceberem ali um público majoritariamente branco.

Enfim, a noite estava por encerrada, todos agradeceram minha presença, ganhei uma camiseta e voltei para casa. Mas em breve, estaria de volta, para a confraternização e para o retorno com as fotos.

3.3. PÓS CARNAVAL:

3.3.1. Confraternização final, dia 6 de maio de 2019:

Para fechar o ciclo do carnaval de 2019, o SLSD organizou uma festa de confraternização em uma chácara com piscina no baixo Roger, um espaço bem bonito e bastante agradável. Dona Madalena preparou uma feijoada, e havia muitos convidados de dentro e fora do grupo, sendo a maioria moradores do próprio bairro.

Assim que cheguei, Ramos havia reservado uma tenda para o “pessoal da universidade” separada dos demais convidados. Além de mim, havia uma outra pesquisadora da área de dança da UFPB. No entanto, acabei sentando-se com a família de Ramos, para conversar sobre o Urso, entrevistar a tia de Ramos, responsável pela confecção dos figurinos de todo o grupo. Ela fez questão de me conceder uma entrevista sobre isto, pois sente-se orgulhosa em participar do grupo e quer fazer parte do documentário que pretendo realizar e devolver ao grupo.

Nesta ocasião, fui com meu companheiro que se ofereceu para tirar as fotos do evento, enquanto eu aproveitei para pegar as assinaturas da Autorização do Uso da Imagem e Som dos participantes do SLSD. Ao todo, foram mais de 45 participantes, que por sua vez, colaboraram e reconheceram a importância deste processo. Também conversei muito com todos presentes e percebi que S. Ramos me apresentava a todos como “produtora cultural” do SLSD.

As músicas tocadas durante a festa foram funks, brega e outras músicas muito apreciadas pela juventude do SLSD. Na festa reconheci muitas delas, que já havia escutado nos ensaios e encontros na sede do grupo. Os participantes e amigos do SLSD estavam bem animados, dançavam todos os estilos musicais que tocava durante a festa, além de aproveitaram muito a piscina, mesmo sem sol. Foi um momento de confraternização e descontração muito merecido por todos.

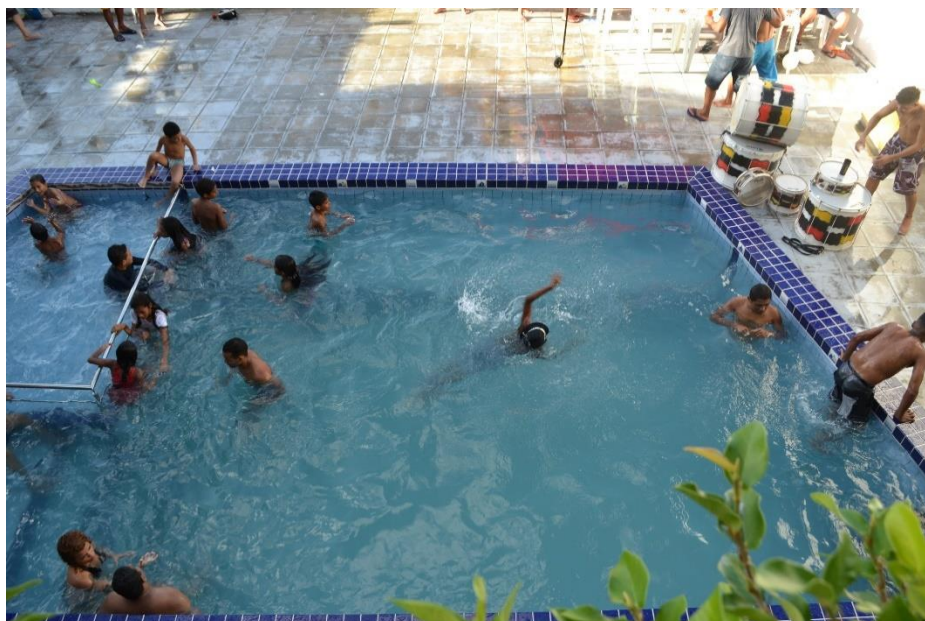


Figura 56: Convidados e integrantes do grupo SLSD na confraternização Final do carnaval de 2019 no bairro do Roger, 06/05/2019. Foto: Douglas Trindade.

Conversando com Ramos nesta tarde, ele contou que quando mais jovem curtia como eles, mas hoje está “mais focado na cultura”. Ele se lamentou um pouco pela demora da festa de confraternização, pois, segundo ele, acabou emprestando o dinheiro para um amigo bem próximo que prometeu pagar em breve, mas acabou tendo um imprevisto e não pagou até o momento. Assim, ele teve que “se virar” e fazer com o dinheiro que tinha, que veio principalmente do pagamento de uma de suas apresentações com cachê.

Durante a festa, ele entregou prêmios em dinheiro para todos Ursos adultos e Mirins, e para algumas pessoas do grupo, como Cremilson e seu primo, reconhecendo a dedicação que tiveram com o SLSD durante a pré produção e nas festividades carnavalescas de 2019. Esse dinheiro, não veio dos “mangueios” que eles fizeram durante todo período festivo, mas do dinheiro recebido da Prefeitura pela participação do Carnaval Tradição; Ramos guardou e priorizou esses prêmios em forma de dinheiro como reconhecimento e importância deles para o grupo. Além dos prêmios em dinheiro, distribuiu troféus para os demais participantes. Foi um momento bem emocionante para algumas pessoas, como Mikael, um dos Ursos Mirins, que chorou muito ao receber o dinheiro. Ramos, uma figura bastante paternal, elogiou a todos os premiados, evidenciando a força criativa deles, na musicalidade, na dança, nas artes manuais e no compromisso com o grupo.

Quero te premiar, pelo tempo que você vem conquistando aqui no SLSD, aprendendo. Vivendo e aprendendo. Saiu do Gavião e veio direto para o SLSD. Tá aí na sua

criatividade, Misterdam falo que você ficava parado. Aprendeu agora, criou o seu talento. Se descobriu. Você é um famoso talentista, dançarino do SLSD. Não é muito, mas é de coração. Você merece!. (Ramos premiando Mikael durante a festa de Confraternização, 6/05/2019)



Figura 57: Mikael vestido de Urso e Ramos durante apresentação do bairro da Esplanada, 01/02/2019.
Foto: Douglas Trindade.



Figura 58: Urso Mirim, Mikael, dançando durante apresentação do bairro da Esplanada, 01/02/2019.
Foto: Douglas Trindade.



Figura 59: Ramos e Urso Mirim, Cristian, depois de receber a premiação durante a festa de Confraternização, no bairro do Roger. Ao fundo, Misterdam prestigiando o momento. 06/05/2019. Foto: Douglas Trindade.

Depois das premiações, o grupo tocou por cerca de 15 minutos, uniformizado, exclusivamente para serem gravados (tocou apenas quem levou a roupa). Segundo Ramos, foi para mostrar a nós, universitários; e para compensar o dia da apresentação, em que não consegui fazer o registro audiovisual no Desfile do Carnaval Tradição.



Figura 60: Ramos apontando para (alguns) integrantes do grupo SLSD reunidos com o figurino completo (com exceção da maquiagem) na confraternização final, no bairro do Roger. 06/05/2019. Foto: Douglas Trindade.

No fim da confraternização, Ramos faz o convite de eu seguir com eles no Carnaval de 2020, agradecendo a força que dei com os registros que é muito importante para o grupo. Segundo ele, estar a frente do SLSD é bem puxado para ele, e que antes ele não gostava, mas com o tempo foi contagiado pela “cultura”. E tudo que faz hoje é pela “cultura” e pelos meninos. Conversamos um pouco sobre o documentário que vamos produzir juntos e os próximos encontros que levarei algumas fotos impressa.

Ramos é uma pessoa respeitada entre todos os integrantes do grupo e suas famílias, e do bairro em geral. Possui uma grande sensibilidade por trabalhar e fortalecer, sutilmente, com a autoestima como também a identidade étnico cultural dos integrantes. Muito importante sua presença no grupo, pois evidencia caminhos alternativos de arte, tradições, criatividade e invenção para as gerações mais novas do Roger.

Apesar de me sentir próxima do grupo SLSD, e com a família de Dona Madalena, essas relações foram permeadas de formalidade e pequenos tratamentos diferenciados que recebi quando estávamos juntos. Às vezes sou a pesquisadora ou a produtora cultural, ora amiga e vizinha deles. Percebo também que a presença do meu companheiro inibe os meninos em conversar comigo de forma mais descontraída, sem que surja timidez ou pequenos constrangimentos da parte deles. Por conta disso, consegui um vínculo mais estável apenas com Dona Madalena e Ramos.

Ainda em 2019, passei na casa deles alguns dias, para mostrar os vídeos, para levar fotos, trocar mudas de plantas e trocar conversas. Como também sempre que é do meu alcance ajudo a Ramos no que ele pede, já que seguimos, até hoje, nos comunicando via Whatzapp e Instagram.

3.4. DANÇAR, BRINCAR E BATUCAR:

Cristian, filho do Cristiano, ele tá doidinho para dançar. Ele pediu permissão do pai para dançar, o pai concedeu. Agora em 2019, ele vai fazer o trabalho dele na dança (...) o negócio é dançar bem, ter agilidade na dança (...) tô ensinando ao Christofer, passando toda criatividade para ele. (RAMOS, outubro/2018)

A dança dos Ursos é um elemento importante para a manifestação popular; não é simplesmente vestir a roupa e sair caminhando. Existe uma energia e uma movimentação nos pés, que é o resultado de um longo e importante aprendizado.



Figura 61: Urso adulto do grupo SLSD dançando na confraternização final do carnaval de 2019, no bairro do Roger. 06/05/2019. Foto: Douglas Trindade.

Lembro que ainda no primeiro ensaio de 2019, enquanto andávamos no bairro com a batucada do Urso, um morador passou dançando passos extremamente rápidos com os pés, lembrando a dança do cavalo marinho⁵³. As crianças que assistem também, em sua grande maioria, dançam, acompanhando o som, reforçando, ainda mais, o valor comum dos moradores frente à manifestação.

É um conjunto de sinais, expressão de gestos e movimentos corporais, algumas vezes padronizados, mas que tomam formas distintas nos corpos dos dançarinos (BERGER & LUCKMANN, 2004). A dança faz parte da totalidade do complexo mundo desta manifestação e também para o Roger: todos reconhecem a batida e já viram alguma vez dança do urso pelo bairro, o que expressa de modo explícito o seu valor social, muito destacado por Cavalcanti (2014):

A dança possui também funções psicológicas e fisiológicas reveladas apenas por uma descrição acurada e plena. Trata-se essencialmente de uma atividade coletiva, e não individual, e devemos explicá-la, portanto, em termos de função social, o que equivale a dizer que devemos determinar o seu valor social. (p. 21)

Seu Samuel, antes de formar o grupo do SLSD, participou de outro Ala Ursa⁵⁴ do bairro do Roger no final da década de 90, vestia-se de um dos Ursos; ele relata que

⁵³Folguedo popular da cultura nordestina, mais vistos também na zona da mata de Pernambuco e na Paraíba.

⁵⁴ O nome deste antigo grupo não foi mencionado durante entrevista.

antigamente a dança do Urso era feita com os joelhos bem flexionados, movendo-se para direita e esquerda com os braços erguidos a altura dos ombros. Atualmente, os novos dançarinos ficam mais elevados, quase em pé, sem flexionar muitos os joelhos, alternando os pés para frente e para trás e os braços seguem erguidos lateralmente, segundo ele:

Nós começamos não aqui: na sede... começamos nessa ladeira aqui, mas não era meu Urso não! Eu dançava lá, eu mesmo dançava o urso. Eu dançava o urso. Quando era mais novo... Agora eu tô velho e não aguento mais não. Tudo é engraçado... a atividade do meu bloco... porque cada pedacinho eu vou trazendo. Até eu terminava minha vida ... A dança do urso é assim (demonstra): a turma hoje quer patinar, feito patinete. E a gente dançava antigamente, no meu tempo, dançava assim, abrindo as asas, fazendo molecagem pra turma rir e ... viu? (Samuel, na sede do SLSD. Ent: 22/02/2019)

Em geral, a dança é bastante energética: os pés acompanham o ritmo da caixa ou dos tambores com o corpo em expansão e na posição vertical. Um dos passos leva os pés de forma ordenada e cruzada para frente e para trás, se contrapondo com a movimentação dos braços que também fazem o balanço para frente e para trás ou permanecem erguidos e parados na altura dos ombros. Outro passo é o deslocamento para frente, que é fundamental quando eles fazem suas apresentações em caminhada- avançando rapidamente para frente com as pontas dos pés que acompanham o ritmo, com os braços erguidos na altura dos ombros.

Além disso, no grupo SLSD como na maioria das outras Ala(s) Ursa(s) que vi na cidade, os Ursos são homens e meninos: dificilmente se vê uma mulher ou uma menina vestida na personagem. Já perguntei a Ramos, Seu Samuel e Dona Madalena sobre esta questão, e todos apenas confirmaram que era assim, embora não se oponham à ideia de mulheres ou meninas interessadas se vestirem de Urso; eles dizem que apoiariam.

Na confraternização do grupo em 2019, conheci uma pesquisadora e professora da área da dança que estava interessada na dança do Urso e entrou em contato com Ramos e sua família, que por sua vez, também foram bem receptivos com ela. Segundo ele, ela trabalha em uma Escola Municipal em João Pessoa como professora de artes. Vi através das redes sociais, que ela está sendo ensinada por Ramos a dançar e se movimentar como os meninos que aprendem com os mais velhos do grupo, ou mesmo no próprio cotidiano do bairro.

Neste sentido, lembramos que não apenas nas danças do urso: de modo geral os componentes do SLSD dançam muito juntos como percebi nas festividades do carnaval e na confraternização do final do ciclo de 2019. Eles dançam vários estilos musicais como funk, swingueira, brega, em várias rodas e pequenos grupos.

Também não podemos esquecer o fato de o grupo ser composto por crianças, adolescentes e jovens, com, mais força e resistência físicas:

[...] da etapa da juventude provavelmente há uma diferença considerável na influência do ritmo corporal sobre pessoas de diferentes idades, sendo seu efeito mais compulsivo nas crianças do que nos adultos. (CAVALCANTI, 2014, p. 35)

A dança também melhora a auto-estima do dançarino pois ativa seu sistema muscular, exigindo habilidade de movimento e acurar visão e audição, produzindo neles um sentimento de vaidade sendo estas experiências intensificadas quando expressas em coletivamente (CAVALCANTI, 2014). Segundo a autora, o(a) dançarino(a) dança com o corpo todo, com os músculos, os órgãos, a boca, as mãos, pernas, com a boca, olhos, etc; o que também proporciona um efeito social, que principalmente promove o aumento da auto estima e confiança.

Diante disso, a dança, como expressão cultural do Urso, é a união de todos estes efeitos, trazendo ao dançarino uma sucessão de movimentos, sentimentos e emoções, metáforas e marcas sociais, sabedorias e costumes populares, portanto, elemento fundamental para a compreensão da existência dos Alas Ursas. Alguns dos integrantes do SLSD trouxeram relatos que marcaram a importância da dança do Urso na história com o folguedo.⁵⁵

Cristian (10 anos) que é Urso Mirim do SLSD me revelou em conversa informal que, desde que conhece o Urso através de seu tio Edson (também do SLSD) se encanta com a dança e por “andar por aí” durante os ensaios e apresentações. Assim como Mikael, também Urso Mirim do SLSD e que chegou sozinho ao grupo, e o conhecia “desde pequeno” disse que sempre dançou muito e aprendeu sozinho, aliás; aprendeu vendo o SLSD passar pelo bairro. Em 2019, ambos foram muito elogiados nas apresentações por Ramos e Dona Madalena neste quesito.

Aqueles pequenos (se referindo a Mikael e Cristian) dançam muito, tem muita energia nas pernas, e animam o povo. Ramos ensina, mas aprendem muito sozinhos, vendo os Ursos passar.. (DONA MADALENA, 22/02/2019)

Outro jovem dançarino, como João Anderson (de 12 anos) veio para o SLSD por meio de convite, através de um dos Urso Mirins (Mikael), mas diz conhecer o grupo desde dos 6 ou 7 anos, vendo-o passar no bairro. Hoje, ele também é um dos Ursos Mirins e é muito envolvido pela dança, como pude acompanhar durante seu aprendizado para aperfeiçoar a dança, em 2019.

⁵⁵ No entanto, por ser um tema amplo e não foi aprofundado nesta pesquisa.



Figura 62: João Anderson ainda vestido com parte da fantasia do Urso Mirim após a apresentação no Bloco “Criança Feliz” no bairro da Torre, 02/03/19. Foto: Livia Macedo.



Figura 63: Cristian, vestido de Urso Mirim após a apresentação do grupo na confraternização final no bairro do Roger, 06/05/19. Foto: Douglas Trindade.

Alguns tocadores, como Pedro (16 anos) gostam bastante da dança e da alegria do Bloco. Assim como Lucas, que também toca algum instrumento, mas confessa que acha a dança mais interessante. Rosivan também chegou no SLSD sozinho com 12 anos:

hoje ele tem 15 anos, e o que mais chamou sua atenção no bloco foi a dança que acompanhava a batucada- além de fortalecer as amizades.

Percebemos que a infância, o brincar e a dança caminham juntos: sem a dança não tem brincadeira, não tem a emoção da manifestação. Lembro que uma das coisas que me chamou mais a atenção nos primeiros ensaios foi como as crianças do grupo e as expectadoras que apenas assistiam, sem pertencer ao grupo, pulavam e se movimentavam com bastante alegria ao som da batucada.

No entanto, a dança e a brincadeira não acontecem sem a batucada. A batucada, formada pelos instrumentos percussivos (tamborim, surdo e caixa, e mais o apitador que direciona cada toque) une a dança e a brincadeira, e conseqüentemente compõe a harmonia desses elementos, permitindo que o urso aconteça com sucesso e satisfação coletiva.

Para aqueles que não fazem parte do Ala Ursa, parece que todos os toques dos Alas Ursas são iguais: apesar da vivência de nossa pesquisa de campo, ainda tenho dificuldade em diferenciar o toque de cada grupo quando os escuto de longe, passando pelas praias na época pré-carnavalesca, por exemplo. Existe uma melodia semelhante, que se repete, feita pela caixa em vários grupos de Alas Ursas, mas isso pode variar de grupo para grupo.

No entanto, no universo dos Ala Ursas que saem no Carnaval Tradição de João Pessoa, cada grupo tem seus toques, seus toque dobrados e sua criação rítmica, como pude perceber no início dos ensaios (em novembro de 2018) num dia em que tiveram presentes outros dirigentes: do Ala Ursas Solitário e do Gavião, que também fazem parte da Agremiação dos Alas Ursas do Carnaval Tradição. Foi para evitar possíveis cópias da musicalidade (que também contam ou descontam ponto no concurso do Carnaval Tradição), que Ramos mudou o toque do SLSD neste dia, como me confidenciou Dona Madalena.

Independentemente do toque, a batida musical de todos os grupos é forte, e ao longe podemos escutar e reconhecer a força percussiva no/do grupo, o que eleva a animação do grupo e também a curiosidade no expectador, para ver quem bate.

Existe, até onde observei, o toque de entrada: uma virada para avisar que o grupo deve parar e cantar o grito de Guerra que diz “Sou, sou Sem Lenço eu sou, sou Sem Lenço eu sou, ôô! Sou Sem Lenço com muito orgulho!”. Depois há a virada para os Ursos se deslocarem na dança, saindo de trás da bandeira ou do Estardarte do grupo, mas

permanecendo na mesma área, sem se deslocar. Todos esses comandos são guiados pelo apito e pelo tamborim de Ramos, que fica posicionado à frente do grupo.

Também observei que o SLSD apresenta uma formação musical importante para esses meninos e meninas, que ali começam a diferenciar os toques, a afinar e manusear um tambor. Wesley, que tem 18 anos atualmente, começou no grupo com 6 anos, tocando tamborim. Hoje além de ser um dos Ursos, ele auxilia o ensaio de todos os demais instrumentos, e já na adolescência entrou na Escola Império do Samba do Roger. Em conversa informal comigo, ele contou a importância que o SLSD teve em sua vida, na sua formação musical, artística e pessoal.

Além de ser evidente o orgulho que Dona Madalena e Ramos possuem com a presença e apoio no grupo de artista reconhecidos localmente e consolidados numa carreira musical, este jovem é bem considerado pelos mais novos e mais velhos do grupo, refletindo a expectativa dos organizadores do grupo que sempre destacam a importância das atividades artísticas e culturais no bairro do Roger como uma perspectiva positiva e valorizante das potencialidades de seus habitantes.

Este é também um dos principais atrativos para a entrada de muitos dos participantes ao grupo: oito dos meninos/homens e duas meninas entrevistados (com idade entre 12 aos 31 anos), num total 10 que falam que o mais gostam do SLSD são os toques, ou aprender a tocar, seja tamborim, caixa ou treme- terra.

Outro aspecto chama atenção de muitos participantes do grupo como destacaram muitos meninos: o aspecto da sociabilidade e da alegria que o folguedo promove. Assim como acontece em outros folguedos, como o Boi de zumbumba em Guimarães, descrito por Carvalho (2011). Ou como Maia Cruz (2011) que confirma como esse aspecto da sociabilidade possui grande influência no ingresso e permanência das pessoas nos grupos de Maracatu do Ceará:

“As possibilidades de lazer e aprendizado profissional oferecidas pela Associação Iracema, como passeios pela cidade, encontros dos integrantes na associação para conversas informais e elaboração de palestras, minicursos, ensaios do maracatu e atividades estudantis, são fortes motivações ao engajamento dos moradores do Jardim Iracema no maracatu.(...) permitem a construção de laços de amizade, troca de experiências, momentos de diversão, aprendizado, entre outras atividades prazerosas.” (p.165-166).

Por isso, Juan Gleydson (15 anos) da SLSD nos falou sobre a consolidação da amizade no grupo, e como promoveu a abertura de novos caminhos na cultura popular, como sua a entrada na Escola Império do Samba, também do Roger. Ele participa do Urso

desde 2015, e através de Wesley (citado há pouco) aproximou-se da Escola de Samba onde ele também toca o surdo também.



Figura 64: Integrantes do grupo na confraternização no bairro do Roger, 06/05/19. Foto: Douglas Trindade.

Alexandre (20 anos) , conhecido também como “Negão”, abandonou os estudos regulares em 2018, e me disse que “não aprendia nada lá, além de achar um ambiente ruim”. No entanto, no SLSD é uma pessoa bastante ativa, estava sempre presente nos ensaios e apresentações do grupo e ajudava como podia, o que pude perceber desde as minhas primeiras visitas. Ele também sempre disse que gosta de estar lá, para se reunir com os amigos, conversar e ajudar. Como Juan, ele toca surdo no grupo.

Luciano (apelido de Cremilson), sobrinho de Ramos, também evidencia a importância da sociabilidade no grupo: já passou por várias funções dentro do SLSD e hoje está com 28 anos. No carnaval de 2019, ele foi o responsável em levar o estandarte nas apresentações.

Wagner é outra pessoa que está sempre na casa; com 16 anos, ele é batuqueiro no SLSD. Ele também é aluno do Piollin e da Capoeira Palmares duas outras importantes referências da cultura e do movimento social, artístico e cidadão do Roger. Sua maior satisfação no grupo é a diversão, ver os amigos e ajudar como pode. É assim também que diz Josuel, de 24 anos, que gosta de estar reunido com os amigos, pela “felicidade e alegria em apresentar”. Ele também toca surdo no SLSD e participa da Escola de Samba Unidos do Roger.

Além destes, outros meninos e meninas trazem em suas entrevistas a importância da sociabilidade no cotidiano do grupo, o que se constitui como o mais importante fator da convivência com o grupo⁵⁶. Também vi dois casais se formando no tempo da pesquisa de campo, entre a época dos ensaios até a comemoração final em maio de 2019. Depois reencontrei as meninas no fim de 2019, e ambas disseram que o namoro acabou no meio do ano.

Atuando no foco de ação e interação social, e principalmente na cultura juvenil (FEIXA, 1998), o grupo SLSD revela como a sociabilidade festiva e cotidiana englobam essa cultura de resistência, de fortalecimento e de pertencimento à cidade, constituída e movida, principalmente no protagonismo infanto-juvenil, além da força e união do bairro que reafirma a sua presença enquanto moradores e legítimos cidadãos da cidade de João Pessoa. Sem estas evidências de oposições e junções rituais (TURNER, 1974), que ficam mais visíveis nas festas populares- como no Carnaval, o mundo “estaria perdido”!

⁵⁶ Segundo Simmel (2006), a sociabilidade é a “forma pela qual os indivíduos constituem uma unidade no intuito de satisfazer seus interesses, onde forma e conteúdo são na experiência concreta processos indissociáveis (SIMMEL, 2006, p. 65).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

4.1. ALA URSA, *OUTSIDER* OU ESTABELECIDO?

O outsider é aquele que se desvia das regras do grupo (...) em geral, quando pessoas, ditas como desviantes, infringem em atos as regras sociais. (..). (BECKER, 2008, p.17-18)

Os termos *outsider* e estabelecido, trazido por H. Becker, se opõem um ao outro, atuando em conjunto com os conceitos “desvios” e “regras sociais”. Para Becker (2008), podemos definir que o *outsider* é aquele que não cumpre com rigor as regras sociais, sendo que muitas vezes suas ações se aproximam de desvios. Outsiders são “(...) aquelas pessoas que são consideradas desviantes por outras” (BECKER, 2008, p. 27), isto é, que não são consideradas ou tidas como “normais”, por não cumprirem regras sociais visíveis e invisíveis dentro da sociedade.

E regras sociais “(...) definem situações e tipos de comportamento a elas apropriados, especificando algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas”” (BECKER, 2008, p.15). Neste sentido, o que está dito como “errado” entra como um desvio dos valores que a própria sociedade construiu enquanto valores de desvio e regras sociais, variáveis segundo os territórios e grupos sociais.

Assim, o grau de classificação de um indivíduo, enquanto mais ou menos-*outsider* pode variar caso a caso. Por exemplo, temos a pessoa que comete uma “leve” transgressão no trânsito ou bebe “socialmente” numa festa; se suas ações não são muito -diferentes dos demais, ela é tratada com mais tolerância do que uma pessoa que comete um delito, crime ou que consome álcool de forma descontrolada. Crimes como assassinato, estupro ou traição colocam o transgressor na posição de “um verdadeiro *outsider* (...) mesmo que alguns que violam as regras não pensam que foram injustamente julgados” (BECKER, 2008, p. 16). Estas pessoas, então, cometem um desvio social, de diferentes “níveis”.

É de se pensar então que:

(...) grupos sociais criam desvio ao fazer as regras cuja infração constitui desvio, e ao aplicar estas regras as pessoas particulares são rotuladas como outsiders (...) assim, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um “infrator”. O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal. (BECKER, 2008, p. 22)

Explanei brevemente alguns destes conceitos que serão retomados ao longo da discussão deste item, no qual aproximo o Ala Ursa da classificação de folguedo popular

carnavalesco desviante, ou melhor ainda, como um folguedo “levemente” *outsider*, *sobretudo* quando o comparamos a outras expressões festivas aos demais do Carnaval popular de João Pessoa, como as Tribos de Índios, as Orquestras de Frevo e as Escolas de Samba, observados à luz da sua organização no Carnaval Tradição de João Pessoa, no bairro do Roger, e por relatos de algumas situações vividas por grupos de Alas Ursas da cidade durante meu cotidiano de pesquisa.

Sabemos que os grupos de Ala(s) Ursa(s), que desfilam no Carnaval Tradição da cidade de João Pessoa, possuem uma agremiação à parte, e reuniões de organização e planejamento no evento municipal em separado, diferentemente das Escolas de Samba, de Frevo e Tribo de Índios,; que, por sua vez, fazem parte de outra Associação onde realizam reuniões conjuntas. Perguntei a Ramos algumas vezes o motivo, mas ele não soube (ou não quis) responder, apesar dele valorizar bastante as reuniões específicas das Ala Ursas, neste espaço que possibilita discutir problemas comum, temáticas apropriadas para o público infantil, criar e fortalecer os vínculos com os outros dirigentes dos Alas Ursas da cidade.

No entanto, essa diferença no seio das associações carnavalesca dá visibilidade a um aspecto “outsider” na própria associação das Alas ursas, chamada de Federação dos Alas Ursas. Nesta esfera representativa eles aparecem excluídos e marginalizados, ou seja; socialmente parecem fugir das normas sociais, ou do grupo “dos normais”. Essa distinção me leva à pergunta sobre como a manifestação Ala Ursa também foi aos poucos tornando-“desviante” quando comparadas os demais folguedos carnavalescos típicos da cidade? Por que apenas eles são separados das demais manifestações carnavalescas?

O desvio, como já foi dito, é construído a partir da própria sociedade (BECKER, 2008). E não podemos deixar de complementar sobre a importância de cada território na construção de diferentes desvios e regras sociais.

No entanto, quero salientar, que não conhecemos exaustivamente a realidade do bairro e deste folguedo, considerando que na realidade cotidiana sempre há “zonas claras” e outras de “fundo obscuro”, ou seja; enquanto “certas zonas da realidade são iluminadas outras permanecem na sombra.” (BERGER & LUCKMANN, 2004, p.66).

Para a análise em curso, trago algumas situações contadas por alguns integrantes do SLSD que apontam este lado *outsider* da manifestação, lembrando que o grupo

reconhece enquanto tenta superar este estereótipo quando impõe regras de participação e priorizam a participação das crianças⁵⁷.

Dentre estas cabe destacar uma delas referente à entrada e permanência de jovens e crianças no grupo: a exigência deles não estarem envolvidos no tráfico de substância ilícitas. Esta condição se impôs com o tempo e com algumas situações experimentadas por outros grupos de Alas Ursas- corroborando com Carvalho (2011) que afirma que, possivelmente, fatos passados interferem em causas e escolhas do grupo para o presente.

Dois integrantes relataram dois casos de morte por assassinato que aconteceram enquanto os Alas Ursas ensaiavam pelas ruas do bairro ou na própria sede; sendo uma das mortes a de um adolescente que estava vestido de Urso, e o outro que era um tocador. Segundo eles, estes meninos eram envolvidos no tráfico de drogas e já estavam visados de morte.

Integrante 1: Eles (o grupo) deixaram de sair né... eles tão só ensaiando... porque tem menino errado, tem menino andando na rua...

Integrante 2: É eles recebem o dinheiro, mas não anda na rua... é igual ao Urso X⁵⁸... lá ninguém anda não também. Fica só ensaiando. Igual um lá também em Mandacaru...

Integrante 1: Ai é. aqui não tem menino errado não.. quando Ramos vai botar menino aqui, eu digo: tu se ligue viu Ramos?... porque aqui tem criança, né?... ai não pode. Esse Urso X mesmo, já morreu dois, dentro do Urso.

Integrante 2: Dentro do urso mesmo, dentro do ensaio.

Integrante 1: Oia: eu sei que os meninos tava tudo ensaiando, aí chegou o cara né? Ai disse assim: sai tudinho... todo mundo, eu quero aquele ali... Era ela justo o que tava vestindo de Urso... Minha fia, os meninos deixaram o instrumento e correram tudo.

Integrante 2: Carrera da bixiga, os pé ia bater na bunda. Ai só fico o urso, e atiraram nele.

Integrante 1: Aí ele ficou estirado lá... né?... deram um tiro na cabeça.

Integrante 2: Aí fico um tempo sem sair, mas agora voltaram de novo.

Integrante 1: Mas mesmo assim eles tão saindo.

Integrante 2: Aí depois eles fizeram uma homenagem ao menino que morreu, a esse menino que mataram.

Integrante 1: Oia o Urso Y⁵⁹ também! os meninos ensaiando na sede, aí trocaram lá mesmo dentro, e matou o rapaz. Ave Maria, já pensasse? Oia; por isso que acabou esse Urso ai, não tem mais não. Ele era famoso, mas acabou.

Integrante 2: Parece que acabou também o Urso W⁶⁰, por isso também.

⁵⁷Já que o Urso também é um atrativo grande para o público infantil, marcando a memórias de antigos e novos moradores da cidade.

⁵⁸Nome fictício.

⁵⁹Nome fictício

⁶⁰Nome fictício

Integrante 1: Tavam tudo envolvido, esse povo. Tudo envolvido. Esse negócio de ~~tá~~tar envolvido com morte, com droga...melhor não entrar no Urso não, que morre.

Integrante 2: Por isso que o Urso mais velho que tá tendo aqui é o SLSD e o Gavião.

Integrante 1: E aqui só sai mais criança. Porque a mãe deixa. Tem mãe que vem aqui pedir pra botar os filhos. Ai eu digo a Ramos: Ramos tu proibe de tanta bebida. Porque o jeito que o pessoal tá bebendo, as mães não vão mais querer deixar os filho aqui! Porque as mães ficam com medo, né? Oxi, tá doida!... as mães ficam com medo, tava dizendo a Ramos. Quem bebe mais aqui é Samuel, não vai deixar de beber não, e o menino do Urso, o Enzo... Ave Maria... tem outro também: Renan e Josinho. Ele sai aqui, mas nunca de Urso.

Integrante 2: Mas é assim mesmo, um calor da bixiga, num sol quente, a pessoa quer tomar uma gelada e tals... Pra passa do calor.. .né? Toma uma geladinha, e volta pra casa.

Integrante 1: Mas menino! é vodka, é cachaça... pára de ser besta! Deixa a pessoa bêbada demais!

Integrante 2: E qual a bebida que não deixa a pessoa bêbada? Tem remédio até que deixa a pessoa meio bêbada e meia tonta. Aquele Diazepam... (Conversa do dia 22 de fevereiro de 2019, na sede do SLSD)

Neste sentido, alguns cuidados são tomados quando eles saem as ruas com o grupo SLSD. Depois que começou a apitar o grupo, Ramos organizou os tocadores em fileiras para que os Ursos andem dentro e entre elas. Segundo os meninos mais antigos, não era assim no tempo de Bira, mas Edson e outros integrantes falam da importância de se tomar algumas providências, pois a violência vem aumentando, e nunca se sabe quem realmente está ou não envolvido.

Negão: Porque Ramos tá aprendendo agora, que Ramos ainda não sabe... que Bira fazia diferente.

Ana Lucia: Que Bira andava sem medo, e sem vergonha.

Samuel:Eu ensino a ele... mas ele gosta assim.

Edson: Mas, que todo canto agora tá perigoso. A pessoa é não pode se arriscar assim não.

Samuel: É perigoso só pra quem não é direito

Edson: É verdade. Mesmo assim, quando eu chego nas favelas assim, eu tiro a máscara logo. Pra mostrar quem sou eu. (5 de fevereiro de 2019)

Nota-se que os Ursos adultos também tomam seus cuidados, como vemos no relato de Edson, que chegando em qualquer lugar com a indumentária do Urso, tira a máscara e fica um tempo sem colocar; com o objetivo de deixar a vista seu rosto para não ser confundido com nenhuma outra pessoa ou Urso que possa estar ameaçado em sua vida. Apesar de não estarem com o rosto escondido, o mesmo cuidado também é tomado pelos tocadores que estão sempre atentos quem está assistindo ou não.

O medo de ocorrer qualquer tipo de morte é contínuo, e por isso os organizadores buscam destacar que o grupo é um local de formação artística e de diversão para as

famílias, no qual as mães não tenham medo de confiarem seus filhos. Quando descobre que algum dos participantes está engajado no tráfico, a “diretoria” do SLSD não permite mais que eles sejam parte do grupo.

Neste caso, é uma escolha moral da família em valorizar a segurança daqueles que desfilam, de manter o respeito do grupo diante do bairro e da cidade, além de ser um forte aliado em combate ao tráfico no Roger. Para eles, as crianças aprendem à medida que crescem, que observam os exemplos e vivem a realidade cotidiana e extra cotidiana.

Tratando-se de uma manifestação infanto-juvenil de rua, uma expressão carnavalesca periférica localizada no Roger (bairro constituído, majoritariamente, por pessoas negras), o cuidado é ainda maior quando se pensa que a punição em relação ao desvio de uso ou tráfico de entorpecentes ilegais é mais rígido lá que em bairros mais ricos e com moradores brancos. Fortalecendo a ideia que,

[...] o grau em que um ato será tratado como desviante depende também de quem o comete e de quem se sente prejudicado por ele. Regras tendem a ser aplicadas mais a algumas pessoas que outras (...). De maneira semelhante, a lei é diferencialmente aplicada a negros e brancos. (BECKER, 2008, p. 25).

Contudo, ainda há fatores que influenciam no arbítrio das escolhas segundo as pessoas e grupos. As sociedades modernas não constituem organizações simples em que todos concordam quanto às regras e como elas devem ser aplicadas em situações específicas. Pelo contrário: se diferenciam fortemente pela família, classe social, etnia, religião, ocupação e formação cultural.

Assim, de acordo com valores que são importantes para si, constituem-se diferentes famílias e coletivos, participando de atividades institucionalizadas ou não com valores próprios a que ela está inserida. Resumindo:

[...] uma pessoa faz ou não determinadas coisas porque acredita ser moralmente certo ou errado fazê-las [...] Estes valores morais, bem como seu meio social, cultural e físico, formam os parâmetros dentro dos quais ela atua.” (FELDMAN-BIANCO, 1987, p. 215)

Grupos do mesmo bairro, ou da mesma manifestação, como o Ala Ursa, não precisam partilhar as mesmas regras e, de fato, constantemente, não o fazem. Enfrentam questões ao lidar com seu ambiente, história e as tradições que carregam consigo, todos direcionados à construção ou não de diferentes conjuntos de regras. Assim, conforme as suas regras, vários grupos se entrecrocaram e contradizem: “haverá desacordo quanto ao tipo de comportamento apropriado em qualquer situação dada” (BECKER, 2008, p. 27)

A condição existente no SLSD é uma resposta a toda situação já exposta, ou seja, a regras sociais socialmente compartilhadas, construídas a partir de um processo político,

social e econômico (BECKER, 2008), relacionado a etnia, idade e classe. Assim, podemos compreender os distintos graus dos diferentes grupos que instituem regras para os outros. Para que:

[...] uma regra tenha força de lei ou de tradição, quer seja simplesmente resultado de consenso, a tarefa de impingir-la pode ser o encargo de algum corpo especializado, como a polícia ou o comitê de ética de uma associação profissional; a imposição, por outro lado, pode ser uma tarefa de todos, ou pelo menos a tarefa de todos no grupo a que a regra se aplica. (BECKER, 2008, p.16)

Esta ideia relaciona-se e fortalece também o que Berger e Luckmann (2004) dizem sobre os modos de definição e produção de realidades, que podem ser reforçadas como o poder físico pela polícia, por exemplo. Mas não significa que “estas definições serão menos convincentes que as aceitas “voluntariamente”, pois o poder na sociedade inclui o poder de determinar os processos decisivos de socialização e, portanto, o poder de produzir a realidade” (p.161).

Assim, a construção da realidade dos moradores do bairro do Roger é influenciada por várias questões já citadas ao longo da dissertação, como a força policial, o tráfico e seus dinâmicos movimentos culturais, entre outros fatores. Várias forças atuando num mesmo território. Apesar de haver distintas realidades dentro dele, o Roger não é uma célula à parte na cidade, é uma periferia, bairro potencialmente desviantes, mas seu lado *outsider* evidencia a segregação social urbana que existe na cidade.

Esta segregação está diretamente relacionada com o tráfico de drogas, condições sócio-econômicas precárias e uma pequena oferta de serviços e garantia de direitos públicos, sejam eles de moradia ou saneamento básico, entre outros. Nesse sentido, o desvio do Ala Ursa está incluso em um “conjunto amplo de fatos” (BECKER, 2008, p. 206) que incluem parâmetros políticos e econômicos.

Podemos inserir o bairro do Roger em um novo regime de marginalidade urbana, que segundo Wacquant (2001),

[...] tem sido predominante nas três décadas aproximadamente, desde o encerramento da era fordista definida pela padronização da produção industrial, pelo consumo de massa e por um contrato social keynesiano que amarra todos sob a tutela do Estado do Bem estar social. No entanto, seu impacto total está à nossa frente, porque seu advento está vinculado aos setores mais avançados na economia- esse é o motivo por que me refiro a esse impacto como “marginalidade avançada”. (p. 187)

Assim, o autor coloca alguns sintomas da marginalidade avançada na cidade, como a “modernização da miséria”- com o nascimento de um novo regime de desigualdade e marginalidade urbana que se impõe como um regime predominante

durante as três décadas do pós-guerra. Ou seja, o que aumenta a marginalidade é a forma que o capitalismo e o sistema de produção estão funcionando.

Não demorou muito, para que a juventude se visse cada vez mais pessimista e insatisfeita com os empregos mal remunerados, se sentindo-se atrasados em relação ao aperfeiçoamento tecnológico, levando a

[...] sensação de retrocesso, o desespero e a insegurança que permeiam bairros pobres, presos em uma interminável espiral de deterioração; e a escalada da violência etnorracial, da xenofobia e da hostilidade dirigida aos pobres, como expressa, por exemplo, a proliferação de medidas penais e policiais contra vadiagens e outros comportamentos subcriminosos, que constituem uma “criminologia de intolerância” (WACQUANT, 2001, p. 190)

A crescente estigmatização e o descaso estatal das periferias contribuiu para fortalecer os desvios dos Alas Ursas, além de interferir na visão e ações dos moradores. Ficou perceptível que há uma dualidade de sentimentos e comportamentos entre os participantes do SLSD quanto à residência e à identificação do Roger como um lugar de vida. Como Dona Madalena, mesmo que se contradiz o tempo todo em suas falas, me dizendo para tomar cuidado, mesmo vendo que não tenho medo de andar pelo baixo Roger sozinha. Ao mesmo tempo, nos ensaios ela se orgulha de quão bonito os meninos tocam e “fazem orgulho para o Roger” (*sic* Dona Madalena).

Não há juízo de valores sobre estas mudanças; aqui estou apenas expondo que as contradições estão presentes, mas muitas vezes são necessárias à vida dos moradores do bairro. Lembrando também que a “experiência de sentir os lugares é sempre dinâmica e não pode ser conhecida previamente. Os lugares animam ou interanimam ideias, sentimentos e pessoas” (GONÇALVES, 2013).

No entanto, com a diminuição e desarticulação da organização do Estado para garantir o bem estar social para bairros periféricos, eles foram assumindo posições sociais desiguais e precárias, com a

[...] crescente deficiência dos projetos nacionais de previdência, autoridades regionais e locais tem estimulado a instituir seus próprios programas “tapa- buraco” de apoio (especialmente em resposta a falta de moradia e ao desemprego de longo prazo), que por sua vez têm aumentado a complexidade, a heterogeneidade e a desigualdade administrativa das provisões sociais. (WACQUANT, 2001,p. 194).

Neste sentido, poderíamos pensar que, como integrante da cultura popular do Roger, o grupo SLSD, faz o papel de “tapa-buraco”, já que em termos estatais os programas são insuficientes. Acredito que esses grupos são importantes, principalmente, para a formação da criança e adolescente, principalmente a educação artística, corporal e sócio-política, pois além de fortalecer a auto- estima dos moradores, os grupos possibilitam inseri-los em outros territórios da cidade. Como disse, ainda é um “tapa

buraco”, já que existem políticas públicas voltadas a estrutura do bairro ou questões que não são abordadas nos grupos que há no bairro.

Sem embargo, a agremiação de Alas Ursas revela-se como um desvio, quando encaramos o desvio como ação coletiva (BECKER, 2008), não sendo um ato isolado, faz parte de uma conjuntura sócio-política-econômica.

4.2. SÍMBOLOS QUE CARREGA O URSO SLSD:

Pensar sobre o personagem do Urso deste folguedo, seja o mirim ou o adulto, é fundamental, pois esse debate adentra ao universo dos símbolos. Estes podem ser chamados de "operadores no processo social", pois quando são postos juntos em certas circunstâncias em diferentes contextos, em especial nos rituais das festas carnavalescas, são capazes de produzir transformações essencialmente sociais (TURNER, 1974).

Por isso, quando os Ursos saem às ruas, dramatizando com fantasia, eles trazem a magia do folguedo, mostrando as potências ocultas do animal e fortalecendo as relações dos integrantes do grupo com a vida do bairro. Esse mediador simbólico não é apenas um personagem de um espetáculo, ele é um integrante-chave do grupo, que performatiza o mundo antagônico em que aqueles jovens vivem.

Nas brincadeiras de carnaval, os Ursos aparecem com roupas coloridas e volumosas, feitas com trapos de tecidos, saco de estopa ou fitas plásticas. Suas máscaras são produzidas manualmente, geralmente a partir de papelão ou papel machê, dando a expressão desejada na sua concepção e chamando a atenção do público. Eles dançam, brincam, pedem dinheiro, assustam, abraçam crianças e adultos, sempre em sintonia com a batucada, dando a musicalidade e o caminhar dos grupos.

Não se reconhece quem está atrás do Urso; a pessoa que está por debaixo dele “some”, a não ser que passe a apresentação toda sem a máscara. Neste caso, ele não é um Urso completo... Sua indumentária não é banal, tampouco feita “por acaso”, mas tem vida própria: assusta, surpreende, zomba, chora, corre, saúda e abraça os observantes e participantes. Como diria DaMatta (1971), ele “revela muito mais que esconde”, e mostra uma necessidade “profunda de metamorfose de comunicação com o resto do mundo, social, natural ou sobrenatural” (MÉRIOT, 1999, p.14). Ou mesmo, retrata um desejo escondido, fazendo “uma síntese entre o fantasiado e os papéis que representam e os que gostaria de desempenhar.” (DAMATTA, p.47).

Cabe lembrar que esse personagem (o Urso) também participa de outras manifestações populares brasileiras, como os Papangus e o Bumba- meu- boi, citado por Queiroz Ramos (2008); os circos; e o Cavalo Marinho. O pesquisador Benjamin (2004) relata que,

[...] o urso está presente na cultura brasileira, embora não haja registro de sua ocorrência na fauna silvestre [...]. Esta presença faz parte do imaginário popular de europeus aqui chegados desde os primórdios da colonização. Segundo ele, “a presença do urso na cultura material, certamente por sua semelhança física com o homem, transcende para a cultura não-material, havendo inúmeros registros na mitologia, na literatura, nos rituais religiosos, nas representações teatrais e na dança”. (BENJAMIN, 2004: p. 122).

O mesmo é referenciado em expressões culturais de outros países, como lembra Mériot (1999), que relata que ser comum, na França e noutros países da Europa, usar fantasias de animais, como no ritual do Urso nos Pireneus Orientais (Espanha), no qual ele também é o objeto de uma festa. Temido durante todo ano, por sua força e capacidade de ataque de humanos e do rebanho, ele é celebrado nesta localidade para “vencer o medo” cotidiano. Esse exemplo é bem interessante, e norteia nossa análise dos símbolos que diversos Ursos do SLSD evidenciaram durante a pesquisa.

Segundo a tradição européia desta festa, descrita por Mériot (1999), a saída do animal urso na Primavera servia com um prognóstico dos tempos que viriam, pois depois de hibernar o inverno todo ele despertava, vinha ao exterior e avaliava se devia mesmo sair ou se deveria retornar à caverna. Sua decisão tinha a força de uma avaliação sobre a chegada da primavera e também “dos bezerros, cordeiros e das futuras colheitas” (MÉRIOT, 1999, p.10). Caso não lhe agradasse o que visse fora da caverna, ou seja: se ainda fosse tempo de frio, ele retornava a ela saindo só depois de 40 dias. Assim, o Urso seria “(...) o emissário de forças sobrenaturais, graças às quais as estações, as gerações e o cosmos se renovariam convenientemente”. (MÉRIOT, 1999, p.11). A brincadeira com o Urso garantiria, simbolicamente, o “tempo sadio” para os moradores da cidade (MÉRIOT, 1999).

Nesta perspectiva, a festa francesa em torno do Urso pode ser interpretada como uma experiência de “domesticação do Urso”, pois na festa os caçadores atacam um homem (conhecido da comunidade) fantasiado de urso com a justificativa de proteger os humanos dos grandes perigos que o animal oferece. Após o ataque, “ele cai morto, mas logo ressuscita, num ambiente semi-histórico. Rapidamente entram em cena os barbeiros (...) que vão capturar sua vítima, amarrá-la e barbeá-la” (MÉRIOT, 1999, p.13). No fim,

ele não é mais selvagem, e se casa com uma linda mulher, podendo voltar a conviver em sociedade. É um pacto social, de ambas partes, para atingir a felicidade mútua, além de afastar o temor e o perigo ameaçador do animal selvagem que diagnostica o tempo mas também ameaça os rebanhos, a criação de pequenos animais e as populações residentes próximas às florestas onde eles habitam.

Como não associar tal simbologia a manifestação do Ala Ursa? Sendo ainda necessário destacar que alguns grupos mantêm a tradição do personagem do caçador que com uma coleira tenta controlar um Urso indomável, perigoso e ameaçador geralmente recebido com excitação medrosa pelas crianças (sobretudo as menores)..

O Urso da festa dos Pirineus, também pode ser visto como uma forma de recuperar “forças vitais, mas inconvenientes, perigosas e indisciplinadas da natureza e do mundo selvagem, domesticando-os para beneficiar sem perigo dos excessos felizes da desordem”. (MÉRIOT, 1999, p.12), Mas em seguida, seu pelo é cortado e barbeado, a selvageria vai embora, deixando mais uma vez a vitória para os civilizados.

É possível fazer uma analogia com o que acontece com nosso carnaval, onde a “desordem carnavalesca” se tornou uma ferramenta potente para “harmonizar” as grandes diferenças sociais do país, dando espaço à expressão festiva das camadas sociais mais desfavorecidas economicamente, através de um relativo destaque aos blocos carnavalescos populares nos momentos festivos, sendo todos são “esquecidos” e invisibilizados desde que retornam à normalidade do tempo cotidiano no seu espaço socialmente periférico.

Sendo assim, o urso é um símbolo interessante, pois carrega vários aspectos acessórios que vale a pena destacar: ele também foi um atributo de famílias nobres, foi tema de obras de arte e tapeçarias de luxo, e até em alguns lugares, seus pelos, garras, bÍlis, pele e gordura de urso são consideradas “talismãs preciosos” (MÉRIOT, 1999, p.12).

Seu alto valor pode ser associado ao porquê de o haveremos domesticado, pois é um animal que nitidamente possui muita força física, deixando os humanos bem vulneráveis com sua presença. Logo, para o melhor controle social, é melhor domesticar, matar, transformar em tapete, amuleto ou, alimento, diante de nossa impotência em face de sua natureza bruta.

Similar ao que relata Aranha (2014) sobre os Alas Ursas que saem no Carnaval Tradição de João Pessoa: apesar de muitos grupos não terem mais a presença do caçador e escolherem temas sociais relevantes que dizem sobre eles, os grupos vem assumindo cada vez mais

[...] um novo formato da imagem do folguedo que modifica a maneira de compor e de conceber o La Ursa, porque o “Urso” assume o caráter dócil, brincalhão, adestrado, subserviente, de objeto de decoração ou bichinho carinhoso “fofo”, em detrimento de outras características culturais também marcantes desse bailado. A irreverência apresentada na abordagem do público na rua, no semáforo, que demonstra mais liberdade de expressão do personagem em seu modo de provocar e interagir com o público é modificada. Seus refrãos característicos são silenciados e dão lugar ao espetáculo percussivo e coreográfico que atenda ao novo contexto socioeconômico e político assumido na brincadeira e se adeque a ele. (p.32)

Este silenciamento que o autor diz, pode também estar relacionado com as regras impostas pelos jurados para alcançar os primeiros lugares no Concursos, como é comum para qualquer disputa, seja ela de Carnaval ou não. Apesar dos grupos terem este foco (ganhar o desfile), as regras acabam deixando os grupos engessados, sem tanta espontaneidade quando comparados a brincadeira feita em um semáforo, por exemplo.

Assim o autor mais uma vez coloca,

[...] disputas cada vez mais acirradas a cada ano. Apresentam ao público e aos jurados novos referenciais estéticos e sonoros e exploram a avenida progressivamente, as visualidades em adereços, cores, coreografias e palavras de ordem e temas sociais. (ARANHA, 2014, p. 32)

No Carnaval Tradição de 2019, o SLSD perdeu pontos com os jurados por causa dos Ursos terem demorado para saírem da cabana (onde estavam escondidos) e, por colocarem o estandarte no chão no meio da apresentação. Conversando com Ramos e Dona Madalena na festa de confraternização, ele me disse que para o próximo ano vão entender todas as regras e depois explicar ao grupo bem certo, para que não haja estes desencontros, e assim que eles não percam mais pontos por esse tipo de avaliação.

Além da perspectiva de domesticação os Ursos, nesta mesma citação podemos associá-los como símbolos de ternura, inteligência, carinho e proteção, tal qual um amigo/companheiro como o urso Balu do filme "Mogli, o menino lobo" (da Disney); um animal (quase humano) que protege o menino Mogli contra os perigos da selva. Nas saídas com o grupo SLSD, também presenciei situações em que muitas crianças demonstravam afetos positivos pelos Ursos, revelados através de abraços, principalmente para com Ursos os Mirins, e vice-versa, entre estes e as crianças- como observamos na foto abaixo.



Figura 65: Criança com o Urso Mirim na Praia do Poço em Cabedelo, 20/01/2019. Foto: Livia Macedo.

Em conversa com as crianças brincantes, me pareceu que entre os Ursos Mirins concentram as motivações festivas centradas na brincadeira e na dança, como visto nos relatos no capítulo anterior que evidenciam que a dança é um dos fatores que mais chama atenção dos pequenos ao iniciar e os motiva a permanecer no SLSD.

Mas em alguns casos e situações, os Ursos, mirins e adultos, também causam medo, em especial às crianças. Ana Lucia (esposa de Ramos, membra da “diretoria”) recordou e me relatou que quando era pequena via os Ursos passarem na rua. Imediatamente ela corria para se esconder debaixo da cama. Quando ela estava muito desobediente, sua mãe a ameaçava dizendo que ia “chamar o Urso” para cuidar dela! Isso me lembrou também o costume europeu, citado por Mériot (1999), que ainda nos tempos passados (séculos anteriores) de exibidores de ursos animais, as crianças eram postas sobre os ursos para evitar que fossem muito travessas e agitadas:

Ana Lucia: Eu tinha 6 anos, eu tinha um medo que me cagava. Teve uma vez, eu fazendo reforço, aí tinha uns lá em Mandacaru... Aí ele veio. E eu na casa da menina, e eu assim na porta me prendendo na porta, e eu não sei que aconteceu... e eu tão nervosa... Até lá, quando morei em Bayeux também tive medo. Muitas histórias de medo assim, já tive.
(Ana Lucia, 5 de fevereiro de 2019, na sede do SLSD)

Observei também, durante a pesquisa, que alguns adultos ainda carregam este medo dos Ursos do carnaval, ficando desesperados com sua aproximação. Uma amiga minha da cidade de João Pessoa, adulta quando os vê na praia diz que sente bastante frio na barriga e que não gosta que eles cheguem perto dela- segundo ela, seriam resquícios da memória infantil. O medo é, segundo Bakhtin (1987), a “expressão extrema de uma

seriedade unilateral e estúpida, que no carnaval é vencida pelo riso [...] Assim, a liberdade absoluta não seria possível num mundo dominado pelo medo [...]”. (p.40), o desafio carnavalesco está posto então: vencer o medo dos Ursos e cair na brincadeira e no riso.

São muitos sentimentos e emoções que esses personagens despertam para o público e para quem se veste de Urso; as máscaras e a roupa encenam e acendem símbolos coletivos e individuais que transcendem a razão, dando espaço para a imaginação e diferentes vivências.

O prestígio e o medo parecem sentimentos que fazem parte do ser Urso adulto. Por exemplo: Edson, que é atualmente o mais velho entre os Ursos do grupo, comenta que as mulheres trocam muito olhares com ele, o paqueram, principalmente quando eles vão à praia ou fazem qualquer saída fora do bairro. Nas apresentações, com frequência tiram as máscaras, pois além da questão da segurança que já foi dita, este gesto também pode estar relacionado com a paquera.

Para ele, o fato de brincar no SLSD como Urso facilita bastante a aproximação e conquista amorosa. Em conversa na sede, ele relatou:

Edson: “Olha, eu entrei no meu Face... e é tanta muié! a menina botou... eu e ela,.. lá no Jacumã... é tanta foto que tira de urso!” Quer que eu ponha lá, a máscara?

Eu: Você fala melhor com ela? É?. (risos) (5 de fevereiro de 2019, na sede do SLSD)

Minhas observações em campo me fizeram notar que os homens que se vestem de Urso Adulto carregam uma certa virilidade masculina que não posso dizer que seja unanimidade, muito menos uma regra. Algumas situações me fizeram pensar sobre essa questão, principalmente sobre a “coragem” que eles tinham em conversar comigo, ou melhor dizendo, em como ficavam à vontade nos dias de apresentação, ou seja, no momento que estavam com a roupa de Urso, contrariando o comportamento dos dias comuns, quando eu ia assistir aos ensaios, os nas tardes em que visitava a sede do SLSD, quando eles se mostravam tímidos e pouco à vontade.

Mériot (1999) lembra que, ainda na festa dos Pirineus, a sexualidade do Urso também está exaltada, “encarnando a força viva da virilidade bruta” (p.12), como se vê no conto francês “João do Urso”, onde ele também aparece como símbolo de virilidade, além de forte e inteligente. A meu ver, o(s) Urso(s) adultos do grupo SLSD, mostram e evidenciam essa virilidade, reforçada pela própria manifestação que é majoritariamente masculina, isto é, que onde há pouca presença de integrantes do sexo feminino, tanto para usar as fantasias de Urso como para tocar. Sabemos também que na história do SLSD ainda não houve mulheres que se vestiram de Urso.

A bebida alcóolica também é um elemento simbólico muito expressivo e está entre os elementos citados por Edson: depois de perguntar a ele “como é ser Urso?”, ele me respondeu rindo “É cana!!”. Segundo ele, a roupa do Urso dá muito calor, e fica difícil sair para brincar o carnaval com SLSD sem tomar algum tipo de bebida alcoólica que refresque e dê energia para dançar durante as saídas e apresentações.

O álcool é uma presença constante no grupo: tomar bebida alcóolica para brincar é comum não apenas na manifestação do SLSD, como também em outras folgedos populares, como o Bumba- meu- boi do Maranhão observado por Carvalho (2011).

Mas, assim como para os seres humanos, ser um Urso Adulto não é simples e não é tarefa para ser executada por qualquer pessoa. Esta deve ter responsabilidades com o grupo e cuidados na rua, além de saber que pode a qualquer momento ser afastado da função por “desvio” de sua função, como lembra Seu Samuel.

[...] Pra brincar no Urso aqui, a gente tem regra pra entrar e ficar. E sou eu mesmo que vejo que vai se vestir de Urso, tem que ser bom exemplo pros outros, depende assim, do jeito de cada um mesmo. E também posso tirar de se vestir (de Urso) ou do grupo se eu ver que o menino não tá respeitando as coisas aqui do grupo. (Samuel, 5 de fevereiro de 2019, na sede do SLSD).

Em geral, na simbologia dos Ursos do SLSD, corroboro com Mériot (1999) quando ele interpreta a figura do Urso na festa dos Pirineus associando a importância do urso na natureza, ou seja; quando o animal hiberna em sua caverna, significa que os tempos frios chegaram e que ele só desperta em sintonia com a primavera; associando - se diretamente com a fertilidade e com a continuação do ciclo vital, no qual participam pessoas, plantas e animais. Ele é um aviso imprescindível para a sobrevivência do grupo que vive nas suas redondezas, como um dos poucos animais que lembram o homem por caminhar sobre duas pernas (sendo quadrúpede ele também pode assumir postura bípede). Assim ele é um animal que simboliza a mediação e a transição em vários contextos: “do inverno à primavera, do selvagem ao civilizado, do animal à humanidade, da floresta à cidade, da obscuridade à luz” (MÉRIOT, 1999, p.13). E acrescento, de um cotidiano para um extra- cotidiano (carnaval); da seriedade para a brincadeira. Ou seja: quando se vê os Ursos carnavalescos nas ruas da cidade é o aviso que a temporada do carnaval mais uma vez se iniciou, e assim parte da população pode se revitalizar para o ano que se inicia.

“Edson: A melhor coisa é quando ta aproximando o carnaval!” (5 de fevereiro de 2019)

Num sentido mais amplo e universal, a figura do Urso simbolicamente traz a renovação de ciclo, assemelhando-se com um dos propósitos das inúmeras manifestações da cultura popular carnavalesca (DAMATTA, 1981), entre elas o Ala Ursa. E

expressando simbolicamente e ao mesmo tempo, o morrer e o nascer, como se fosse dois corpos num só, nos lembrando que,

[...] o desejo de renovação e de renascimento, a “ânsia por uma nova juventude” impregnaram a sensação carnavalesca do mundo, encarnada de diversas maneiras nas formas concretas e sensíveis da cultura popular (em espetáculos, ritos, dramatizações e formas verbais).” (BAKHTIN, 1987, p.49)

Por sua relação íntima com a vida em sociedade nas sociedades em que eles ocorrem, os símbolos do(s) Urso(s) não são estáticos, e há várias formas de compreendê-los, servindo como base, para este trabalho, as referências europeias e brasileiras onde sua figura foi associada à história da relação dos animais com os humanos, com os ciclos naturais, com as festas populares e o imaginário coletivo, como nos foi lembrado por Aranha (2014), Benjamin (2014) ou Mériot (1999).

4.3. MANUTENÇÃO E CONTINUIDADE DO URSO SLSD:

No Roger as instituições culturais se apoiam no sentido de combater os estereótipos e outros desafios enfrentados pelo bairro, sendo o tráfico de drogas uma preocupação crescente entre seus moradores. Formando um sistema de relações sociais, que por sua vez, possuem sistemas de valores que vão contra a estrutura já posta socialmente (FELDMAN- BIANCO, 2010), essa difícil realidade é confrontada diretamente por grande parte das manifestações culturais e artísticas do bairro, que criam leis e normas contrárias ao tráfico e à delinquência juvenil.

Esse aspecto é confirmado pelo mestre de cerimônia, Edson⁶¹ do Desfile do Alto Roger, que agradece publicamente a união entre os moradores e dos grupos carnavalescos do bairro,

[...] né eu sozinho não que faz esse desfile e quer que o Roger seja cada vez um bairro melhor. Com mais cultura. Tem tanta gente aqui do Roger, que me abraça, me ajuda, me acolhe. Vocês nem sabe viu? Aqui é um trabalho de muitas mãos, aqui é um trabalho de muitas cabeças, aqui é um trabalho de uma união importantíssima para os jovens e crianças que a gente tem que segurar essa bandeira, né? (...) Às vezes as pessoas dizem “Edson, você ainda fica fazendo aquele carnaval do Roger, aquela mesmice, aquele negócio? Bote uma banda de fora pra tocar”. De forma alguma vamos botar uma banda pra tocar aqui. Aqui tem que ser um carnaval da família, da cultura, aqui é um carnaval pra gente prestigiar o que a gente tem de mais rico no nosso bairro, as escolas de samba, o Império do samba, o Unidos do Roger, o Sem lenço, Sem documento, o Urso gavião que passou

⁶¹Mestre de cerimônia do Desfile do Alto do Roger, realizado na segunda-feira de carnaval de 2019, no qual o vi essa única vez. Ele é morador antigo do bairro e bem conhecido entre todos por ajudar a organizar esse Desfile.

agora pouco, o Urso que nasceu agora o Atrevido. Então é maravilhoso isso! Eu fico sinceramente vibrando, eu sou grande vibrador com tudo isso! Eu gosto disso, eu tô na cultura há mais de 40 anos e não me canso a cada dia, cada momento de estar entre vocês no meio de vocês e me colocando como ativista cultural como vocês são. Tá aqui uma lembrança do Roger, uma lembrança que os moradores fizeram questão de colaborar comigo (Edson entrega um prêmio para o grupo SLSD), é uma singela lembrança, mas isso aqui é muito rico porque a importância disso aqui é pra eternidade e não tem dinheiro que pague esse amor que nós temos pela cultura!! Viva a cultura do Roger! (EDSON, 5/03/2019)

Além do discurso de Edson em relação a união para o Carnaval do Roger, podemos confirmar e aprofundar esta discussão através de Chianca, Oliveira e Carvalho (2019), onde são feitas menções a algumas das manifestações populares, carnavalescas ou não do bairro do Roger (como o SLSD e a Capoeira dos Palmares), que, de uma forma educativa e cultural combatem este problema no bairro. Ou mesmo como aconteceu com as ocupações de espaços públicos do Rio de Janeiro, como rodas de samba e escolas, que

[...] permearam sociabilidades e arranjos espaciais que indicam resistências e segregações próprias do processo de formação urbana não só da cidade do Rio, mas também dos lugares em outras cidades, levando consigo alguns dos seus sentidos. (Gonçalves, 2013, p.111)

A mãe de um dos integrantes reforça um desses sentidos, explicando através de um ditado popular porque apoiou o filho a entrar no grupo SLSD: “Mente vazia, oficina do diabo!”. Os participantes do SLSD também buscam uma identidade positiva para o bairro do Roger, o que fortalece ainda mais seu pertencimento ao próprio bairro, assim como acontece também com os participantes dos Maracatus do Ceará, pesquisados por Maia Cruz (2011):

A tentativa de construção de uma identidade positiva para o bairro, que permita a seus moradores sentirem o pertencimento ao Jardim Iracema, vem, segundo dona Cleide, alcançando o êxito [...]. E parte significativa das pessoas com que conversei vê as associações (com/o a do Maracatu) como de fundamental importância para o bairro, pois impedem a inserção de crianças na criminalidade, e além disso, constituem referencial positivo, sendo motivo de muito orgulho o trabalho que desenvolvem. (MAIA CRUZ, 2011, p.168)

Além da sua articulação com outros grupos culturais do bairro, Ramos tem um papel fundamental para a continuidade SLSD, atualmente, pois ele considera o grupo como uma “missão de vida”, feita “pela cultura”, como ele diz . Sem desconsiderar o artista que é, além de MC⁶² e tatuador, o SLSD e Ramos, como ele se apresentou a mim, mostram-se quase uma pessoa só, como para o Betinho, mestre de boi apresentado por Carvalho (2011):

[...] ambos se constroem simultaneamente e estão inextricavelmente fundidos na concepção de pessoa por meio da qual meu interlocutor se vê no mundo. Não há, nessa

⁶²O MC ajuda o trabalho do DJ, pois enquanto ele "passa" a música, o MC interage com o público, criando um ambiente mais envolvente. Os MCs também compõem e cantam o seu próprio material, ou então improvisam, inventando letras no momento, algo conhecido como *freestyle*.

concepção, a ideia de um “eu” equivalente a uma totalidade lógica que antecede e permanece a qualquer atributo. (CARVALHO, 2011, p. 466)

Compondo essa complexa teia de identidades interrelacionadas, o grupo SLSD é também uma herança de família, repassado por Bira à beira da morte num pedido do irmão- fortalecendo o conteúdo moral desta dívida (e promessa) de Ramos ao irmão.

No plano prático e cotidiano, participar do grupo pode ser uma porta para sair da rotina do trabalho, reforçando a regularidade e a intensidade da convivência com arte. Percebo também o prazer de Ramos ao falar com as pessoas sobre o SLSD: estudantes, jornalistas e curiosos, não importando de onde sejam; é como ele percebe que o que está fazendo e o reconhecimento que recebe por pessoas de dentro e de fora do bairro. Seu Samuel reconhece com orgulho que “(...) é tanta gente buscando a gente; a menina da TV, gente da faculdade, da cultura. Né, Ramos?”

Assim como Betinho do Bumba meu Boi do Maranhão (CARVALHO, 2011), Ramos vem consolidando a percepção de si como alguém dotado e responsável em estimular a criatividade dos participantes, dar autoconfiança aos meninos e abri-los para o mundo da arte. São diversas as motivações que o movem a assumir o grupo, em ser a pessoa “da cultura”, em estar de acordo com as expectativas de seus familiares.

Neste sentido, a construção da identidade das pessoas no SLSD também vai se constituindo sobre a brincadeira, pois eles a inserem “em redes de relações sustentadas por trocas mútuas de múltipla natureza, que implicam laços de parentesco, patronagem, clientelismo, amizade, afinidade, compadrio.” (CARVALHO, 2011, p.452).

Neste sentido, além de dificultar a inserção de crianças e jovens na criminalidade, o SLSD fortalece a identidade negra dos moradores, principalmente no ano de 2019 em que o palhaço Benjamin de Oliveira, primeiro palhaço negro foi homenageado no Carnaval Tradição; uma temática que rompeu com os temas comuns de outros anos, e ainda fez um resgate na história da arte negra brasileira.

Foi uma forma também de rememorar os traços da ancestralidade africana e tomar consciência da própria história, fortalecidos por Ramos, Samuel e Madalena que explicaram com frequência para os participantes sobre a importância de Benjamin para o circo e para os artistas negros nos ensaios e encontros do grupo onde eles legitimavam a transmissão das mensagens sociais e políticas da ancestralidade africana, revelando, ademais, a dificuldade do artista negro em alcançar reconhecimento nacional.

São questões que se refletem em suas vidas. Por exemplo, tomamos Ramos, um artista que trabalha como jardineiro em difíceis condições. Segundo ele, o hotel em que

ele trabalha não fornece nem o cortador de grama, e ele precisa cortar a grama com a tesoura de costura de sua mãe para agradar os chefes. Wagner é outro que já passou por alguns circos mas hoje não é mais chamado para trabalhar com arte, mas tanto no desfile oficial de Carnaval de 2019 como em apresentações em locais públicos esses participantes do SLSD se tornaram (num tempo circunscrito e muito rápido) artistas negros reconhecidos e vistos.

Lembrando que Gonçalves (2013) também ressaltou a importância do samba para visibilizar e fortalecer a ancestralidade africana dos brasileiros de etnia negra, em especial no caso da família Sacopã em que

[...] o samba, entre outros elementos, investiu o grupo de um status positivo para a afirmação de seu lugar no território, estabelecendo vinculações aproximadas às lutas políticas dos negros brasileiros, como símbolo maior pela conquista de seus direitos fundamentais. (GONÇALVES, 2013, p.111)

É verdade que o tema do palhaço Benjamin de Oliveira facilitou tecer, modelar e ressignificar identidades individuais e coletivas dos participantes, considerando que alguns dos meninos já a têm mais fortalecida, se apresentando desde início como artistas circenses e musicistas, como foi o caso de Wesley. Fortalecer a identidade deles enquanto jovens é importante pois pode constituir-se em fortaleza individual para a concretização de seus futuros sonhos, contribuindo para definir suas escolhas e potencializando sua auto estima e, influenciando também na carreira artística ou qualquer outra que eles queiram/possam seguir, considerando as dificuldades sociais e entre elas o racismo inerente à nossa sociedade Assim, a identidade fortalecida pode ser mais uma estratégia de enfrentamento, resistência e de auto afirmação no cotidiano:

O descrédito coletivo que é atribuído a esses grupos por outros mais poderosos, e que se encarna em insultos típicos e fofocas depreciativas estereotipadas, tem em geral alicerces profundos na estrutura de personalidade de seus membros, que, por ser parte de sua identidade individual, não é fácil de descartar. (ELIAS & SCOTSON, 1965, p. 132)

No entanto, a fofoca também pode ser uma arma de defesa do próprio grupo, que cativa o carisma grupal, que vem sobrepor a estigmatização, como lembram os autores Elias e Scotson (1965),

A identidade coletiva e, como parte dela, o orgulho coletivo e as pretensões carismáticas grupais ajudam a moldar a identidade individual, na experiência que o sujeito tem de si e das outras pessoas. Nenhum indivíduo cresce sem esse alicerce de sua identidade pessoal na identificação com um ou vários grupos, ainda que ele possa manter-se ténue e ser esquecido em épocas posteriores, e sem algum conhecimento dos termos elogiosos e ofensivos dos mexericos enaltecedores e depreciativos, da superioridade grupal e da inferioridade coletiva que a acompanha. (ELIAS & SCOTSON, 1965, p.133)

Episódios frequentes de “batidas policiais” e a estigmatização do bairro frente à cidade não contribuem para o desenvolvimento da auto estima dos moradores, o que Elias e Scotson (1965) detectaram na Inglaterra, onde ações policiais também depreciavam os moradores de Winston Parva.

As vozes e gestos das pessoas ordeiras que os cercavam, inclusive da polícia, ensinavam-lhes desde a infância quão pouco eles e seus familiares eram apreciados. Não havia como extrair muito orgulho e um grande sentimento de orientação do fato de se saberem identificados com famílias pouco respeitadas pelos outros. (p. 143)

Para os jovens do loteamento também há uma dificuldade em escapar da posição de *outsider*, já que têm que buscar incessantemente “sua identidade individual, seu valor e orgulho pessoais” (ELIAS&SCOTSON, 1965, p.143). Deste modo, Ramos, a meu ver, é um “agente da etnicidade”, termo trazido por Maia Cruz (2011), que significa que esta pessoa possui um grande empenho em ensinar e fortalecer a identidade dos participantes como descendentes de negros, índios, ao mesmo tempo em que foca na aumento da auto estima, valorizando o papel fundamental que cada um tem no grupo e sua criatividade.

Os participantes também reconhecem esse lugar de Ramos no bairro quando os integrantes mais velhos confirmam nos seus discursos a importância que Ramos tem na vida cotidiana deles, nos aspectos educacionais, culturais e políticos, e principalmente no processo de reforço do reconhecimento étnico:

Wagner: Ramos é um grande artista, muito massa com a galera, todo mundo aqui gosta dele. Ensina todo mundo, e tem maior paciência com nós. (5 de fevereiro de 2019, na sede)

Logo, o SLSD além de um instrumento poderoso político do bairro, é um espaço de construção e ressignificação das identidades negras individuais e grupais⁶³. É notório que os participantes do Ursos do Roger têm orgulho de fazer parte dos grupos culturais, como também do Centro Cultural do Piollin, da capoeira dos Palmares e da Escola de Samba “Unidos do Roger”, revelando que estes e outros grupos culturais atuam como resistência e como forma de possibilitar um olhar diferente para o bairro e para si próprio; fazendo, assim oposição aos estereótipos negativos e estigmatizantes.

⁶³Apesar de não ter observado, discussões sobre a estética e o corpo negro, como a questão de cabelos afros, ou mesmo de explicar a construção das distintas estéticas étnicas. Dentre outros fatores que são fortalecidos em grande parte dos movimentos negros do Brasil, ou em outros grupos populares. Como os Maracatus do Ceará, pesquisado por Maia Cruz (2011)

Assim como as demais manifestações populares que também atuam nesta perspectiva social, como bumba meu boi (CARVALHO, 2011) e os Maracatus do Ceará (MAIA CRUZ, 2011), o SLSD possui uma dinâmica mutável e viva. Ou seja, no SLSD, além da figura do urso, outras alegorias, estruturas, organizações e símbolos surgem e se modificam na manifestação, sendo legitimados nas suas apresentações ou por meio de novas criações artísticas.

São saberes e fazeres populares que têm múltiplos sentidos e valores assimilados durante décadas no campo cultural, e com um forte potencial de transformação interna (na própria brincadeira) e externa (na comunidade). Sendo, inclusive, a mudança necessária e essencial para a permanência do folguedo; visto que os tempos políticos e sociais também caminham e se transformam, como já discutimos quanto à transformação da dança do Urso ou mesmo quanto aos novos desafios que se apresentam ao Roger nas últimas décadas..

O Ala Ursa "Sem Lenço, Sem documento" atua como uma metáfora do cotidiano de um grupo de pessoas, no foco de suas ações e interações sociais; teatralizando suas memórias e representando suas identidades de acordo com suas crenças e interesses, sejam eles econômicos ou simbólicos.

Em geral o SLSD, desafia a estrutura social dominante negando que esta seja a única forma de organização, pois quando saem para as ruas com os ursos e o batuque eles suspendem, mesmo que provisoriamente, o silêncio e a invisibilidade que os mantém isolados o resto do ano. Evidenciando nesta brincadeira, a força e união do bairro, como também, reafirmando a existência deles enquanto moradores negros e socialmente periféricos de João Pessoa. Sem estas evidências de oposições e junções, que ficam mais visíveis nas festas populares o mundo estaria perdido, como já percebeu Victor Turner, bem antes de mim! (1974).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

ARANHA, C. de F. . **Visualidades e peripécias transgressoras do folgado La Ursa em João Pessoa- PB**. 2014 .100 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal de Pernambuco, Artes Visuais, Recife, 2014

_____. **A brincadeira la ursa, visualidades e peripécias**. Revista Digital do LAV (Santa Maria), v. 8, n. 1, 122-135., enero-abril. 2015.

BISPO, L. M. C. **Relicário urbano: uma leitura do Bairro do Roger na cidade de João Pessoa-PB. (2003-2013)**. 2015. 170 f. Dissertação, (Mestrado em História)- Universidade Federal da Paraíba, 2015.

BECKER, H. **Uma teoria da ação Coletiva**. Ed. Zahar. 1977.

_____. **Outsiders: Estudos de sociologia do desvio**. Ed. Zahar. 2008.

BERGER, Peter L. LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004

BARROS, A. C. **O carnaval de Campina Grande nas décadas de 60 e 70**. 2016. 26 f. Monografia (Graduação em História)- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, João Pessoa, 2016.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Hucitec, Universidade de Brasília. São Paulo.1987

BARBOSA PEREIRA, A. **A Juventude como Questão: alteridades e autoridades em escolas da periferia de São Paulo**. Revista ANTHROPOLÓGICAS (Recife), ano 20, v. 27, n.1, 102-131. 2016

BENJAMIN, R. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**, João Pessoa: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

BISPO, L. M. C. **Relicário urbano: Uma leitura do Bairro do Roger na Cidade de João Pessoa- PB**. 2015. 170 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Letras, João Pessoa, 2015

BRULON SOARES, B. **Carnaval e carnavalização: algumas considerações sobre ritos e identidades**. Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, nº 9 ago/dez, 127-148, 2011.

CABRAL, E. D. **É SAMBA NA AVENIDA: A Unidos do Roger no Carnaval Tradição**. 2018. 87 f. Monografia (Graduação Ciências Sociais)- Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Ciências Sociais, João Pessoa, 2018.

CARVALHO, P.C.P. “Sou pessoense e tenho time para torcer”: a nova geração de torcedores do Botafogo-PB e o uso da cidade como valor simbólico a ser ressaltado. Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia, v.2, n.4, p. 95-107, 2018.

CARVALHO, L.G. **A Graça de Contar - um Pai Francisco no Bumba Meu Boi do Maranhão**. Rio de Janeiro. Ed. Folclore. 2011

CAVALCANTI, M. L. V. **As grandes festas. (texto publicado originalmente com o título de “Superproduções Populares”)**. In: ____ Olhar sobre a cultura brasileira. Rio de Janeiro, FUNARTE/ Ministério da Cultura, 1998.

_____. **Ritual e Performance: Estudos Clássicos**. In: _____. Rio de Janeiro. Ed. Letras, 2014.

_____. **A festa em perspectiva antropológica : carnaval e os folguedos do boi no Brasil**. Departamento de Antropologia Cultural da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). 2013 Disponível em <http://cral.in2p3.fr/artelogie/spip.php?article183>

_____; GONÇALVES, R. **Carnaval em múltiplos planos**. Rio de Janeiro: Aeroplano. 2009.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. 3ª Edição. Vozes. Petrópolis, RJ, 1998.

CHIANCA, Luciana. “**São João na Cidade: Ensaios e Improvisos sobre A Festa Junina**”. João Pessoa: Editora UFPB, 2013.

_____; PINHEIRO, P.S. **Veredas do Patrimônio: Políticas contemporâneas e desafios da experiência**. Ed. UFPB. João Pessoa, 2019.

_____; OLIVEIRA, A.; CARVALHO, M. **Vozes do Roger: Um cotidiano de festas e de fé**. Ed. UFPB, João Pessoa. 2019.

_____; MARINS, J. **Bailados indígenas no carnaval: “passado adormecido” ou presente desperto?**. POLÍTICA & TRABALHO, Revista de Ciências Sociais, nº 49, Julho/Dezembro, p. 40-58. 2018

DAMATTA, R. . **Carnaval, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 1ª ed. Rocco, Rio de Janeiro, 1971.

_____. **Carnaval, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 3ª ed. Zahar editores, Rio de Janeiro, 1981.

ELIAS, N.; SCOTSON, J.L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Ed. Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 2000 (1965).

FAVRET- SAADA, J. “**Ser afetado**”, tradução Paula Siqueira e revisão Tânia Stolze Lima. Cadernos de Campo, n. 13, p. 155-161. 2005.

FEIXA, C. **De jovens, bandas y tribos: Antropología de la juventud**. Editorial Ariel, S.A. Barcelona, Espanha, 1998

FELDMAN- BIANCO, B. **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. Ed. Unesp, São Paulo . 2010

GONÇALVES, R. S. **Os ranchos carnavalescos e o prestígio das ruas: territorialidades e sociabilidades no carnaval carioca da primeira metade do século XX**. Textos escolhidos de cultura e arte populares, v. 3, n. 1, 2006.

_____. **Eu sou o samba: sobre lugares, pessoas e pertencimento**. Sociedade e Cultura., Goiânia, v. 16, n. 1, p. 105-115, jan./jun. 2013

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo IBGE, 2000-2009**. Disponível em http://www.joaopessoa.pb.gov.br/portal/wp-content/uploads/2012/04/TOPOGRAFIA-SOCIAL-DE-JOAO-PESSOA_2009.pdf. Fonte: (Censo IBGE, 2000 e 2009). Acesso em: 01 jul.2019

LEAL, Wills. **No tempo do lança-perfume ou a história do carnaval na/ da cidade de João Pessoa**. 2 ed. João Pessoa: [s.n.], 2000.

MAIA CRUZ, D. **Maracatus no Ceará: sentidos e significados**. Fortaleza: Ed. UFC, 2011.

MARINS, J. B. **“Índios de verdade” e “Índios de mentira”: Identidade e Festa nas Tribos de carnaval**. 2015. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais)- Universidade Federal da Paraíba, Ciências Sociais, João Pessoa, 2015.

MÉRIOT, C. (1999). **Festas, máscaras e sociedades**. Vivência: Revista do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. v. 13, n.1, 6-15, 1999.

MIRA, M. C. **ENTRE A BELEZA DO MORTO E A CULTURA VIVA: a(s) cultura(s) popular(es) na virada do milênio e seus mediadores simbólicos**, Cad. CRH [online], v. 29, n.78, 427-442, 2016.

MOURA, M. M. . **Festas, ritos e celebrações**. Anais do Ceru. s/n. 2009.

ORTNER, S. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In_ **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas**. Org: Grossi M. P.; Eckert C.; Fry P. H. – Goiânia: Nova Letra, 2006 .

PAMIN. **Ala Ursa Piollin**. Direção Mateus Riota de Lino e Luciana Chianca. João Pessoa: Pamin, 2016. Documentário (16 min.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WL-m1dkpeMs&t=9s> Acesso em: Agosto de 2018.

PEIXOTO, C. **Do diário de campo à câmera na mão ou como virar antropólogo-cineasta**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, v. 39, nº2, p.255- 273. 1996

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **Carnaval Brasileiro. O mito e o vivido**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

QUEIROZ RAMOS, Eliana Maria. **O híbrido papangu, do sagrado ao profano, uma possível herança do bumba-meu-boi**. Artigo apresentado para o Prêmio Câmara Cascudo de Folkcomunicação, 2008.

REAL, Katarina. **O folclore no carnaval do Recife**. Rio de Janeiro: Companhia de Defesa do Folclore Brasileiro, v. 2, 1967. (coleção folclore brasileiro).

SILVA, Ermínia. **As múltiplas linguagens na teatralidade circense: Benjamin de Oliveira e o circo-teatro no Brasil no final do século XIX e início do XX**. Tese de Doutorado (Artes Cênicas)- Instituto de Artes, UNICAMP, Campinas, 2003.

_____. **Circo-Teatro: Benjamin de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil**. São Paulo, Editora Altana, 2007.

SILVA, V. G. **O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras**. São Paulo, Edusp, 2000.

SILVA, Z. L. **Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: Metamorfoses de uma festa (1923-1938)**. São Paulo: Editora UNESP, Londrina: Edel, 2009.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar. 2006

PORTIFÓLIO DO SEM LENÇO, SEM DOCUMENTO. João Pessoa, s/d.

PORTAL IPHAN, Frevo – Patrimônio Cultural, acesso em brasileiro em 01/07/2020 <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Frevo%20%E2%80%93%20Patrim%C3%B4nio%20Cultural%20brasileiro.pdf>

TURNER, Victor. **Dramas campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. 1ªEd. Editora da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008 [1974]

VALENÇA, V.L.C. **As crianças e a cidade: pontos de vista e práticas sociais/culturais**. Revista Eletrônica de Educação, v. 12, n. 3, p. 792-810. Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão-SC, Brasil. 2018.

VAN GENNEP, A. **Os ritos de Passagem**. Com uma apresentação de Roberto Da Matta. Petrópolis: Vozes. Coleção Antropologia, nº11, 1978

WACQUANT, L. **Os condenados da cidade- estudos sobre marginalidade avançada**. Ed. Revan. Rio de Janeiro. 2001

6. ANEXOS:

6.1 Questionários de alguns dos participantes do grupo Sem Lenço Sem Documento:

LOCAL DE APLICAÇÃO: Sede do Grupo

DATA: 20/02/2019

1-

a) **Nome/Apelido:** Aline

b) **Idade:** 13 anos.

c) **Quem te chamou para participar do urso?** Ramos.

d) **Desde quando faz parte?** 1º Ano

e) **Já conhecia esse urso? Como/de onde ?** Vi pela rua.

f) **Faz o que no urso?** Toco tamborim.

g) **O que você acha mais legal no urso?** Gosto de tocar.

h) **Participa de outras Atividades? (grupo de capoeira, de samba, quadrilha junina, futebol, igreja... Qual?** Não

I) **Estuda/trabalha?** Estudo

Qual escola? Frei Afonso

Qual trabalho?

O que faz?

J) **Mora aonde?** Roger

2-

a) **Nome/Apelido:** Wandy Helen.

b) **Idade:** 14.

c) **Quem te chamou para participar do urso?** Eu vim sozinha.

d) **Desde quando faz parte?** Faz 2 anos.

e) **Já conhecia esse urso? Como/de onde?** Desde Criança

f) **Faz o que no urso?** Toco tamborim

g) **O que você acha mais legal no urso?** Os toques

h) Participa de outras atividades? (grupo de capoeira, de samba, quadrilha junina, futebol, igreja... Qual? Dança e escola

I) Estuda/trabalha? Estudo

Qual escola? Buriti

Qual trabalho?

O que faz?

J) Mora aonde? Roger

3-

a) Nome/Apelido: Christian

b) Idade: 10

c) Quem te chamou para participar do urso? Tio Edson(Galego)

d) Desde quando faz parte? 1º ano que saio com grupo.

e) Já conhecia esse urso? Como/de onde? Roger, pelo tio.

f) Faz o que no urso? Danço.

g) O que você acha mais legal no urso? Andar por aí.

h) Participa de outras atividades? (grupo de capoeira, de samba, quadrilha junina, futebol, igreja... Qual? Igreja Santa Teresinha - Católica.

I) Estuda/trabalha? Estudo

Qual escola? Pedro Luiz

Qual trabalho?

O que faz?

J) Mora aonde? Roger.

4-

a) Nome/Apelido: Caio

b) Idade: 9 anos

c) Quem te chamou para participar do urso? Quis vim, vim sozinho.

d) Desde quando faz parte? 1º ano que saio com grupo.

e) Já conhecia esse urso? Como/de onde? Já, passando na rua.

f) Faz o que no urso? Toco.

g) O que você acha mais legal no urso? Tocar.

h) Participa de outras atividades? (grupo de capoeira, de samba, quadrilha junina, futebol, igreja... Qual? Faço futebol no “Campo do 11”.

I) Estuda/trabalha? Estudo

Qual escola? Ana Higina (Roger)

Qual trabalho?

O que faz?

J) Mora aonde? Asa Branca, Roger.

5-

a) Nome/Apelido: Pedro

b) Idade: 16

c) Quem te chamou para participar do urso? Vim só.

d) Desde quando faz parte? 1º ano que saio com grupo.

e) Já conhecia esse urso? Como/de onde? Já conhecia, vi andando pela rua.

f) Faz o que no urso? Toca treme terra.

g) O que você acha mais legal no urso? De tudo.

h) Participa de outras atividades? (grupo de capoeira, de samba, quadrilha junina, futebol, igreja... Qual? Futebol

I) Estuda/trabalha? Estudo

Qual escola? João Coutinho

Qual trabalho?

O que faz?

J) Mora aonde? Alto Roger

6-

a) Nome/Apelido: Pedro

b) Idade: 12

c) Quem te chamou para participar do urso? Vim só.

d) Desde quando faz parte? 2º ano que saio com grupo.

e) Já conhecia esse urso? Como/de onde? Desde que passava na sua rua.

f) Faz o que no urso? Toco tamborim

g) O que você acha mais legal no urso? De tocar.

h) Participa de outras atividades? (grupo de capoeira, de samba, quadrilha junina, futebol, igreja... Qual?

I) Estuda/trabalha? Estudo

Qual escola? Ana Higina

Qual trabalho?

O que faz?

J) Mora aonde? Roger

7- a) Nome/Apelido: Juan Gleydson

b) Idade: 15 anos.

c) Quem te chamou para participar do urso? Vim só.

d) Desde quando faz parte? 1º ano que saio com grupo.

e) Já conhecia esse urso? Como/de onde? Conhecia das ruas do Roger, desde 2015.

f) Faz o que no urso? Toco treme terra.

g) O que você acha mais legal no urso? Amizade.

h) Participa de outras atividades? (grupo de capoeira, de samba, quadrilha junina, futebol, igreja... Qual? Escola de samba Império do Samba.

I) Estuda/trabalha? Estudo

Qual escola? IPE - Jaguaribe

Qual trabalho?

O que faz?

J) Mora aonde? Roger

8- a) Nome/Apelido: Rosivan

b) Idade: 15

c) Quem te chamou para participar do urso? Vim só.

d) Desde quando faz parte? Meu 3º ano que saio com grupo..

e) Já conhecia esse urso? Como/de onde? Passava na rua e vinha aqui desde os 7 anos.

f) Faz o que no urso? Toco Caixa

g) O que você acha mais legal no urso? Se encontrar com os outros e dançar.

h) Participa de outras atividades? (grupo de capoeira, de samba, quadrilha junina, futebol, igreja... Qual?

I) Estuda/trabalha? Estudo

Qual escola? Frei Afonso

Qual trabalho?

O que faz?

J) Mora aonde? Roger

9-

a) Nome/Apelido: Pedro

b) Idade: 16

c) Quem te chamou para participar do urso? Vim só.

d) Desde quando faz parte? 1º ano que saio com grupo.

e) Já conhecia esse urso? Como/de onde? Conhecia pela rua.

f) Faz o que no urso? Toco treme terra

g) O que você acha mais legal no urso? De tudo

h) Participa de outras atividades? (grupo de capoeira, de samba, quadrilha junina, futebol, igreja... Qual? Futebol

I) Estuda/trabalha? Estudo

Qual escola? João Coutinho

Qual trabalho?

O que faz?

J) Mora aonde? Alto Roger

10-

a) Nome/Apelido: João Anderson

b) Idade: 12 anos.

c) Quem te chamou para participar do urso? Mikael , o Urso Mirim.

d) Desde quando faz parte? Meu 1º ano que saio com grupo.

e) Já conhecia esse urso? Como/de onde? Desde pequeno pelas ruas.

f) Faz o que no urso? Danço.

g) O que você acha mais legal no urso? O Urso

h) Participa de outras atividades? (grupo de capoeira, de samba, quadrilha junina, futebol, igreja... Qual? Nada

I) Estuda/trabalha? Estudo

Qual escola? Frei Afonso

Qual trabalho?

O que faz?

J) Mora aonde? Roger

11-

a) Nome/Apelido: Fabrizio Lima

b) Idade: 14 anos.

c) Quem te chamou para participar do urso? Wagner

d) Desde quando faz parte? 2º ano que saio com grupo.

e) Já conhecia esse urso? Como/de onde? Desde criança quando passava pela rua.

f) Faz o que no urso? Toco treme terra.

g) O que você acha mais legal no urso? De tudo.

h) Participa de outras atividades? (grupo de capoeira, de samba, quadrilha junina, futebol, igreja... Qual?

I) Estuda/trabalha? Estudo

Qual escola? Ana Higina

Qual trabalho?

O que faz?

J) Mora aonde? baixo Roger

12- a) Nome/Apelido: Mikael

b) Idade: 12 anos.

c) Quem te chamou para participar do urso? Vim só e pedi para entrar.

d) Desde quando faz parte? Meu 2º ano que saio com grupo.

e) Já conhecia esse urso? Como/de onde? Conhecia pelas ruas do Roger.

f) Faz o que no urso? Danço e me visto de Urso.

g) O que você acha mais legal no urso? Gosto de dançar.

h) Participa de outras atividades? (grupo de capoeira, de samba, quadrilha junina, futebol, igreja... Qual? Participo do Waldemar- Futebol

I) Estuda/trabalha? Estudo

Qual escola? João Coutinho

Qual trabalho?

O que faz?

J) Mora aonde? Mora no S, no Roger.

13-

a) Nome/Apelido: Pedro Richard

b) Idade: 13 anos.

c) Quem te chamou para participar do urso? Vim só.

d) Desde quando faz parte? 2º ano que saio com grupo.

e) Já conhecia esse urso? Como/de onde? Desde criança, via na rua e ficava animado.

f) Faz o que no urso? Toco.

g) O que você acha mais legal no urso? É animado e gosto de tocar.

h) Participa de outras atividades? (grupo de capoeira, de samba, quadrilha junina, futebol, igreja... Qual? Não

I) Estuda/trabalha? Estudo

Qual escola? Ana Higina

Qual trabalho?

O que faz?

J) Mora aonde? Roger

14-

a) Nome/Apelido: Lucas Vieira

b) Idade: 15 anos.

c) Quem te chamou para participar do urso? Fui convidado pelos amigos, era do Urso Gavião.

d) Desde quando faz parte? 1º ano que saio com grupo.

e) Já conhecia esse urso? Como/de onde? Conhecia já faz tempo, via passar nas ruas do Roger.

f) Faz o que no urso? Toco.

g) O que você acha mais legal no urso? A dança.

h) Participa de outras atividades? (grupo de capoeira, de samba, quadrilha junina, futebol, igreja... Qual?

I) Estuda/trabalha? Estudo

Qual escola? Ana Higina

Qual trabalho? Na lanchonete (Sex, Sáb e Dom) **O que faz?** De tudo, atendo, limpo e sirvo.

J) Mora aonde? Roger

15-

a) Nome/Apelido: Willianthan (neto de Madalena)

b) Idade: 18 anos.

c) Quem te chamou para participar do urso? Já sou da família.

d) Desde quando faz parte? Desde criança.

e) Já conhecia esse urso? Como/de onde? Pela família.

f) Faz o que no urso? Toco caixa/repenique.

g) O que você acha mais legal no urso? Tocar.

h) Participa de outras atividades? (grupo de capoeira, de samba, quadrilha junina, futebol, igreja... Qual?

I) Estuda/trabalha? Estudo

Qual escola? Ana Higina.

Qual trabalho?

O que faz?

J) Mora aonde? Alto Roger

16-

a) Nome/Apelido: Alexandre - negão

b) Idade: 20

c) Quem te chamou para participar do urso? Um menino que saiu do grupo.

d) Desde quando faz parte? 2º ano que saio com grupo.

e) Já conhecia esse urso? Como/de onde? Conhecia da rua mesmo.

f) Faz o que no urso? Toco treme terra.

g) O que você acha mais legal no urso? Ficar conversando, ajudar.

h) Participa de outras atividades? (grupo de capoeira, de samba, quadrilha junina, futebol, igreja... Qual? Nada

I) Estuda/trabalha? Parou

Qual escola?

Qual trabalho?

O que faz?

J) Mora aonde? Comunidade Asa Branca, no Roger.

17-

a) Nome/Apelido: Joanderson

b) Idade: 25 anos

c) Quem te chamou para participar do urso? A galera da Bika.

d) Desde quando faz parte? 5º ano que saio com grupo.

e) Já conhecia esse urso? Como/de onde? Desde os 11 anos, conhecia pelo Roger

f) Faz o que no urso? Toco caixa.

g) O que você acha mais legal no urso? Urso, a Bandeira

h) Participa de outras atividades? (grupo de capoeira, de samba, quadrilha junina, futebol, igreja... Qual? Só Ala Ursa.

I) Estuda/trabalha? Trabalho

Qual escola?

Qual trabalho? Caseiro

O que faz?

J) Mora aonde? Roger

18-

a) Nome/Apelido: Luciano

b) Idade: 28

c) Quem te chamou para participar do urso? Sou da família, primo de Ramos.

d) Desde quando faz parte? Desde os 18 anos

- e) **Já conhecia esse urso? Como/de onde?** Nascido e criado.
- f) **Faz o que no urso?** Animador e Palhaço.
- g) **O que você acha mais legal no urso?** Sair junto pra avenida.
- h) **Participa de outras atividades? (grupo de capoeira, de samba, quadrilha junina, futebol, igreja... Qual?** Centro Cultural Piolin.

I) **Estuda/trabalha?** Trabalho. **Qual escola?**

Qual trabalho? O que aparecer. **O que faz?**

J) **Mora aonde?** Comunidade Asa Branca, no Roger.

19-

a) **Nome/Apelido:** Wagner

b) **Idade:** 16 anos.

c) **Quem te chamou para participar do urso?** Wesley

d) **Desde quando faz parte?** 3º ano que saio com grupo.

e) **Já conhecia esse urso? Como/de onde?** Faz tempo, desde quando fiz as máscaras aqui junto com o Centro Cultural Piollin.

f) **Faz o que no urso?** Batuqueiro.

g) **O que você acha mais legal no urso?** Diversão e os amigos.

h) **Participa de outras atividades? (grupo de capoeira, de samba, quadrilha junina, futebol, igreja... Qual?** Centro Cultural Piolin e Grupo de Capoeira Angola Palmares.

I) **Estuda/trabalha?** Estudo **Qual escola?** João Coutinho 1ºEM

Qual trabalho? **O que faz?**

J) **Mora aonde?** Roger

20-

a) **Nome/Apelido:** Josuel

b) **Idade:** 24

c) **Quem te chamou para participar do urso?** Vim sozinho.

- d) Desde quando faz parte?** 2º ano que saio com grupo.
- e) Já conhecia esse urso? Como/de onde?** Muito tempo, desde criança. Via pela rua passar.
- f) Faz o que no urso?** Toco.
- g) O que você acha mais legal no urso?** Gosto de sair na avenida.
- h) Participa de outras atividades? (grupo de capoeira, de samba, quadrilha junina, futebol, igreja... Qual?** Escola de samba Unidos do Roger.
- I) Estuda/trabalha?** Estudo **Qual escola?** João Coutinho
- Qual trabalho?** **O que faz?**
- J) Mora aonde?** Roger

21-

- a) Nome/Apelido:** Wesley
- b) Idade:** 18 anos.
- c) Quem te chamou para participar do urso?** Sou daqui desde criança, minha mãe foi porta bandeira do grupo e eu também já sai como ritmista.
- d) Desde quando faz parte?** Desde dos meus 6 anos.
- e) Já conhecia esse urso? Como/de onde?** Desde criança, pela minha mãe.
- f) Faz o que no urso?** Sou o Urso, mas esse ano vou tocar (ele acabou sendo Urso novamente).
- g) O que você acha mais legal no urso?** Cultura das pessoas, felicidade das pessoas.
- h) Participa de outras atividades? (grupo de capoeira, de samba, quadrilha junina, futebol, igreja... Qual?** Escola de samba Império do Samba - Roger
- I) Estuda/trabalha?** Estudo **Qual escola?** Escola Cidadã Integral
- Qual trabalho?** **O que faz?**
- J) Mora aonde?** Comunidade Asa Branca, no Roger.